

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

DARWIN ARIEL AMADOR VALDEZ

LITERATURA, BORRACHA, BANANA: Brasil e Honduras no Século XX

Manaus, Amazonas/Brasil

2021

DARWIN ARIEL AMADOR VALDEZ

LITERATURA, BORRACHA, BANANA: Brasil e Honduras no Século XX

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), na linha de pesquisa, Espaços, memórias e configurações sociais, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Otávio Rios Portela

Coorientador: Prof. Dr. Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto

Manaus, Amazonas/Brasil

2021

LITERATURA, BORRACHA, BANANA: Brasil e Honduras no Século XX

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), na linha de pesquisa, Espaços, memórias e configurações sociais, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Aprovado em 25/03/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Otávio Rios Portela, Presidente - Presidente
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Prof. Dr. Ernesto Renan Melo de Freiras Pinto - Membro
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Prof. Dr. Rafael Ale Rocha, Titular, Membro Interno - Membro
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Profa. Dra. Tatiana da Silva Capaverde - Membro Externo
Programa de Pós-Graduação em Letras / UFR

DEDICATÓRIA

À memória da minha avó, Úrsula Ochoa

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, Francisco Amador, Gloria Valdez, Francisco Arturo Amador e Michelle Amador.

Aos meus amigos, tanto de Honduras quanto os de Brasil.

Aos meus orientadores, Otávio Rios Portela e Ernesto Renan Melo de Freiras Pinto.

À professora Valéria Moisin de Araújo pela colaboração com meu português.

À professora Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira, pelas sugestões e disponibilização de acervo bibliográfico para composição da pesquisa. Também, a todos os membros da banca examinadora, uma vez que suas observações ajudaram muito nesta pesquisa.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas pelo financiamento dessa pesquisa.

Agradeço também à vida, que me deu a oportunidade de conhecer pessoas tão maravilhosas, entre professores, colegas, amigos e demais bolsistas de outros países, que, como eu, fizeram do Brasil seu segundo lar.

*Dadme mi mar, azul como mi cielo, blanco de alas,
púrpura de picos, mis islas verdes, mis espumas
albas, dadme a Honduras, magnífica y terrible.*

Jorge Federico Traviesso¹

¹ San Francisco, Atlántida, Honduras, 1920—Rio de Janeiro, Brasil, 1953

RESUMO

Através da hermenêutica e dos estudos comparados, relacionamos a literatura, a economia, a história e a sociologia da Borracha, no Amazonas brasileiro, e das Bananeiras, em Honduras, fenômenos que ocorreram no século XX. Para tal estudo, nos enfocaremos nas obras de Ramón Amaya Amador (1916-1966), de Honduras, com ênfase no romance *Prisión Verde* e Álvaro Maia (1893-1969), do Brasil, com o romance *Beiradão*. Em um primeiro momento, se contrastam as características sociais, políticas e econômicas da Borracha e das Bananeiras, enfatizando nos inícios das duas, as consequências depois das suas quedas e o sistema de relações socioeconômicas do aviamento que aconteceram nestes dois fenômenos. Assim, num segundo momento comparamos as implicações destes fenômenos na estética e literatura do Brasil e Honduras na referida época. Voltamos ao projeto latino de independência estética, desenvolvido pelo teórico Ángel Rama, e, partindo disso, com ajuda da teoria de Georg Lukács, discutimos a relação entre experiência literária e consciência de classe. Por último, através da literatura comparada, analisamos os efeitos da Borracha e as Bananeiras no acontecer humano, com base na literatura e sua relação com outras áreas. Esta reflexão surge com base teórica em autores como Hans-Georg Gadamer, da Hermenêutica; Steven Tötösy de Zepetnek, Armando Gnisci e Gilbert Chaitin da Literatura Comparada.

Palavras-chave: Literatura Latino-americana, estudos comparados, Bananeiras, Borracha.

ABSTRACT

Through hermeneutics and comparative studies, we relate the literature, economics, history and sociology of Rubber, in the Brazilian Amazon, and of Bananeiras, in Honduras, phenomena that occurred in the 20th century. For this study, we will focus on the works of Ramón Amaya Amador (1916-1966), from Honduras, with emphasis on the novel “Prisión Verde” and Álvaro Maia (1893-1969), from Brazil, with the novel “Beiradão”. At first, the social, political and economic characteristics of Rubber and Banana are contrasted, emphasizing in the beginning of the two, the consequences after their falls and the system of socioeconomic relations of the aviation that happened in these two phenomena. Thus, in a second moment, we compare the implications of these phenomena on the aesthetics and literature of Brazil and Honduras at that time. We return to the Latin project of aesthetic independence, developed by the theorist Ángel Rama, and, based on that, with the help of Georg Lukács' theory, we discussed the relationship between literary experience and class consciousness. Finally, through comparative literature, we analyze the effects of Rubber and Banana on human events, based on the literature and its relationship with other areas. This reflection arises on a theoretical basis in authors such as Hans-Georg Gadamer, from Hermeneutics; Steven Tötösy de Zepetnek, Armando Gnisci and Gilbert Chaitin from Comparative Literature.

Keywords: Latin-American Literature, Comparative Studies, Banana, Rubber

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| CAPÍTULO 1 | 17 |
| BRASIL E HONDURAS NO CENÁRIO MUNDIAL | 17 |
| 1.1. A Borracha..... | 19 |
| 1.1.1. A época áurea da Borracha | 19 |
| 1.1.2. A queda do comércio gomífero | 21 |
| 1.1.3. A batalha da Borracha: II Guerra Mundial..... | 22 |
| 1.2. As Bananeiras..... | 29 |
| 1.2.1. As concessões de terras..... | 29 |
| 1.2.2. Enclave bananeiro..... | 31 |
| 1.2.3. A greve do 54..... | 34 |
| 1.3. Os Barões da borracha e O Monopólio bananeiro: As misérias dos ouros <i>verde e seivático</i> | 40 |
| CAPÍTULO 2 | 45 |
| O MODERNISMO BRASILEIRO E O REALISMO SOCIAL HONDURENHO | 45 |
| 2.1. As independências estéticas e políticas do modernismo brasileiro e o realismo social hondurenho..... | 45 |
| 2.2. A “episteme” da literatura no Século XX..... | 60 |
| 2.3. O romancista em sociedade: a experiência estética e a consciência de classe | 67 |
| CAPÍTULO 3 | 79 |
| OS CÁRCERES VERDES | 79 |
| 3.1. Hermenêutica, Literatura Comparada e Interdisciplinaridade..... | |
| 3.1.1. Hermenêutica, uma interpretação intertextual..... | 79 |
| 3.1.2. Literatura Comparada: a conversa interdisciplinar..... | 82 |
| 3.1.3. O conflito da conversa..... | 86 |
| 3.2. O sonho infernal: situações inumanas no mato..... | 89 |
| 3.2.1. As formas de viver..... | 90 |
| 3.2.2. As expedições genocidas..... | 93 |
| 3.2.3. Os Ícaros do mato..... | 96 |
| 3.3. Os Judas... e suas redenções?..... | 98 |
| 3.4. As Vênus da floresta: as condutas sexuais no mato..... | 102 |
| 3.4.1. A estratégia da necessidade..... | 109 |
| 3.4.2. A estratégia do momento oportuno: o kairós..... | 111 |
| 3.4.3. A estratégia do status..... | 113 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 117 |
| REFERÊNCIAS | 121 |

INTRODUÇÃO

A literatura não é algo isolado do acontecer político, econômico e social. Além disso, é uma interpretação dos autores de tudo o que os rodeia. A literatura é uma reestruturação da realidade pelo autor, sendo assim uma fonte muito importante sobre a época na qual foi feita.

Os escritores centrais desta pesquisa, Ramón Amaya Amador e Álvaro Botelho Maia, viveram em duas épocas muito importantes para a história de seus países, as Bananeiras e a Borracha, respectivamente, desenvolvendo-se como jornalistas e intelectuais, Álvaro Maia sendo, inclusive, um proeminente político da sua região (Amazonas) e Amaya Amador um importante denunciante das injustiças acontecidas na Costa Norte de Honduras. Estas duas personalidades tiveram a intenção de apoiar seus países, desenvolvendo tanto profissionalmente como literariamente uma missão humanitária que lhes deu a importância que agora têm, Amaya Amador como um dos romancistas mais populares a nível nacional, e Álvaro Maia a nível regional. Ambos são coetâneos, desenvolvendo seus trabalhos literários até meados do século XX.

A Borracha e as Bananeiras são dois períodos históricos que mudaram tanto a política quanto as economias e as sociedades hondurenha e brasileira. Sendo assim, as regiões onde aconteceram, a Costa Norte de Honduras e Amazônia brasileira, tiveram naquele tempo um desenvolvimento econômico, social e infraestrutural mais visível do que nos ciclos anteriores. Estas áreas tiveram eletricidade (Manaus, pelo exemplo, foi uma das primeiras cidades do Brasil em ter eletricidade), trens e demais melhorias.

Em abril de 1916, época na qual as transnacionais bananeiras já eram donas da Costa Norte, nasceu Amaya Amador, em Olanchito, Yoro, um dos territórios onde instalou-se a La Standard Fruit Company e que tornou a Olanchito a segunda cidade mais importante política e economicamente do Departamento de Yoro. Amaya sofreu as injustiças das transnacionais, uma vez que trabalhou em La Standard, aos 23 anos e, assim, escreveu seu primeiro romance intitulado *La Buena Noche del campero Juan Blas*, no ano 1939. Seis anos depois, termina de escrever o que seria sua obra magnânima, *Prisión Verde* (publicada em 1945), nove anos antes da Grande Greve de 54, que foi um protesto dos trabalhadores das bananeiras que, como fruto, colheu-se o Código de Trabalho de Honduras no ano 1959. Este romance relata a história de Martín Samayoa, um antigo proprietário de terras, que, como ele outros tantos, enganado pelas transnacionais, vendeu seus terrenos e agora procurava um emprego na empresa bananeira, em terras que antes eram suas. A obra irá nos relatando as vicissitudes de vários personagens, como Máximo Luján, um jornalista das bananeiras que tenta melhorar as condições de seus parceiros,

o Professor Damián Cherara, que, por não apoiar o continuísmo do regime ditatorial, seria despedido, tendo como única opção de emprego, as bananeiras. A obra tem como ponto principal o desenvolvimento da união jornalreira, que daria como resultado a Grande Greve de 54. Por ser este romance uma evidência das injustiças das transnacionais e também uma inspiração para o proletariado, uma vez que planteia a obrigação dos trabalhadores a se reunir e lutar pelos seus direitos, foi publicado no México e na Guatemala, países onde Amaya Amador teve que se refugiar pela perseguição que recebeu dos governos ditatoriais como de Tiburcio Carías Andino e Julio Lozano Díaz.

A prosa de Amaya Amador é de uma linguagem simples, com palavras de uso cotidiano, seus tópicos evidenciam as injustiças sociais, não apenas dentro do fenômeno das Bananeiras, como em suas obras principais, mas também em outros contextos de Honduras, por exemplo *Cipotes*², um romance ambientado na capital de Honduras e que relata os sofrimentos de irmãos órfãos que tiveram que enfrentar as injustiças da vida da cidade e sobreviver. Além disso, é importante destacar que Amaya Amador foi grande admirador de Francisco Morazán, herói centro-americano, também nascido em Honduras, que lutou incansavelmente pela união de toda América Central e, dessa admiração surge o romance *Los Brujos de Ilamatepeque*, que narra o retorno de ex-soldados morazánicos a seus povos. Dentro desse romance evidencia-se a importância que Morazán deu para a educação de seus soldados. Ao retornar à suas casas, estes irmãos, os protagonistas do romance, sabiam ler e escrever e compreendiam diferentes conhecimentos. Os camponeses, que não abarcavam estes conhecimentos, deram para eles o apelido de “bruxos” e os discriminaram por seu saber.

Por seu agir político de luta a favor dos desprotegidos, grande parte da vida de Amador aconteceu no estrangeiro, já que era declarado inimigo das bananeiras e dos governos de Honduras. Nos seus últimos dias, viveu na Checoslováquia, onde trabalhou na revista *Problems of Peace and Socialism*. Morreu em 1966 em um acidente aéreo, deixando para trás mais de trinta obras, das quais quase dezoito ainda não haviam sido publicadas, destacando delas a *Morazaneida*, uma novela histórica sobre Francisco Morazán, que consta de cinco volumes.

Álvaro Maia nasceu em 1893, em Humaitá, no interior do Amazonas e, este fato influenciou em sua obra. No ano de 1926, foi publicada a obra *Canção de Fé e Esperança* e, em 1943, o livro *Na Vanguarda da Retaguarda*, que trazem crônicas sobre a produção da borracha. Maia trabalhou nos jornais *Comércio*, *Aura* e *o Libertador*. Literariamente foi galardoado pela revista *Redenção*, no ano de 1925, como “príncipe dos poetas amazonenses”. Mas, apesar de

² “Cipotes” é uma palavra hondurenha, para designar às crianças.

sua grande qualidade literária, evidenciada nesse galardão, Álvaro Maia foi reconhecido apenas no Amazonas. No *Beiradão* vamos ler as experiências e atividades do cearense Fábio, em conjunto com o Padre Silveira, na sua canoa ou por terra, nessa viagem pelo Amazonas. Irão, neste romance, além das situações sociais, econômicas e políticas, se incorporando também a fala de outros personagens, nos apresentando uma imagem completa da região e a situação da borracha.

Como podemos ver, Álvaro Maia e Amaya Amador não foram apenas personalidades literárias ou jornalísticas, mas, fundamentalmente, políticas. Obras como *Os Mortos sem sepultura* de Sartre, *Conversações na Catedral* ou *Pantoja e as visitadoras* de Vargas Llosa, e até *Cem Anos de Solidão* de García Márquez, todas do Século XX, vão trazer à literatura esse aspecto de crítica social, isto porque os artistas no geral, começaram a olhar a arte não apenas com uma finalidade estética, mas também, como uma finalidade política. Os artistas do Século XX, em maior ou menor medida, irão desenvolver-se como personalidades políticas. Pablo Neruda era abertamente comunista (ao ponto de escrever um poema em honra ao Stalin), e foi exilado por criticar o governo de González Vindela. Assim, é pertinente estudar nestes autores a relação entre estética e a política e como essa nova faceta do literato vai influir na sua maneira de perceber e criar sua arte.

Surgem, portanto, nesse elo estético-político, em Honduras, o Realismo Social e o Modernismo no Brasil. O Século XX foi um tempo de muitos conflitos e, é preciso lembrar que as duas guerras mundiais sucederam neste século. Logo, os artistas inseridos neste ambiente de lutas sociais, tanto dentro de seus países como fora, sentiram a necessidade - ou obrigação - de utilizar a literatura como uma ferramenta para criticar politicamente. O Realismo Social hondurenho nasce em resposta à ingerência estrangeira representada nas transnacionais bananeiras (CÁRDENAS, 2011). As injustiças ali cometidas e o nefasto jornalismo nacional³, estimulou na literatura a crítica social e, além disso, documentar todo o ocorrido nesse tempo. Ao ponto que obras como *Destacamento Rojo* (publicado no 1962) de Amaya Amador, são utilizadas por historiadores como fonte para entender a época (BECERRA, 1982)⁴. Então, a intenção política dos realistas sociais de Honduras era de evidenciar e protestar as tiranias do governo e do Enclave Bananeiro. Em outras palavras, o intelectual hondurenho do Século XX,

³ Sempre no romance "Biografía de un machete", Amaya Amador vai afirmar que os jornalistas nacionais não fazem crítica às injustiças das transnacionais nem dos políticos, mas apoiam os regimes e utilizam seu poder mediático para manter o povo enganado, até gerando notícias falsas em favor do governo. Neste clima, a literatura vem a fazer essa crítica que deveria fazer o jornalismo.

⁴ Extraído da apresentação do romance "Destacamento Rojo" que fez Longino Becerra para a edição do ano 1982.

foi um intelectual antissistema, inimigo das instituições que, tendo a obrigação de velar pelo bem-estar nacional, arremetiam contra a soberania para enriquecer às custas do povo hondurenho. Assim, o escritor hondurenho daquela época, descrevendo a realidade, fez uma crítica a tudo o que foi feito contra o povo. Quanto ao estético, essa finalidade política fez com que os romancistas realistas socialistas incorporassem dentro do discurso literário, uma renovação da linguagem para se aproximar do povo hondurenho⁵, assim a linguagem se enriquece e revigoriza. Dessa forma, a ideologia e a estética do Realismo Social hondurenho, apareceram em uma necessidade histórico-política: foram os fenômenos das transnacionais e dos governos corruptos que levaram os escritores nacionais à crítica social e à militância política, a favor de um povo que era explorado sem ter quem falar por ele.

A intenção política do Modernismo brasileiro foi um pouco diferente. O segundo Modernismo ou Geração de 30 (1939-1945), ao qual pertence Álvaro Maia, vem a se encaixar no projeto político do Estado Novo que instaurou Getúlio Vargas. A Geração de 30 e o Estado Novo tinham a mesma intenção política: a criação de uma nacionalidade brasileira (RAMOS, 2016). Assim, os modernistas adquirem uma função política de ser os guias nessa “*salvação da nação*”⁶ (RAMOS, 2016), através de uma literatura enfocada no regional, nas vivências e nos problemas, em especial do norte do Brasil. Nessa época, o problema que atormentava o Amazonas era o fim do período áureo da Borracha. A literatura modernista virou-se em uma tentativa de explicar e descrever a crise econômica, social e política, deixada com o fim da Borracha. Foi uma manifestação regional da crise da superprodução como também aconteceu em Minas Gerais, com o leite, e em São Paulo, com o café. Surgem ali duas questões: uma aparente saudade da borracha e a reestruturação do “amazônico” pos-borracha. Da saudade da borracha vai se desenvolver sua defesa como resultado da crise generalizada que sofre o Amazonas; e da reestruturação do “amazônico” depois da borracha, vai prevalecer o nativo, o seringal como tema recorrente dessa literatura. Como se pode ver, o modernismo da Amazônia, não tinha a intenção política de criticar, como sucedeu no Realismo Social hondurenho, mas de criar uma identidade amazônica. O literato tem uma função social, contudo não de crítico do governo ou do fenômeno econômico que se instalou na região, senão dentro

⁵ Antes disso, a literatura hondurenha incorporava falas que não eram propriamente do espanhol hondurenho. A linguagem literária estava plagiada de variáveis dialectais como o “tú”, apesar de que na sociedade hondurenha ninguém fala assim, já que o dialeto hondurenho fala com “vos” e muito poucas vezes com “usted”. Assim, se tinha esse preconceito que a literatura só poderia ser feita com variáveis dialetais estrangeiras, o realismo socialista deu, então, um valor estético-literário às falas hondurenhas.

⁶ Lembremos da crise econômica da época, que ajudaria de algum jeito, ao Getúlio Vargas chegar ao poder.

do programa estabelecido pelo governo, cuja intenção era reestruturar a sociedade e economia amazonense⁷.

Como podemos observar, embora o romancista modernista e o romancista realista tenham feito da literatura uma ferramenta no seu acionar político, suas missões foram um pouco diferentes, enquanto o realista social pretendia questionar ao governo hondurenho, o modernista acompanhava o governo brasileiro do Estado Novo para criar uma nova estrutura na sociedade amazonense. Nesta diferença destaca-se que os dois foram a imagem representativa do que foi o Realismo Social hondurenho e o Modernismo da geração 30 do Brasil, já que Amaya Amador criticou o governo ao ponto de ser exiliado e Álvaro Maia foi um político bem-sucedido, sendo governador do Amazonas, nos períodos 1930-1933 e 1935-1945.

Assim, a pesquisa vai indagar nessa diferença epistemológica que se deu desde as ideologias divergentes dos dois movimentos literários que, apesar de ter visões políticas tão distantes, tiveram em comum esse resgate da linguagem cotidiana, esse olhar ao regional e essa descrição da sociedade daquela época.

Esta pesquisa desenvolve os aspectos político, econômico e o social, que será descrito no primeiro capítulo. Ali, se faz um comparativo nesses aspectos, as similitudes e diferenças da borracha brasileira e as bananeiras hondurenhas. Estas mudanças vêm repercutir na arte, como é no caso da literatura. Já com esse corpo comparativo no nível político e socioeconômico, no segundo capítulo se faz uma relação entre esses aspectos e como vão repercutir na estética e epistemologia da arte. No terceiro capítulo, vamos analisar e comparar as obras destes dois autores, representadas principalmente por *Prisión Verde* de Amaya Amador e *Beiradão* de Álvaro Maia.

A pesquisa é um diálogo com a crítica marxista, a Literatura Comparada e o método hermenêutico, de Hans Georg Gadamer da sua obra *Verdade e Método* (1997). Este estudo interdisciplinar gira em três momentos: um primeiro momento de aspecto sociológico e econômico, focado na Borracha e nas Bananeiras, analisando o acontecer histórico e as mudanças que sucederam. Em outras palavras, se farão comparações tanto no âmbito econômico e no político dos dois fenômenos, com a intenção de entender como as sociedades são afetadas pelos atos econômicos em tela; um segundo momento que vai desenvolver o relacionamento entre a estética e a política, que inegavelmente aconteceu no século XX, para

⁷ Para a época de Getúlio Vargas, Álvaro Maia foi governador nos anos de 1930, ano em que Vargas toma posse da presidência, ao ano de 1933, no governo provisório. Para a época da Segunda Guerra Mundial, quando acontece a Batalha da Borracha, Álvaro Maia era governador e inclusive foi ele quem escreveu o "Decálogo do seringueiro", um tipo de oração com intenções de inspirar aos soldados.

compreender as particularidades que o Modernismo brasileiro e o Realismo Social hondurenho tiveram e como os aspectos econômicos e políticos influíram nos cânones e as abordagens que os escritores fizeram do acontecer social. Finalmente, tudo isso desemboca nas obras literárias de Amaya Amador e Álvaro Maia e, passamos assim das generalidades ao específico: *Prisión Verde* e *Beiradão*. Estas duas obras-primas como base, se compararão as similitudes e diferenças, as formas nas quais descrevem os aspectos políticos, econômicos e culturais da época e até a posição política que eles mesmos como criadores pegaram em relação à Borracha e às Bananeiras.

A pesquisa é inovadora ao ser uma das primeiras vezes que se compara a Borracha brasileira e as Bananeiras hondurenhas, mas também ao trazer esse relacionamento entre a literatura e a economia⁸. Por sua vez, não podemos esquecer seu valor de ponte sociocultural entre duas nações: Honduras não conhece muito do Brasil e o Brasil tampouco conhece de Honduras.

Honduras se tornou independente da Espanha em 15 de setembro de 1821, se anexando, junto com toda a América Central, ao México por dois anos, logo se estabelecería a República Federal de Centro-América, que duraria até 1839. Nesta época Francisco Morazán seria uma personalidade muito importante na região, como protetor desse sonho de uma América Central, sonho que o levou à morte no ano 1842, com ele seria a queda da República Federal.

Honduras está localizada entre Guatemala, El Salvador e Nicarágua:



Mapa de Honduras⁹

Tem um território de 112,492 km² e conta com uma população de 9,357,701 habitantes¹⁰, sendo o segundo país mais populoso da região, só superado pela Guatemala. A

⁸ Existem apenas alguns artigos isolados em língua inglesa e o livro recompilatório "Economía y Sociedad" em língua espanhola.

⁹ <http://www.famsi.org/spanish/maps/honduras.htm>

¹⁰ <https://www.ine.gob.hn/V3/> consultado no dia 20/11/2020

sendo o único país lusófono da América; porém existem mais de duzentas línguas indígenas e, em algumas regiões, como no Sul, fala-se também o alemão e o italiano¹⁵. O país tem como capital federal a cidade de Brasília, inaugurada em 21 de abril de 1960.

Como podemos observar, ambos os países possuem história e cultura diferentes e, por meio da literatura, esta pesquisa os aproxima que, talvez por suas discrepâncias culturais e territoriais não foram ainda exploradas. Contudo, um aspecto pessoal, este estudo surge de dois poemas em honra ao Brasil, do poeta hondurenho Juan Ramón Molina¹⁶, intitulado “*Salutación a los poetas brasileiros*”:

*“Con una gran fanfarria de roncós olifantes,
con versos que imitasen un trote de elefantes
en una vasta selva de la India ecuatorial,
quisiera saludaros -hermanos en el duelo-
en las exploraciones por la tierra y el cielo,
en el martirologio de los circos del mal.*

*Mi Pegaso conoce los azules espacios.
Su cola es un cometa, sus ojos son topacios,
el rubio Apolo y Marte cabalgarían en él;
relinchará en los céspedes de vuestro bosque umbrío,
se abrevará en las aguas de vuestro sacro río,
y dormirá a la sombra de vuestro gran laurel!*

*Venir pude en la concha de Venus Citerea,
sobre el áspero lomo del león de Nemea,
en el ave de Júpiter o en un fiero dragón;
en la camella blanca de una reina de Oriente,
en el cuerpo ondulante de una alada serpiente,
a bordo de la lírica galera de Jasón.*

*O en la fornida espalda de un genio misterioso,
o envuelto en la vorágine de un viento proceloso,
o de una negra nube en el glacial capuz;
en la marea argentina de una luna de mayo,
asido del relámpago flamígero de un rayo,
o con los duendes gárrulos que juegan en la luz.*

*Mas en Pegaso vine desde remotos climas,
señor, príncipe, rey o emperador de rimas
sobre el confuso trueno del piélagó febril:*

*¡Salve al coro de Anfiones de estas tierras fragantes!
¡A todos los orfeos del país de los diamantes!
¡A todos los que pulsán su lira en el Brasil!*

Tal digo, hermanos míos en la prosapia ibérica.

¹⁵ <https://www.labeurb.unicamp.br/elb>

¹⁶ Juan Ramón Molina é, sem dúvidas, o maior poeta de Honduras, destacando sua qualidade poética no movimento modernismo hispano-americano. Sua grandeza foi tanta que no Premio Nobel de Literatura, Miguel Ángel Asturias, escreveu um artigo intitulado “Juan Ramón Molina, Poeta Gemelo de Rubén” (artigo disponível em: <http://revistas.ues.edu.sv/index.php/launiversidad/article/viewFile/1327/1255>), comparando-o com Rubén Darío, fundador do Modernismo hispano-americano e uns dos mais grandes poetas da língua espanhola, apelidado “O Príncipe das línguas castelhanas”.

*Saludemos la gloria futura de la América,
que todas las espigas se junten en un haz.
Unamos nuestras liras y nuestros corazones,
que ha llegado el crepúsculo de las anunciaciones,
para que baje el ángel de la celeste paz!*

*Augurio de ese día se ve en el horizonte.
Hoy tres aves volaron desde un florido monte;
yo las miré perderse en el naciente albor:
un cóndor –que es el símbolo de la fuerza bravía–
un búho –que es el símbolo de la sabiduría–
y una paloma cándida –símbolo del amor–.*

*Dijo el Cóndor, gritando: la unión da la victoria,
el búho, en un silbido: el saber da la gloria,
la paloma, en su arrullo: el amor da la fe.
Yo –que escruto el enigma de nuestro gran destino–
ante el casual augurio del cielo matutino
siguiendo los tres pájaros en éxtasis quedé.*

*Pero Pegaso aguarda. Sobre su fuerte lomo
gallardamente salto en un instante, como
el Cid sobre Babieca. Me voy hacia el azur.
¿Acaso os interesa mi suerte misteriosa?
¡Buscadme en mi magnífico palacio de la Osa,
o en mi torre de oro, junto a la Cruz del Sur!”*

CAPÍTULO 1. BRASIL E HONDURAS NO MERCADO MUNDIAL

*“sofrer o esquema falso e não ceder
mas avisar aos outros quanto é falso;
dizer também que são coisas mutáveis...
E quando em muitos a noção pulsar
— do amargo e injusto e falso por mudar
então confiar à gente exausta o plano
de um mundo novo e muito mais humano”.*

Geir Campos¹⁷

A América Latina insere-se em um comércio internacional como produtor de matérias primas vendidas às potências econômicas, como Grã-Bretanha, Alemanha, França e Estados Unidos. Como explica Bulmer (2017, p. 57), os políticos latino-americanos consideravam que era o melhor caminho para os países latinos, alguns deles recentemente independentes, para avançar economicamente. Honduras tornou-se o maior exportador de banana e as demais importações foram mermando até que a banana foi o produto com maior exportação de Honduras (ACEVEDO, 2017, p. 23). No Brasil, o café, o açúcar e a borracha foram os produtos com maior exportação. Em 1827, se registra o primeiro embarque de borracha, com 31 toneladas e para o ano de 1880, já era cerca de 7.000 (PRADO JR., 1981, p. 178). Sete anos depois, era já mais de 17.000 toneladas de borracha.

Pontualmente com o café, o Brasil importava quase 70% da produção mundial (BULMER, 2017, p. 66). Porém este posicionamento econômico e político baseado nas exportações apresentou alguns problemas. Houve perspectivas contrárias e conflitivas entre si:

Durante el periodo transcurrido entre mediados del siglo XIX y la primera Guerra Mundial las cuestiones clave del debate público no eran tanto económicas como políticas: liberalismo contra conservadurismo, centralismo contra federalismo, las relaciones entre la Iglesia y el Estado, positivismo y organización social, cuestiones raciales, la naturaleza de la constitución, etc. Las cuestiones económicas, que han ocupado lugar tan importante en el debate público en la segunda parte del siglo XX, causaron relativamente pocas controversias después de mediados del siglo XIX. Se había resuelto la cuestión del libre comercio, se consideraba aceptable cierto grado de protección para la actividad interna y, en general, se alentaban la inversión y la inmigración extranjeras (BULMER, 2017, p. 59).

As políticas econômicas dos Estados estavam mais preocupadas com o setor exportador que com as repercussões destas exportações na economia nacional. Achava-se, de forma confusa, que o aumento da exportação desenvolveria a estrutura econômica em geral. Predominou-se o capital estrangeiro e, em algumas nações alentou-se a migração. Casos como

¹⁷ (1924-1999) poeta, escritor, jornalista e tradutor brasileiro.

as transnacionais bananeiras, em Honduras, ou a Fordlândia, no Brasil, são resultados dessa visão política. As exportações lideravam e guiavam o desenvolvimento dos países latino-americanos. As ferroviárias, necessárias para a movimentação do produto, foram atividades complementárias do setor exportador. Segundo os líderes latinos, sempre que o setor exportador se expandir, também aconteceria com a economia em geral.

Segundo Bulmer, 70% dos tributos dos Estados latinos provinham da exportação, que, na sua maioria, dava-se com as quatro potências antes mencionadas:

Al llegar la segunda mitad del siglo XIX la Revolución Industrial había creado cuatro potencias económicas mundiales (Gran Bretaña, Francia, Alemania y Estados Unidos), cuyo crecimiento estimado del PIB aparece en el cuadro III.1. A su vez, estas tasas de crecimiento generaron una demanda de importaciones (también registrada en el cuadro III. 1), que en general —con la principal excepción de Estados Unidos— creció con más rapidez que el PIB real.

Enorme fue el peso específico de estos cuatro países en la economía mundial. En el último cuarto del siglo XIX sumaban casi 60% de las exportaciones e importaciones mundiales, y desempeñaban un papel predominante en el comercio exterior de América Latina (BULMER, 2017, p. 62).

Contudo, as exportações baseadas em metais preciosos, comércio herdado da época colonial, mudaria entre meados do século XIX e início da Grande Guerra Mundial como resultado da Revolução Industrial. Seriam os Estados latinos que liderariam os mercados das matérias-primas, de natureza agrícola. O Brasil seria o maior exportador de café e borracha, Argentina e Uruguai de lã, México com a *agave fourcroydes*, que era exportada para os Estados Unidos da América, Honduras com a banana e, assim, novos produtos foram incorporados ao comércio. No entanto, estes novos produtos não expandiram a diversidade de exportações. Deu-se, na maioria dos casos, uma mudança monopolizadora dos produtos tradicionais aos novos produtos:

En la mayoría de los países (véase el cuadro III.2) un solo producto representaba más de 50% de las exportaciones en 1913; sólo en dos países (Argentina y Perú), el artículo principal participó con 25%. Los dos bienes más importantes sumaban más de 50% del total en 18 repúblicas, más de 70% en 13 de ellas, y más de 90% en otras tres naciones (BULMER, 2017, p. 70).

A produção latina foi se desenvolvendo na venda de um produto, como no caso de Honduras, ou alguns produtos específicos, como Brasil ou Argentina. Com uma produção de tal maneira, a América Latina dependia muito mais do comércio exterior¹⁸, em outras palavras, gerou-se uma economia da dependência. Quando chegou a crise do início do século XX, todos os países foram afetados. O Brasil, em 1928, por exemplo, arrecadou apenas 42,4% dos tributos federais das importações e iria reduzindo-se ao ponto que, esse encargo governamental tivesse

¹⁸ Tomemos a borracha como exemplo.

um acúmulo de apenas 10% (BULMER, 2017, p. 190). Como veremos neste capítulo, baseia-se nas importações e não desenvolveu a economia da região.

1.1. A Borracha

1.1.1. A época áurea da Borracha

Com a chegada da nova indústria veicular, da qual a seringa era uma matéria-prima, a borracha tornou-se um produto procurado no comércio internacional. Como explica Teixeira, foram três períodos básicos de ocupação da terra na Amazônia brasileira. O primeiro foi a exploração das drogas, o segundo, chamado de o “Ciclo agrícola” e o terceiro, a Borracha. Uma diferença fundamental da Borracha com os outros períodos, foi a importância cultural e econômica que cidades como Belém e Manaus adquiriram neste período:

Foi neste período que as duas cidades mais conhecidas da região –Belém e Manaus– ganharam importância como centros de comércio e de cultura. O maior dinamismo que teve a economia amazônica resultou efetivamente desse ciclo, o qual se iniciou na segunda metade do século XIX e atingiu sua fase mais expressiva na primeira década do século XX (TEIXEIRA, 2019, p. 41).

A extração do látex deu uma ocupação progressiva das regiões onde encontrava-se a *hevea brasiliensis*. Assim, ocorreu uma ocupação da terra baseada nesta árvore. A exploração da extração do látex não tinha interesse propriamente na terra, mas na quantidade de árvores desta espécie que a terra possuía:

A forma como se dá a produção extrativa torna a terra um bem praticamente desprezível, considerando-se não a terra em si mesma, mas a riqueza de que dispõe em bens naturais. Nesse sentido deve ser ressaltado que, na sua apropriação, a terra é considerada não propriamente meio de produção, mas objeto de produção, o qual abriga toda a riqueza que faz parte do mundo natural (TEIXEIRA, 2019, p. 44).

Esta relação com a natureza é diferente da que ocorre com a exploração agrícola. O que importa é a extensão das terras que contenham quantidades mais ricas e abundantes de bens naturais. Surgem assim dois problemas. O primeiro foi a relação entre as leis e a natureza da exploração extrativista. Leis como a N^o. 1.114, de 27 de setembro de 1860, não estavam adequadas ao extrativismo, pois estabelecia que o limite não poderia ultrapassar “meia légua de frente e outro tanto de fundo” (TEIXEIRA, 2019, p. 43), no entanto, esse limite não era compatível com o extrativismo. Dessa maneira, os seringalistas preferiram a ocupação de posse efetiva. O segundo grande problema foi a relação que os seringalistas tiveram com os povos locais.

Os seringais que ficavam perto dos rios eram territórios nos quais habitavam as tribos indígenas. Com o objetivo de ficar com as terras, os seringalistas assaltavam e assassinavam os indígenas¹⁹, ou retinham-no à força para trabalhar nos seringais:

Assim, na medida em que crescia a procura do produto, oriunda da Europa e dos Estados Unidos, devia crescer também a pressão sobre a mão de obra indígena. O resultado de tudo isso foi que se chegou à utilização de procedimentos ousados para recrutá-la, não se excluindo a chantagem do sequestro de mulheres e crianças (TEIXEIRA, 2019, p. 46).

Este processo só diminuiria com a chegada dos nordestinos na década dos oitenta. Os nordestinos, a maioria vindos do Ceará, chegariam refugiados das secas e do monopólio das terras da região. A seca, de 1877, concordaria com a época na qual a Borracha estava se expandindo como um negócio de lucro. A agricultura nordestina, que no tempo da guerra civil dos Estados Unidos tinha tido uma prosperidade considerável, com o fim da guerra, voltou a uma economia de subsistência (FURTADO, 1974, p.132). De modo que, sem terras para trabalhar e com as constantes secas assolando a região, os nordestinos viram na Borracha uma solução para os problemas. Outra razão, como explica Bulmer, foi a abolição da escravidão:

Más graves fueron las fricciones con potencias europeas causadas por el comercio en general, y por ciertos inversionistas en particular. Brasil rompió relaciones diplomáticas con Gran Bretaña tras los vigorosos esfuerzos de ésta por suprimir el tráfico de esclavos (BULMER, 2017, p. 57).

Na verdade, a exploração da borracha, já no ano de 1870, estava se consolidando como uma economia crescente, impulsionada pelo estabelecimento da grande indústria na América do Norte e Europa. Foi nesta época que Manaus e Belém²⁰, ganharam importância como centros de comércio e cultura (TEIXEIRA, 2019, p. 42), foram uma das primeiras cidades do país a possuir energia elétrica pública e, também, surgiram novos povoados e centros urbanos na região. A Escola Universitária Livre de Manaus, fundada em 1909, mais tarde conhecida como Universidade de Manaus (agora Universidade Federal do Amazonas, UFAM) seria a primeira instituição de educação superior do país²¹. Além disso, no mesmo período, no ano 1896, terminaria a construção do Teatro Amazonas, considerado um dos teatros mais belos do mundo e que representa o apogeu cultural e econômico que chegou à região na época da borracha.

¹⁹ Na Colômbia tem-se também estes casos. Chamou-se de “*Genocídio de Putumayo*” à escravidão, etnocídio e massacres acontecidas na época da Borracha na floresta colombiana, nos Rios Putumayo e Caquetá.

²⁰ Não apenas na Amazônia brasileira, mas também no Peru e Colômbia desenvolveu-se a economia da borracha. A cidade peruana de Iquitos, pelo exemplo, conseguiu um crescimento econômico e cultural, tornando-se o epicentro das atividades gomífera e que desenvolveria, ao igual que Belém e Manaus, uma arquitetura europeia, ferrovias urbanas e eletricidade. Em Colômbia, também, temos o caso da região de Putumayo, que, como explica a antropóloga Gina Paola Sierra, desenvolveu para a região, uma melhor comunicação com o resto do país, impulsionado isto pelo transporte da borracha.

²¹ <https://www.ufam.edu.br/historia.html>

1.1.2. A queda do comércio gomífero

A borracha não era um negócio sólido, visto que vários fatores comprometeriam seu lucro. No ano de 1918, a produção asiática de borracha superava dez vezes mais do que o Amazonas brasileiro produzia²². Somado a isso, está também, a queda geral das exportações. Não apenas a borracha, o café e o açúcar também sofreriam uma situação de desequilíbrio e crise, na qual só se sustentaria por meio do consumo local e leis que protegeriam o rubro (TEIXEIRA, 2019). Dessarte, a política da valorização do café e a inflação de crédito ajudou à produção dele se manter ascendentemente (FURTADO 1974, p. 178). Porém, esta política deixaria o governo endividado com empréstimos externos destinados à sustentação do café. A produção do açúcar, por sua parte, desceria quase a metade (SODRÉ, 1976, p. 221), sem ajuda alguma do governo. O açúcar e, também o algodão, se sustentariam pelo consumo interno.

A pouca influência política dos barões da borracha, nota-se na escassa ajuda do governo para a crise da superprodução que afetou à borracha e demais produtos. A “*política do café-com-leite*” instaurada na presidência de Campos Sales, estava orientada a auxiliar as elites econômicas de São Paulo e Minas Gerais, cujas economias dependiam desses produtos.

Nesse sentido, os produtos de exportação mais importantes do Brasil, como o café, o algodão, o açúcar e a borracha, sofreriam as consequências da crise dos dez anos do século XX. No entanto, a crise da borracha foi ainda mais grave do que a dos demais produtos. O café, o algodão e o açúcar tinham um mercado local no qual podiam, contudo, se inserir; com a borracha não acontecia assim. A borracha dependia inteiramente do mercado internacional para sua existência e lucro:

Com relação ao consumo interno, não só inexistia um parque industrial capaz de absorver uma produção excedente, como também não se formou na Amazônia, a exemplo do que ocorrera em São Paulo, um mercado mais diversificado que pudesse ter atraído os capitais provenientes do comércio da borracha (TEIXEIRA, 2019, p. 58).

O interesse pela borracha não surge regionalmente, mas, impulsionado pela indústria automobilística estrangeira. Desse jeito, o produto excedente não podia ser absorvido pelo comércio local, já que era alheio às necessidades da região e, portanto, não havia mercado para ele. Por outro lado, a chegada da produção asiática com maior volume e preços mais competitivos, complicaria ainda mais a situação.

O sistema do aviamento e o regime do *toco*, que eram as formas de relações socioeconômicas, reguladas pelo barracão, impediam um preço competitivo. O barracão, cujo

²² Um quadro, adaptado da Superintendência da Borracha e Anuário Estatístico, pelo Roberto Santos em seu livro *História econômica da Amazônia* (1977, p. 234), nos apresenta que Ásia produzia 381.860 toneladas contra 34.285 produzidas pela Amazonas.

objetivo primário era a regulação de mercadorias dadas e recebidas, por meio do monopólio destas. Na época áurea, como explica Teixeira, estava proibida toda atividade que não fosse a extração, já que possibilitava outras formas de vida não reguladas pelos coronéis:

Torna-se evidente, entretanto, que a roça interferia na rígida estrutura do barracão, sobretudo porque apontava para a possibilidade de organização de formas de vida mais independentes, especialmente naquelas áreas onde a agricultura de várzea já era praticada antes da borracha (TEIXEIRA, 2019, p. 110).

Neste sentido, mantinha-se o barracão como o único lugar no qual o seringueiro podia adquirir os produtos de consumo. Nesse monopólio do barracão, os preços, tanto dos produtos de consumo quanto da borracha, ficavam ao livre-arbítrio do coronel. Os produtos fornecidos pelo barracão eram dez vezes mais caros do que custavam no Rio de Janeiro (TEIXEIRA, 2019, p. 56). Proibida a prática de qualquer outra atividade que não fosse a borracha, na época áurea, o charque era a única forma do seringueiro comer proteínas, portanto, era um produto fundamental na região. Na primeira década do século XX, a indústria do charque sofreu a concorrência de outros produtores externos no comércio interno e os interesses monopolizadores.

Não foi apenas a produção asiática, mas vários fatores bateram a frágil e dependente economia gomífera (TEIXEIRA, 2019, p. 59). Houve, apesar da pouca influência política dos barões da borracha, alguns intentos de auxílio, como a Superintendência de Defesa da Borracha, cujas ações foram insuficientes para impedir a decadência da economia gomífera. Henry Ford também tentou resgatar a borracha e, em 1934, fundaria a Fordlândia, contudo diferentes fatores (GRANDIN, 2009), entre eles uma praga de fungo, impediria o ressurgimento da economia gomífera.

1.1.3. A batalha da Borracha: II Guerra Mundial

Primeiro é importante lembrar que, assim como explica Carlos Teixeira, as divisões entre Primeiro e Segundo Ciclo da Borracha não é adequada sob uma ótica das relações sociais acontecidas nestes “ciclos”, já que, se analisarmos ambos os ciclos, veremos suas grandes similitudes: o sistema de aviamento e os barracões, as situações de exploração e o desenvolvimento de uma economia submissa a um mercado estrangeiro, foram comuns tanto na Época Áurea da Borracha como na Guerra da Borracha ou “Segundo Ciclo da Borracha”. Assim que, para tal caso, utilizaremos as obras de Álvaro Maia²³ para representar melhor as situações do Ciclo da Borracha, porém Álvaro Maia tenha escrito apenas da época áurea, as similitudes políticas, econômicas e sociais são evidentes, além disso, também está a relevância

²³ No subcapítulo *Hermenêutica, Literatura Comparada e Interdisciplinaridade* explicaremos as relações que existem entre as diversas disciplinas.

política de Álvaro Maia na época da batalha da borracha, uma vez que foi ele quem escreveu a “decálogo do seringueiro” e que, naquele momento era o Interventor do Amazonas.

No ano de 1930, a parceria entre Minas Gerais e São Paulo chegaria ao seu fim quando o presidente Washington Luís nomeou como sucessor Júlio Prestes, que, no momento, era o governador de São Paulo. Isto, romperia a harmonia entre os dois, o que desataria um conflito militar entre as duas potências políticas. Contudo, este não foi o primeiro problema:

Antes de 1930, los desacuerdos entre políticos paulistas y mineiros condujeron a un breve interregno, tiempo en el que el gobernador de algún otro estado estuvo a cargo hasta que los líderes de São Paulo y Minas Gerais acordaron nuevamente los términos para llevar a cabo la rotación presidencial. La llegada de Vargas al poder cambió este acuerdo e inició un nuevo estilo para las elecciones presidenciales, que finalmente falló y terminó con la toma militar del poder en 1964 y sus más de dos décadas de gobierno (WOLFE, 2015, p. 79).

Na verdade, quando Getúlio Vargas tomou o poder com apoio da maioria do exército, destruiu toda aspiração de democracia. Seu governo seria de 1930 a 1945, os primeiros 7 anos como presidente provisional e logo como ditador. Em 1950, seria eleito presidente novamente, governando de 1951 até seu suicídio, em 1954. Ele pretendia, através dos sindicatos populares e de programas educativos e culturais, centralizar o poder no Rio de Janeiro. Efetivamente, a presidência de Getúlio Vargas estava respaldada não apenas por militares (que nessa época, tanto na República Velha quanto na República Nova, eram quem mantinham o poder), mas também por donos de terra, políticos de todo o país que consideravam que estavam perdendo o poder, mas também pela classe média urbana (SKIDMORE, 2010).

A Grande Depressão deu à Vargas o cenário pertinente para uma *política de massas*. As discussões sobre o governo de Vargas são divergentes. Ricardo Antunes, por exemplo, argumenta que Vargas, com as leis que foram aprovadas em seu mandato, ajudou à classe trabalhadora. Outros, como John D. French, afirmam que os líderes dos sindicatos se aproveitaram da estrutura feita pelo “*Padre dos Pobres*” (como a propaganda governamental chamava-o) para tomar o controle. No que concordam a maioria é que a Grande Depressão contribuiu para a eleição de Vargas. No governo dele, que durou quinze anos, procurou uma reestrutura do Brasil em âmbitos como a economia, a cultura e a política:

As décadas de 30 a 40 do século passado trazem em seu bojo a exacerbação de ideologias de viés ditatorial, fascistas e nacionalistas, defensoras de um Estado forte, centralizador capitaneado por um líder que corporificava a identidade nacional (CAPELATO, 2003, p. 110).

No Amazonas se veria esse projeto, na época da Segunda Guerra Mundial, com o êxodo dos nordestinos novamente à região. O Brasil foi um dos poucos países da região que participou ativamente na Segunda Guerra Mundial, se destacando em algumas expedições

como o esquadrão da Força Aérea Brasileira (FAB) ou a Força Expedicionária Brasileira (FEB), com sua famosa insigne da cobra fumando. Porém, não foram apenas estes soldados que atuaram em território europeu, os únicos que sofreram as atrocidades da guerra. Uma outra guerra desenvolvia-se em território brasileiro, a esquecida *Batalha da Borracha*. Estes soldados começaram sua cruenta guerra no início da década de 1940, quando as forças japonesas invadiram os seringais da região gerando uma queda de quase 90% do mercado asiático e assim, os aliados ficariam sem este produto fundamental na sua indústria bélica.

Muitos deles morreram por conta do território e os que conseguiram sobreviver, nunca receberam as condecorações ou pensões que o governo prometeu a eles (PINHEIRO, 2014)²⁴. Assim, como introduz Frederico de Oliveira Lima, o silenciamento dos soldados da borracha foi tão sistemático que ao se aproximar do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), eram rejeitados com as mesmas palavras: nada consta em nossos arquivos (LIMA, 2014, p. 13).

Como foi citado, duas coisas, no início isoladas, encontraram-se e deram espaço à Batalha da Borracha. A crise econômica de 1929, ano da queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque, daria como consequência a Revolução de 1930, chegando ao poder Getúlio Vargas. Por ser uma região com um número considerável de indígenas e povos originários, a Amazônia,

era considerada como despovoada ou precariamente povoada por seres humanos que se encontravam em um estado assemelhado ao da selvageria, sendo ainda caracterizados por um marasmo imenso que os impediam de alcançar padrões societários e civilizatórios mais elevados sem o apoio externo. (LIMA, 2014, p. 59).

Inclusive o caboclo, que era miscigenação de branco com índio, era considerado preguiçoso e inculto, sendo incapaz de desenvolver e proporcionar o processo cultural e econômico que a região amazônica necessitava, segundo o Estado Novo.

Para tal caso, Getúlio Vargas escolheu o povo cearense como aqueles capazes de desenvolver cultural e economicamente o Amazonas, discriminando o nativo, sob o preconceito de que ele era inferior moral e culturalmente²⁵. Fábio Moura, do romance *Beiradão*, representa o ideal do cearense, como analisa Neide Gondim, uma vez que:

Exerceu um humanismo caboclo, onde o mínimo que ofertava era o máximo em termos de modelo e ajuda entre os homens humildes que o cercavam. Estabelecido no beiradão, casado e com filhos, não impede o relacionamento destes com os índios. Pelo contrário, semeia o germe de uma sociedade que comporia, juntamente com o nativo, a população amazônica (GONDIM, 1996, p. 96)

²⁴ Prefácio do livro "Soldados da borracha" de Frederico Alexandre de Oliveira Lima.

²⁵ Mais que uma visão política, era também acadêmica. Sem-fim de personagens da época descreviam ao Amazonas e sua gente de forma preconceituosa, como selvagens e incultos. Temos, pelo exemplo, a Alberto Rangel e a descrição que fez do Amazonas no livro *Inferno Verde*; outro era Djama Batista no livro *O Complexo da Amazônia*, quando descreve ao povo amazonense como preguiçoso, herança, segundo ele, de sua raiz ameríndia. Outro foi Alfredo Ladislau, no livro *Terra Imatura* quando julga ao caboclo e tapuio como fracos, indolentes, broncos e alcoólatras (LADISLAU, 2008, p. 79).

Portanto, o cearense premido pela seca, e tocado em seus brios e patriotismo, viu-se instado a vir novamente para o vale amazônico, ajudando a incorporá-lo como um todo ao corpo da nação brasileira:

Nova missão surgia aos nordestinos — desbravar o Amazonas, incorporar os seringais ao movimento econômico do Vale. Teria de enfrentar indígenas, morrer nos entreveros do paludismo, assassinar ou ser assassinado, mas, de qualquer forma, auxiliaria a plantar as sementes de redenção nessa imensidade (MAIA, 2019, p. 128).

O cearense, que na época áurea da borracha já tinha ido ao Amazonas, ressurge como um personagem *moiseânico*, salvador, que, segundo as ideias de Vargas,

para enfrentar as agruras do vale amazônico e fixar-se à terra para incluí-la no caminho do progresso da nação, só o povo escolhido que havia dado prova de seu valor. O migrante nordestino, por sua índole de bravo e de homem calejado pela história e pela geografia de sua região, não fugiria aos problemas do vale amazônico, ao contrário, iria até lá solucioná-los (LIMA, 2014, p. 65).

Para o governo do Estado Novo, o problema da época áurea da borracha não foi seu sistema de aviação, que oprimia o seringueiro e que desenvolveu uma burguesia parasitária e incapaz de abrir um mercado heterogêneo, como aconteceu em outras regiões do país. Na verdade, o problema se dava pelo espírito nômade e aventureiro, que deu de saldo uma escassa população no território amazonense (LIMA, 2014).

Arelado a este pensamento está a Segunda Guerra Mundial e ambos são aproveitados pelo governo para levar a cabo seu plano no Amazonas. Com a invasão das colônias inglesas em território asiático, os aliados, dentre eles Estados Unidos de América (EUA), não tinham a matéria prima da borracha para a guerra, então acontecem os “acordos de Washington”. Estes acordos prometiam à EUA, que o Brasil daria para eles matéria prima necessária para a indústria bélica norte-americana, que ia desde alumínio e cobre, até a borracha. Para este, fundou-se Serviço Especial da Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), com a função de recrutar e colocar os soldados da borracha nos seringais amazonenses.

Contudo, a função dos soldados não era apenas a extração da borracha. Como aponta Oliveira Lima, esses territórios eram fronteiriços e, no olhar de Getúlio Vargas, era necessária a presença de um corpo militar. Assim, serviu como um movimento geopolítico de pressão aos países próximos,

O discurso belicista da época servia igualmente para afirmar para as outras nações amazônicas e para outros países da América, que o vale do Rio Amazonas estava não apenas ocupado por brasileiros, mas por soldados brasileiros. Funcionava, portanto, como uma forma de dissuadir quaisquer pretensões sobre esta terra, frequentemente pretendida e ameaçada por potências estrangeiras (LIMA, 2014, p. 66)

Historiadores como Moniz Bandeira, afirmam que USA pretendia não aceitar os acordos, invadir o nordeste do país para ficar com esses territórios²⁶. Portanto, tendo esse medo constante de invasão dos territórios amazonenses, os soldados da borracha tinham a obrigação de proteger o território e extrair a borracha. O medo hegemônico da guerra, que se deu apesar da censura no país, serviu, ironicamente, a favor do governo. Fornece-se assim uma campanha patriótica, já não apenas como um êxodo civilizatório da Amazônia, também como um dever a sua nação em tempos de guerra:

A migração nordestina para Amazônia, partindo da fala oficial do presidente Getúlio Vargas, deixa de ser um movimento espasmódico, condicionado em sua maioria pela seca, para tornar-se uma campanha oficial, uma verdadeira campanha de guerra. Ela passa a ocorrer às expensas do Estado brasileiro, depois auxiliada pelo capital norte-americano, que apela não só para a imagem associada ao êxodo dos judeus para a terra prometida, mas também utilizando-se do espírito de patriotismo e dedicação integral à pátria, apreçoado pelo Estado Novo (LIMA, 2014, p. 69).

Em outras palavras, o soldado da borracha, dentro do projeto de Vargas, era responsável em consagrar seu país como um protagonista no cenário mundial (LIMA, 2014). Assim, Maia, nesse mesmo pensamento do seringueiro retrata-o assim:

O seringueiro, que retornava às trincheiras do holocausto, imolava-se ao futuro, certo de que não triunfaria para a riqueza, algemado, como se algemara, a sonhos sem egoísmos... queria morrer onde pudesse servir e onde, embora pequeno, fosse mais útil do que em muitos lugares, onde milhares de homens naufragavam ou prosperavam (MAIA, 2019, p. 143).

Às vezes estas expedições eram comparadas com a entrada dos portugueses no Amazonas, sempre sob o conceito de “civilizador”, mas agora agregado a perspectiva patriótica de se adentrar na floresta. Maia, no *Beiradão*, expõe o sentimento destes brasileiros:

– São pobres agricultores, perseguidos pelas secas e pelo espírito de aventura. Os portugueses ficavam à beira mar, às vezes protegidos pelos soldados; os daqui vêm para o sertão bruto. Os primeiros iam para lugares salubres, borrifados pela salsugem; os daqui se isolam nos charcos, sem ventilação, sozinhos, entregues aos borrachudos. Nem índios, nem pretos. Deixam falar. Quando vier a verdade, estes homens marcharão à frente, como brasileiros que drapejaram a bandeira nos ombros calejados. Caminhando por varadouros e fronteiras, são os mastros de uma bandeira invisível. É a nossa Bandeira (MAIA, 2019, p. 90).

No entanto, para o soldado e seringueiro, não era assim. Para Vargas, o sertão devia atender as necessidades das cidades (SECRETO, 2007). Este pensamento também vai se reflexar em intelectuais e artistas: “Essa incorporação imaginária mobilizou grande número de intelectuais e artistas populares. Sambas, poesias, romances, ensaios, pinturas foram produzidos durante o período, retratando o homem do campo, o retirante, o lavrador” (SECRETO, 2007, p. 117). Dentre eles, Álvaro Maia, quem além de poeta e romancista, também era político,

²⁶ Para mais informação de tal caso pode se consultar a obra de Moniz Bandeira “As Relações Perigosas: Brasil-Estados Unidos”.

sendo governador no tempo de Vargas. Porém, havia um problema. Por uma parte, houve muita desigualdade na relação rural e urbana. Nas cidades, os trabalhadores desfrutavam de ensino gratuito, garantia de assistência policial e segurança da propriedade, cooperativismo político, econômico e sindical, assistência social com a proteção da família, das mulheres e dos menores etc. (SECRETO, 2007, p. 119); e por outra, o governo varguista buscava “conquistar” o interior.

O êxodo de nordestino aos sertões, não apenas ao Amazonas, era esta busca de conquistar estes “espaços vazios” do imaginário do governo.

Embora em um início a ideia era que este deslocamento fosse uma migração familiar, certamente a guerra veio a mudar esse planejamento. Não apenas da estrutura social baseada na família, mas também do produto a produzir. O planejamento de Vargas era, num primeiro momento, tornar ao Amazonas num produtor de gado (SECRETO, 2007, p. 119-120), depois dos Acordos de Washington, isto mudaria, do gado ao extrativismo. Assim, deu-se mais importância ao trabalhador solteiro, porém as migrações de famílias inteiras continuaram em menor quantidade.

Já em terras amazonenses, os soldados ficavam à vontade dos seringalistas, como também aconteceu na época áurea que, assemelhando os tempos de escravidão, escolhiam os que consideravam melhores para o trabalho:

Ao lá chegarem, os migrantes, ainda não acostumados com a vida amazônica, ficavam aguardando a chegada dos seringalistas, que os apontavam, numa operação semelhante àquela existente no trabalho de estiva. A escolha do seringalista, não descuidando de uma avaliação da compleição física, mesmo que superficial, lançava mão, todavia, de critérios bastantes frágeis e subjetivos (LIMA, 2014, p. 112).

Escravidão que era evidentemente conhecida pelo Governo, já que o órgão estatal Banco de Crédito da Borracha, por exemplo, era o encarregado de administrar a mão de obra trazida à selva. Nos seringais imperavam as práticas e proibições, o sistema de aviamento, o endividamento generalizado, o barracão e demais fatos que também aconteceram no primeiro ciclo (LIMA, 2014, p. 116). Nesta perspectiva, retomou-se as mesmas terminologias que foram utilizadas na época áurea, como “brabos” para os recém-chegados, ou “manso” para os que já eram capazes de produzir a quantidade de borracha requerida.

Inconsciente seria afirmar que o fim da batalha da borracha se deu com o termino da Segunda Guerra Mundial. Assim, como Lima introduz seu capítulo quatro, as datas não são tão bem definidas em momentos históricos, especialmente se falarmos da memória coletiva. Dessarte, a Batalha da Borracha não acabou com a Segunda Guerra Mundial. Estes soldados,

que passaram a seringueiros, não sentiram mudanças depois da guerra e tiveram que se alistar em uma outra guerra, a de reconhecimento:

De pronto, emerge das falas desses sujeitos que o fim da guerra não trouxe mudanças efetivas para os seringais, persistindo o modo de vida e produção que imperava naquelas plagas desde meados do século XIX e que faram, com maior ou menor intensidade, reproduzidos durante a Batalha da Borracha (LIMA, 2014, p. 142).

Ao concluir a guerra, os sentimentos tornaram-se de abandono e angústia. Algum deles, mesmo sabendo que o lucro do látex havia finalizado, seguiam mantendo sua atividade nos seringais, como uma esperança nostálgica feita de ação. A verdade é que não havia mais estratégias: o governo, que tinha lhes prometido o apoio para voltar a suas terras, esqueceu essas promessas. Porém, talvez assim como relata Maia, sem esquecer que tinha ele a influência do pensamento varguista, no coração nordestino ficaram saudades do seu tempo no Amazonas, como sentenciou, a terra vingam-se pela nostalgia:

Conheço um seringueiro que levou garrafas d'água daqui para a sua fazenda e galhos de árvore que não vingaram. Passou anos sucessivos na trabalhadeira dos seringais e não podia mudar de hábitos facilmente. Sua casa-grande imita um barracão; a sala principal é ornamentada com frechas, couros de onça, fotografias de seringal. Eu mesmo, que sou sacerdote, já não me acostumo a viver longe daqui. Quando adoeci, há dois anos, fui obrigado a refazer os pulmões e criar carne rija, no sertão e à beira mar. Os dias não se acabavam mais.

Era a verdade. Sertanejos, que vieram moços para o Madeira, não esqueciam os seus sertões, mas também a eles não se acostumavam mais. A terra verde vingam-se pela nostalgia, endoidando o que tenta fugir ao seu fascínio (MAIA, 2019, p. 119).

Certamente o mato ficaria nos cearenses que tiveram a oportunidade de ir embora ao finalizar a guerra. Maia talvez suaviza esta realidade através da suposta saudade. É bem mais complexo do que o romance mostra. Se nós continuamos no romance *Beiradão*, o próprio Padre Silveira quando foi retirado do Amazonas, falou que gostaria de voltar ao mato, a selva. Porém, certamente por negligência do Estado, muitos deles não voltaram as suas casas e não podemos deixar de destacar o aproveitamento atroz do governo para com os soldados da borracha. A literatura torna-se aqui, como explicaremos mais adiante, um discurso baseado num posicionamento político e tenta justificá-lo. Para Maia, governador do Amazonas e político do Novo Estado, apresenta-nos à saudade como uma razão para que os nordestinos ficassem.

Fábio Mora, do romance *Beiradão*, é a imagem personificada do que o governo queria no seringueiro cearense. Temos que mencionar aqui que Maia nesse tempo era interventor do governo e criador do “*Decálogo do Seringueiro*”:

6º Prometemos cumprir as ordens do Governo da República, porque, arrematados como soldados, trabalhamos como homens livres, à luz de contratos assinados no

Ministério do Trabalho, com as garantias das leis sociais, benemerências do Estado Nacional²⁷.

Escrito de tom religioso e patriótico, que tinham que proferir os soldados ao chegarem a Manaus. Fábio Mora, apesar de sair do Amazonas, volta para se estabelecer no mato permanentemente e transforma-se num atante de “civilização” como o Estado Novo achava o cearense, já que cria uma escola e dava aulas gratuitas aos seringueiros. Contudo, na realidade isso não aconteceu tão comumente.

Destroçadas as ilusões primeiras, doentes do abandono estatal e batidos pela crua realidade de ter sido esquecidos, o soldado, que se deslocou para uma terra que tinham falado seria melhor, seria esquecido seu sacrifício e alguns morreriam sem presenciar as retribuições sociais, econômicas e, essencialmente, históricas.

1.2. As Bananeiras

1.2.1. As concessões de terras

A Costa Norte de Honduras é uma terra fértil com uma capacidade alta de produção, que, depois da colônia, comerciava com frutos tropicais como bananas, laranjas e cocos. Nessa época a banana era produzida em pequenas quantidades, nas Islas de la Bahía, onde os barcos chegavam e compravam as frutas aos pequenos produtores, quem levavam o produto em pequenas barcas nas costas e que ficavam à vontade dos preços que os compradores davam para eles procurando o benefício próprio (LAÍNEZ et MEZA; 1973, p. 22), entre eles, Salvador D’Antoni (ACEVEDO, 2017, p. 24), quem comprava a fruta para serem vendida na cidade de Nova Orleans. As dificuldades no transporte da fruta, além da quantidade e qualidade dela, complicavam o comércio do produto.

No ano de 1892, a banana representava quase o 11% das exportações, que foram incrementando, já no ano 1896, representava o 22% e para começos do século XX era mais de 50% (LAÍNEZ et MEZA; 1973, p22). Desse jeito, é compreensível que o D’Antoni, um dos fundadores da transnacional que seria a *United Fruit Company*, viu na banana um lucro seguro, assim que já para 1901, ele e seus sócios, Vaccaro-D’Antoni, estariam se instalando no Salado Barra. Dessa forma, o comerciante tornou-se produtor, deixando fora o produtor local:

Esta dinámica económica y social excluyó a los productores locales o finqueros independientes del sistema primario exportador.

De ese modo, la nueva producción agrícola de Honduras no propugnó por una economía nacional integrada por terratenientes, empresarios y capitalistas locales, sino por la hegemonía de poderosas compañías de UEA. (ACEVEDO, 2017, p. 21).

²⁷ Revista Sintonia, nº37. Manaus, junho de 1943

Pouco a pouco, com ajuda do governo, as transnacionais começaram a se apropriar das terras da Costa Norte, comprando ou forçando a saída dos fazendeiros dessa localidade. A Costa Norte estava povoada por famílias do grupo indígena Pech, e pelos garífunas, outra comunidade indígena, sem proteção nenhuma, as transnacionais ficariam com essas terras. Em 1899, fundou-se a *Vaccaro-Brother Company*, mais tarde nomeada *United Fruit Company* e para 1904, Félix Vaccaro obteve a primeira concessão de terras pelo governo de Honduras. Entre umas das muitas faculdades recebidas, foi uma taxa que tinham que pagar os cidadãos da Costa Norte por utilizar os canais feitos nos rios da região (ACEVEDO, 2017, p. 25). O *Valle del Aguán* foi o primeiro território no qual as bananeiras se instalaram. Agora com as plantações, era necessário desenvolver um sistema para transpor o produto. Nesse sentido, criariam uma ferroviária que recorreria oito milhas entre Barra *del Salado* até a cidade de *La Ceiba*, que no ano 1910 seria estendida à cidade de *Yoro*. Com o tempo, irían monopolizando o mercado:

Al disponer del control sobre las vías de comunicación, la compañía de los Vaccaro estaba también en capacidad de monopolizar la compra de la fruta y, consecuentemente, de establecer los precios y decidir arbitrariamente sobre la producción bananera en la región (LAÍNEZ et MEZA; 1973, p25).

Na mesma época, no ano de 1902, William Frederick Streich receberia do governo cinco mil hectares de terra nas beiras do Rio *Cuyamel*, que, depois de diversas problemáticas, Streich terminaria vendendo a companhia para Samuel Zemurray, antigo parceiro comercial dos irmãos Vaccaro e que no ano de 1911 fundaria a *Cuyamel Company*, competindo assim, no negócio da banana e também no poder político do país. Era impossível não brigar pelos benefícios que dava o governo hondurenho às companhias estrangeiras. Estas concessões davam liberdade às companhias de exportar e importar, terras praticamente de graça²⁸ e tudo isso sem pagar impostos:

Todas estaban bajo el control de la Standard Fruit Company y, por tanto, libres del pago de impuestos de todo tipo de conformidad con los contratos firmados con los gobiernos hondureños.

Los gobiernos de Marco Aurelio Soto y Luis Bográn orientaron el desarrollo capitalista por la vía de las transnacionales, mediante la desventajosa política concesionaria por la cual el Estado les otorgaba tierras, bosques, aguas y dispensa del pago de impuestos de importación, lo que significó un enorme sacrificio fiscal. (ACEVEDO, 2017, p. 22).

Em outras palavras, com essas políticas corrotas favorecendo às transnacionais, o negócio da banana era um lucro seguro, ao menos para as transnacionais. Com o tempo, as exportações da banana superariam os outros produtos, inclusive as exportações mineiras, cujo

²⁸ A única “restrição” que tinham era o pagamento de dez centavos de lempira por cada hectare semeada e 25 por cada hectare sem semear.

ofício iria mermando. Honduras, no ano 1930, seria o maior exportador de banana no mercado mundial.

1.2.2. Enclave bananeiro

No ano de 1910, o governo norte-americano nomearia uma “arrecadação geral” para o cancelamento da dívida externa, coisa que não seria agradável para o povo hondurenho e que seria aproveitado pela oposição, liderada pelo General Manuel Bonilla. Esta coleta das receitas aduaneiras não era conveniente para as ganâncias das transnacionais bananeiras, desse jeito, eles interveriam nas políticas nacionais. Em dezembro do mesmo ano, a *Cuyamel Company* financiaria a guerra civil que levaria o General Manuel Bonilla ao poder (LAÍNEZ et MEZA; 1973, p25).

O General Bonilla ficaria como presidente do país e daria dez hectares a mais ao *Zemurray*. A política foi acontecendo dessa maneira: subornos a funcionários, chantagens, pagamentos aos partidos políticos tradicionais, Nacional e Liberal. Na *Carta Rolston*, escrita pelo tenente ao mando do *Zemurray*, fica resumida a corrupção política e o poderio que as transnacionais tinham. A carta consiste em diretrizes que um dos advogados de confiança do *Zemurray*, dá para Luis Melara. Pela importância desta, a apresentaremos agora nos enfocando nos pontos importantes:

Cortés Development Company Puerto Cortés,

20 de julio de 1920

Sr. Licdo, Luis Melara

Estimado Luis:

Te envío este pliego de instrucciones, su portador Sam Cariuther; asimismo recibirás de él, una caja que contiene un valioso obsequio Prepárate el discurso. Ya se imaginará la Reina Victoria o superior. Es posible deslumbrarla. Me hace ver en todo esto el método de dureza siempre recomendado por Pemberton, y el judío Lázarus. ¿No crees tú lo mismo? Desean conservar su pedestal inamovible, es mi idea.

1. Para que nuestros grandes sacrificios, y nuestras cuantiosas inversiones, no hayan sido hechas en vano, debemos adquirir y apoderarnos de tantos territorios de la nación, como de particulares, y todas las riquezas que nos permita nuestra capacidad adquisitiva, y nuestro poder de absorción.

2. Debemos propender al enriquecimiento de nuestra empresa, y obtener todas las posibilidades que nos ofrezcan nuevos campos de explotación. En fin, debemos obtener las tierras, que a nuestros intereses estratégicos se hagan aparecer como deseables, que garanticen nuestro futuro desenvolvimiento y desarrollo agrícola, incrementando nuestro poder económico.

3. Debemos obtener contratos implacables, de tal naturaleza que nadie pueda sustentar competencia, ni en el futuro lejano a fin de que cualquiera otra empresa que se estableciera y pudiera desarrollarse, tenga nuestro control y se adapte a nuestros principios establecidos.

4. Debemos obtener concesiones, privilegios, franquicias, abrogación de impuestos aduaneros, exonerarnos de toda carga pública, y de todos aquellos impuestos y obligaciones, que mermen nuestra defensa económica.

5. Es indispensable cultivar la imaginación de estos pueblos avasallados, atraerlos a la idea de nuestro engrandecimiento y de una manera general, a políticos y mandones que debemos utilizar. La observación y estudio cuidadoso, nos permite asegurar que este pueblo envilecido por el alcohol es asimilable para lo que se necesita ; es nuestro

interés procurarnos porque se dobleguen a nuestro exclusivo beneficio ; generalmente, éstos como aquellos, no tienen convicciones, carácter y menos patriotismo ; y sólo ansían cargos y dignidades, que una vez en ellos, nosotros se los haríamos más apetitosos.

6. Estos hombres no deben actuar por su propia iniciativa, deben actuar en el sentido de los factores determinantes, y a nuestro control inmediato.

7. Debemos separar a nuestros amigos que han estado a nuestro servicio, que consideramos envilecidos por su lealtad, pues tarde o temprano, nos traicionarán, alejarnos si que se sientan ofendidos, y tratarlos con alguna diferencia para no servirnos más de ellos. Tenemos necesidad, sí, de su país, de sus recursos naturales, de sus costas y sus puertos, de que poco a poco debemos adquirir.

8. De una manera general, todas las palabras y pensamientos, deben dar vueltas en torno de estas palabras: poderío, bienestar material, campos de trabajo, disciplina y método. Hay que proceder con sutileza, no exponiéndonos a ninguna idea que nos señale o justifique nuestra pretensión dominadora. Nada de acción bien hecha ni consideraciones, en resumen, ningún aliento generoso. Sin nuestros proyectos terminasen mal, tomaríamos una nueva orientación, nos haríamos más modestos, más sencillos, más simpáticos y quizás buenos.

9. Debemos producir desgarramiento en la incipiente economía de este país para aumentar sus dificultades, y se faciliten nuestros propósitos. Debemos prolongar su vida trágica, tormentosa y revolucionaria; el viento sólo debe soplar a nuestras velas, a sus aguas humedecer no más que nuestras quillas.

10. Estamos pues, en el punto de partida, tú conoces mejor los hombres que yo. A tu llegada te mostraré una lista de las tierras que debemos obtener, si es posible, de inmediato, debemos parar a Goodel en 'el Bográn State', vamos a forjarnos un plan bien estudiado para su desarrollo.

Nos vemos.

« H. V. Rolston » (ACEVEDO, 2017, p. 32).

Esta carta é essencial para entender a capacidade política que as transnacionais tiveram no governo de Honduras. Esta carta foi um manual para tomar o poder do país. A intenção das transnacionais eram: tomar todas terras necessárias para crescer seu poder de aquisição, procurar contratos blindados pelo governo, firmando assim o monopólio bananeiro, em outras palavras, para que nenhuma empresa ficasse no país. Além disso, defender a economia das transnacionais através de exonerações, receitas aduaneiras e demais obrigações. A carta nos apresenta também a perspectiva racista e ruim que os donos das transnacionais tinham sobre Honduras. Falavam da capacidade do povo hondurenho de ser manipulado, alcóolatra, amoral, tanto políticos quanto o povo, capazes de se inserir numa estrutura feita pelas transnacionais, pela qual seriam conduzidos de acordo com entendimento das companhias estrangeiras:

Honduras orientaba sus acciones hacia el modo de producción capitalista, sin pensar en sus propios intereses, sino avanzando bajo la orientación y dirección de las compañías bananeras; es decir, en la dinámica del desarrollo de los monopolios estadounidenses (ACEVEDO, 2017, p. 28).

Certamente essa afirmação não estava fora da realidade, o governo procurou proteger e manter as transnacionais, porém, o despreço aos cidadãos hondurenhos, era evidente. Na seção 7, da referida carta, expressão desconfiança das pessoas com quem trabalham, considerando a possibilidade traição. Como afirmam na seção 9, sua intenção era boicotar a economia do país, para assim, facilitar sua hegemonia. Em 1914, as transnacionais receberiam

a concessão de qualquer receita governamental, e dois anos depois, as transnacionais iriam expandindo seus negócios, já que o governo lhes permitiria exportar não apenas banana, mas também madeira, minerais e diversos produtos (LAÍNEZ et MEZA; 1973, p. 30). Do mesmo modo, tinham a liberdade de trazer ao país maquinaria, sem algum pago à aduana. Para o ano de 1919, a *Cuyamel Company* receberia outra concessão na qual permitia a importação, isenta de impostos, de gado e qualquer produto natural do país. Assim, as transnacionais não ficariam apenas com o negócio das bananas, também começariam a se dedicar a outros produtos, todos sem gerar uma receita fiscal ao país.

Importante mencionar também, é o monopólio que as transnacionais tinham sobre os meios de transportes. Em 1920, mediante contrato, o governo daria a ferrovia nacional à *Compañía Agrícola de Sula*, que era uma subdivisão da *Cuyamel Company*. Este contrato, conhecido como *Contrato Anticresis*, consistia em que a *Cuyamel Company* daria ao governo, em crédito administrado pela companhia mesma, o valor de um milhão de dólares, que seria utilizado para a manutenção e reconstrução da mencionada ferrovia. Estava estipulado que a ferrovia voltaria ao governo em três anos, mas não aconteceu assim:

Sólo para formarse una idea de la forma en que Zemurray cumplió las cláusulas del contrato en lo relativo a sus obligaciones, basta apenas saber que en el año 1926 la cantidad original del crédito había subido en un cincuenta por ciento y el Estado de Honduras debía a la compañía de Zemurray la cantidad de \$ 1,530,616,30. A fin de mantener el ferrocarril en sus manos, Zemurray hacía hasta lo imposible por conservar la deuda e incluso aumentarla. De tal forma, el Estado de Honduras se vería imposibilitado para cancelarla y el poderoso medio de transporte continuaría al servicio incondicional de la plantación bananera. (LAÍNEZ et MEZA; 1973, p. 33).

As transnacionais usariam qualquer meio possível para ficar com a ferrovia, como uma dívida tão alta que impossibilitasse ao governo poder pagá-la²⁹.

Sendo as transnacionais as administradoras absolutas da ferrovia, desenvolveram sistemas de administração pouco ortodoxos nos quais atrapalhavam ao governo afirmando que a ferrovia não ganhava o suficiente para ser autossustentável, dessa forma, aquele contrato que tinha previsto concluir em três anos, se estenderia, evidentemente a favor das transnacionais, por mais 22 anos. Como explica José Jorge Callejas, a realidade era outra:

Haciendo números se llega a la siguiente conclusión: Los datos anteriores revelan que la producción líquida del ferrocarril era de Dls. 86.000 anuales, que multiplicados por

²⁹ Neste aspecto, podemos ver as similitudes sócio-políticas das transnacionais e os seringueiros. O sistema de aviamento que acontecia nos barracões dos seringais acontecia num nível maior nas bananeiras: a relação seringalista-seringueiro através do aviamento, de uma dívida administrada pelo prestamista, que iria aumentando ao livre-alvedrio dele com intenção de se apoderar do trabalho do seringueiro e a relação entre as transnacionais com o governo hondurenho, que ao igual que no seringalista-seringueiro, endividava-se de tal jeito que impossibilitava o pago dela, ficando à vontade das transnacionais. No subcapítulo 1.3.3., aprofundaremos mais sobre essas relações e similitudes.

31 años que lo retuvo la compañía en su poder, arrojan la suma de Dls. 2.666.000 que se embolsó la empresa; y si a esto se agrega el millón que se hizo pagar por su préstamo primitivo, se demuestra que obtuvo ella, en total Dls. 3.666.000 (CALLEJAS, 1954, p. 282).

A ferrovia ganhou um total de 2.666.000 dólares no tempo que permaneceu administrada pelas transnacionais, ou seja, quase três vezes a dívida inicial que o governo tinha com as transnacionais. Somado a isso também estão as cobiças que recebiam as transnacionais pelas ferrovias ilegais que tinham construído, as quais lhes geravam 142.000 dólares anuais.

O governo sabia destas ferrovias, proibidas pela Lei Agrária, e quando tentou-se agir legalmente contra elas, *Zemurray* venderia a companhia, *Cuyamel Company*, para a *United Fruit Company* (UFCo), desse jeito o crime ficaria impune. A concessão das ferrovias ficaria ao mando de duas subsidiárias da UFCo, a *Tela Railroad Company* e a *Trujillo Railroad Company*, a primeira com uma duração de 70 anos e a segunda por tempo indefinido. O poderio econômico e político da UFCo se desenvolveria como a coluna vertebral do país e do que seria o enclave bananeiro.

Eram três as transnacionais no território hondurenho: a *Cuyamel Company*, a *United Fruit Company* e a *Standard Fruit Company*, as três numa briga política e econômica por tomar posse do país. Quando *Zemurray* vende a *Cuyamel Company* para a UFCo, esta seria a transnacional mais importante do país, não apenas pelo capital, que somava quase 242,000,000 dólares, mas também como o verdadeiro poder em Honduras. Esta fusão entre a *Cuyamel* e a UFCo, as mais poderosas transnacionais do país, impediriam a *Standard Fruit Company* competir politicamente contra ela. O monopólio, em outras palavras, se havia instaurado.

1.2.3. A greve do 54

Da Greve de 54, escreveram coisas infinitas que não apresentam a realidade dos acontecimentos, em um dos momentos políticos e sociais mais importantes de Honduras, pois sabemos que um povo sem história, é um povo submetido às vontades dos poderosos. Às vezes, a literatura, por conta disso, já que permite-nos explorar os fenômenos, desde uma perspectiva mais humana; ou menos “visível” como um jornal, tem sido perseguida e proibida em tempos de ditadura. As características da literatura torna-la, com muito cuidado, uma fonte interessante para entender as situações de um dado momento. Não pode se tomar como única fonte nem substituir às outras, mas pode ajudar-nos a compreender melhor alguns aspectos. A proibição da literatura aconteceu com a maioria das obras de Amaya Amador, principalmente o romance “Prisión Verde”, onde expõe os nexos do governo com as transnacionais.

A greve de 54 iniciou em inumeráveis protestos e greves antes da metade do Século XX. As mais relevantes foram, a greve mineira do 1870, considerada o primeiro movimento de trabalhadores do país, no Departamento de *El Paraíso*, onde os mineiros exigiram o pagamento de seus salários em papel moeda e não em tíquetes que a Companhia acostumava dar. Quase quarenta anos depois, os trabalhadores das minas voltariam a greve em *San Juancito*, no ano de 1909. No ano 1942, na *Rosario Mining Company*, rompe uma greve que culminaria no primeiro contrato com direitos trabalhistas de todo o país (ROBLEDA, 2008, p. 35).

Em Tegucigalpa, capital de Honduras, os telegrafistas saíram em greve no ano 1891, por salários atrasados, que daria como resultado a militarização da capital pelo então presidente eleito, Luis Bográn e que apressaria aos principais dirigentes. Nesse meio tempo, nas bananeiras, aconteceram muitas greves, as quais podemos mencionar as dos anos de 1917, 1920, 1922, e 1932. Algumas delas com enfrentamentos armados entre os grevistas e a ditadura. Porém, estas greves não alcançaram o resultado esperado. Como representa Amaya Amador na conversa entre Lucio Pardo e Máximo Luján do romance “Prisión Verde”:

Los campeños de hoy piensan de un modo que me da cólera, se andan con muchos paños tibios, y a los canallas hay que tratarlos como canallas. A veces creo que ustedes, los jóvenes, son unos cobardes, castrados, incapaces de defender lo suyo como machos.

[...]

—Quizá entre los hombres nuevos haya cobardes —aceptó Máximo, sentándose otra vez en la “tarima” —, siempre los habrá, naturalmente; pero las excepciones no hacen la generalidad. Tú estás equivocado: los campeños no hemos perdido hombría. Lo que sucede es que hemos aprendido mucho, sobre todo a conocer que la violencia sola es mala consejera. Nada bueno producen las hombronadas sin ton ni son. Tú recuerdas tus tiempos y a muchos hombres machos; ahora, dime: ¿qué hicieron por ellos y por los demás? ¿A dónde están por su hombría individual? A estas preguntas pueden contestar únicamente las cárceles y las tumbas; y los que allí moran, camarada, ya no son hombres (AMAYA, 2019, p. 58).

Lucio e Máximo representam o velho e o novo trabalhador no cultivo de banana. Lucio, homem de mais de cinquenta anos, e que viveu a maioria desses anos como trabalhador das bananeiras, tinha a experiência de ter estado em todas as greves anteriores; Máximo, ao contrário de Lucio, era um homem mais novo, com intenções de mudar as situações dos trabalhadores, entretanto, por ser um homem estudado, sabia que a violência não era a forma de logra-lo. Estas reuniões e conflitos não foi uma coisa inventada pelo Amaya Amador. O historiador Agapito Robleda Castro nos explica desses grupos de estudo dos trabalhadores das companhias bananeiras (ROBLEDA, 2008, p. 46-48).

Certamente, as greves anteriores de 1954, foram diferentes da Grã Greve de 54: pouca união (eram greves isoladas, uma nas minas, anos depois outra nas bananeiras, e assim por diante), pouca educação política dos dirigentes, que, como representa Amaya Amador no

personagem Lucio, achavam que apenas sair e enfrentar-se contra os militares era suficiente. Porém, estas greves anteriores marcaram as bases necessárias para que os trabalhadores adquirissem a maturidade suficiente para o que seria a greve de 1954. Maturidade como a que expressa Máximo Luján no seguinte fragmento:

Tú no eres imbécil. Lo que sucede es que la violencia te ciega; a cada momento te lo repito. Ahora voy a explicarte por qué la situación actual de la campería nos preocupa. Estamos hambreado. Un día nos desesperamos y hacemos una revuelta loca contra los patronos ¿en qué nos respaldamos y quiénes dirigen el movimiento? Y, aún en caso de improvisar guías, ¿podrán éstos controlar a las masas anarquizadas y sedientas de venganza contra los explotadores? Imagínate toda esa gente revuelta, sin organización, sin tener conciencia de lo que van a hacer. A esto, compañero, es a lo que tememos. Un día nos incorporaremos, pero ese día será, si es que queremos un éxito real, hasta que estemos organizados, hasta que podamos actuar con unidad y compañerismo (AMAYA, 2019, p. 86).

O que havia em comum dentre elas eram as exigências por melhores salários, o pagamento em papel moeda e não em tíquetes, uma jornada de oito horas, segurança laboral, a proibição do monopólio de venda de artigos de consumo (à mão das próprias empresas), um seguro médico eficiente e gratuito e melhoria no tratamentos por parte dos capatazes (ROBLEDA, 2008, p. 34).

Em meados do Século XX, em Honduras estavam instaladas três transnacionais que tinham como produto único a produção de banana para o exterior (*Cuyamel Company, Standard Fruit Company e United Fruit Company*); porém, na metade do século, permaneciam apenas duas: A *United Fruit Company* (que tinha comprado a sua maior concorrente, *Cuyamel Company*), que ficava em *Cortés, Yoro e Atlántida*, e a *Standard Fruit Company*, em *Atlántida, Colón e Yoro*. Movidos pela miséria na qual viviam e a exploração excessiva, Amaya Amador na fala de Don Braulio representa o que talvez deve ter sido essa situação:

— Cosas fatales, ¿verdad? — se atrevió a decir Martín. — Y la “mata muerta” ¿cómo es?

— Esa enfermedad no tiene cura, hasta ahora. Lo que hace es quemar las matas. A la planta que le pega la enfermedad, se muere. La “mata muerta” es mala cosa. Seca y pudre: nada la salva. Y, ¿sabe usted? Cuando veo fincas enfermas, me acuerdo de nosotros, los campeños; me parece que allí estamos retratados en cuerpo entero, porque aquí, compañero, todos estamos enfermos, unos de sigatoka y otros de “mata muerta”, paludismo y tisis. Algunos curarán, si se alarga a tiempo, otros: ¡ya sólo el hoyo! ¿Me ve usted?

Los febriles ojos de don Braulio, clavados en Martín, despedían ciertos hilillos, como radiados por una llama; quietos, fijos, abismales, propios para hipnotizar.

— Ya no soy hombre. Soy una sombra no más. He ido tres veces al hospital del puerto. ¡Y nada! Ahora ya no tomo medicinas porque las que da la Compañía no me llegan y las que pudieran servirme hay que comprarlas en el mismo hospital o en el dispensario. Y la plata no se ve. ¿Qué hacer? ¡Dejarme pudrir! Soy un cadáver (AMAYA, 2019, p. 75).

De fato, a desnutrição, a pneumonia e demais doenças, que nas desumanas condições das bananeiras, tornaram-se crônicas em homens que eram, como diz Braulio no texto anterior,

cadáveres. Foi assim que 90 mil trabalhadores no dia 1 de maio do 1954, iniciaram a greve, primeira na *United Fruit Company* (ROBLEDA, 2008, p.29) e que se espalharia às outras plantações e também, a outros âmbitos:

En los siguientes días rebasa el ámbito bananero al propagarse la huelga a las minas, las fábricas textiles y de confección de ropa, los ingenios azucareros, las fábricas de bebidas y cigarrillos, los aserraderos de madera, las fábricas de jabones y mantecas, las manufacturas de velas y los mecánicos de aviación, las plantaciones de algodón y de tabaco, las fábricas y talleres de zapatos, en fin, a casi todos los centros de trabajo del país, desde la Costa Norte hasta el Sur, desde Olancho y El Paraíso en el oriente hasta Copán y Santa Bárbara en occidente (ROBLEDA, 2008, p. 30).

Embora a greve tenha sido a nível nacional, nessas empresas onde ocorreu essas greves pertenciam sempre às transnacionais, que tinha como base o capital bananeiro:

En 1929, las empresas afiliadas y subsidiarias de la Standard Fruit eran las siguientes: Banco Atlántida, Cervecería Hondureña, Fábrica de Suelas y Zapatos Naco, Aguán Valley Company, Fábrica La Blanquita, Honduras Sugar and Distilling Company (Ingenio Montecristo), La Suiza Planting Company, Suber Company, Corporación Reynolds, Plantaciones Papaloteca y la San Juan Planning Company. (ACEVEDO, 2017, p. 21)

É importante menciona-lo para não esquecer que naquela época era o estrangeiro, quem governava econômica e politicamente o país. Todas, por serem subdivisões das bananeiras, estavam isentas de pagamentos de impostos ao Estado hondurenho, pelos contratos firmados entre as transnacionais e o governo.

E é que o governo hondurenho era servil e submetido ao que as transnacionais determinavam. Para impedir as reivindicações sociais, o governo e as transnacionais não permitiam a criação de sindicatos, e qualquer protesto, era silenciado violentamente pelos militares, que estavam às ordens das bananeiras. Não é de graça que Honduras era chamada de “Banana Republic”, já que o verdadeiro governo eram as empresas bananeiras:

—Pero yo entiendo que sus organizaciones sindicales, sus representantes, por lo visto no son exigentes, porque...

La risa mordaz e hiriente de mister Foxter brotó espontánea, haciendo temblar la mansedumbre de la tarde y levantar la cabeza al jardinero que seguía trabajando en cuclillas.

—¿Cómo se nota que vienes de un país civilizado! ¿Sindicatos? ¿Representantes? ¿Peticiones? ¡Chet! Aquí no existe nada de eso. Date cuenta, amigo Jones: ¡nada! No se los permitimos.

—¿Tampoco el gobierno...?

Con creciente mordacidad y sarcasmo, prosiguió la risa de mister Foxter al ver la sorpresa de su compatriota, que era todavía desconocedor del país y de su desenvolvimiento político y social.

—El gobierno, amigo mío, somos nosotros y sólo nosotros. ¿Crees tú que íbamos a estar sosteniendo ese régimen por tu Buena Vecindad? ¡No, querido! Está allí porque nos sirve incondicionalmente; si la Compañía pide uno, el gobierno le otorga tres. (AMAYA, 2019, p. 123)

Blindado o poder das bananeiras por conta do governo, dificilmente os trabalhadores podiam lutar e conseguir seus direitos. Contos de Amaya Amador como *La Abanderada*, que

se situa na cidade de *San Pedro Sula*, contrabando, nas minas do departamento de *Santa Bárbara*, *El Nido*, na Costa Norte, e outros mais, descrevem as situações precárias do trabalhador hondurenho daquela época.

Os mecânicos de *La Lima* começaram com a difusão de panfletos denunciando as tiranias da empresa, somando-se às denúncias, os mecânicos de *El Progreso*, ambos solicitando a destituição de seu chefe direto. Iniciaram, todos os sábados, umas espécies de aulas que se davam em casas particulares (ROBLEDA, 2008), de onde surgiram os dirigentes do movimento:

Ya tarde, cuando los trabajadores se fueron marchando a sus viviendas, subieron al cuarto de Martín unas ocho personas. Todos ellos habían sido del PDR y ahora alimentaban el círculo de estudios marxistas del campo. Se reunían en determinados días en dos grupos para cambiar impresiones y leer la literatura que Martín guardaba con especial celo. Los integrantes de este círculo estaban aprendiendo a tratar todos sus problemas incluso hasta los familiares, dentro de su colectivo. Se respetaban, se querían, se ayudaban y también prestaban su solidaridad a los trabajadores del campo cuando era posible cooperar. Esto dio lugar a que fueran depositando en ellos su confianza y les consideraran como dirigentes. (AMAYA, 2018, p. 76)

Destas reuniões sairia a carta de petições dos trabalhadores. Pouco a pouco as pessoas foram somando-se à greve. Começaram os mecânicos, depois, os estivadores, logo as enfermeiras, e assim, até que a greve foi nacional (ROBLEDA, 2008).

No entanto, o epicentro da greve foi a cidade de *El Progreso*, onde o Comité Central de *Huelga*, transformou-se num organismo de autoridade que mantinha a ordem não apenas dos trabalhadores em greve, mas também da população em geral:

Durante ese tiempo se cerraron cantinas, prostíbulos y casas de juego. No hubo en toda la huelga ningún robo, ninguna violación, ningún crimen. Los huelguistas, convenientemente organizados, cuidaban y administraban las instituciones e instalaciones públicas, incluso las de la Compañía, para evitar provocaciones o sabotajes de enemigos del movimiento. La autoridad del Comité Central de Huelga era tal que ninguna persona, incluido el tenebroso comandante de armas Matías Arriaga, podía salir de la ciudad si no portaba un Salvoconducto de ese organismo. (ROBLEDA, 2008, p. 31)

Manter a ordem era necessária para evitar as mortes e a violência de um Estado amanhado às vontades transnacionais. A ditadura, arremeteu desumanamente contra os grevistas e todos aqueles que apoiavam a causa. Desaparecidos, presos, fugitivos políticos e assassinados foram a comitiva do dia a dia em Honduras. Amaya Amador representa a atrocidade do governo no conto “La Abanderada”, com a genocídio realizado pelos militares num protesto em *San Pedro Sula*³⁰:

³⁰ À protesta que Amaya Amador se referi é a protesta que ocorreu o 6 de julho do ano 1944 (<https://criterio.hn/la-masacre-san-pedro-sula-6-julio-1944/>). Interessante é também constatar que esta protesta foi ideada por mulheres (<https://www.defensoresenlinea.com/1944-mujeres-iniciaron-protestas-que->

Se estropean, se resbalan, se caen. Las gentes gritan corriendo y pisoteando a los caídos. Las balas “made in USA” se enfrían dentro de las carnes de los hombres. Tonita siente el primer impulso de correr, pero tiene en sus manos la bandera y un coraje que jamás le vino antes se apodera de su espíritu. Ella no huirá. Ella tiene en alto la bandera de su patria que es símbolo de libertad de su pueblo. Mira el humo que sale de varios puntos en el cuartel y en los edificios y oye el tétrico silbar de los proyectiles. Sus grandes ojos están enrojecidos. Se mueve de un lado a otro tremolando la bandera y vuelve a cantar su Himno con gritos ardientes que han perdido la entonación y que son como un reto a la iniquidad.

[...]

No puede continuar. Algo caliente le viene hasta la boca y arroja sobre el niño y el pavimento la rosa tinta de la sangre. El tiroteo es como de combate. Tonita mira al chico que se ha callado y tiene los ojos inmóviles. Quiere levantar su mano hasta esos ojos infantiles pero no le obedece. Algo como niebla está cayendo sobre la calle porque el sol se va ocultando. Así se dobla junto con el niño y arrastran los dos la bandera destrozada.

Sobre el pavimento quedan muchos cuerpos tendidos y una corriente de sangre, como agua de la lluvia, va buscando los declives hacia el alcantarillado... (AMAYA, 2017, p. 66)

Mas, o sentimento geral era melhor morrer lutando na ilusão de vencer as injustiças que seguir vivendo dessa maneira. Destaca-se da greve essa entrega total à causa, já que a ameaça de que a polícia ou militares chegaram a violenta-los era constante, mas, também, os jornalistas hondurenhos, sempre féis aos interesses dos poderosos, mercadejavam vilmente sua caneta para desprestigiar a luta, porém, *o vendaval de maio* foi imparável:

Aun en los centros de producción y servicios donde no se detienen las labores, los trabajadores aprovechan la coyuntura para presentar pliegos de peticiones a sus patronos.

En la tercera semana del mes de mayo la huelga se había extendido a todas partes, de modo que se había transformado en una huelga general nacional de trabajadores y trabajadoras que inmoviliza a las principales y la mayor parte de las actividades económicas del país y conmociona el régimen social y político existente entonces. (ROBLEDA, 2008, p. 88)

O governo, neste momento de Juan Manuel Gálvez, respondeu com a mobilização de um batalhão de exército aos arredores da Companhia, com instruções de matar. O mesmo ocorreu em *El Progreso*, onde foram recebidos por aplausos (ROBLEDA, 2008). Importante mencionar aqui, que a carta de petições dos trabalhadores constava de 30 pautas, que seriam as exigências que guiariam o protesto.

A greve, que durou 70 dias, terminou com a assinatura de um acordo, não logrando alguns dos seus objetivos: não foram pagos os salários atrasados. O aumento do salário foi apenas de L0.09 centavos para os trabalhadores por hora, L20.00 para empregado mensal e um 15% para quem tinha contrato. Porém, ainda hoje é impossível saber quantos morreram:

Miles de trabajadores de las fincas dormían en hamacas en las hileras en los corredores de los barrancones. Al regresar a los mismos, centenares de hamacas quedaron vacías

la-dictadura-convirtio-en-masacre-por-exigir-elecciones-libres/), razão talvez pela qual a protagonista do conto de Amaya Amador, era uma mulher

en muchos campos bananeros. Posiblemente una cantidad de ellos regresó a sus pueblos nativos en el interior y sur del país. Otros quedaron “desaparecidos”. Se comentó que fueron víctimas de la represión y lanzados a los ríos Ulúa y Chamelecón por los sicarios de los comandantes Matías Arriaga y Eduardo Galeano. (ROBLEDA, 2008, p. 142)

Ademais, a empresa demitiu quem considerou protagonista da greve, e com a inundação dos rios *Ulúa* e *Chamelecón*, aproveitou para demitir mais de 10 mil trabalhadores, contratando, assim, novos trabalhadores.

Talvez, a conquista fundamental da greve não pode ser enfocada no acordo que foi claramente rompido pela empresa, senão pela aceitação e fundação do Sindicato de Trabalhadores, que, como já se tinha dito, estava proibido antes da greve.

Com um sabor agridoce na boca, terminaria assim o protesto mais importante do país, como base para as próximas lutas que o povo hondurenho fez e segue fazendo contra as injustiças governamentais.

1.3. Os Barões da borracha e O Monopólio bananeiro: As misérias dos ouros *verde* e *seivático*.

Duas classes sociais emergiram da época da borracha e das bananeiras: os barões da borracha e os donos das transnacionais. Por meio da comparação entre eles, veremos as similitudes destas duas classes dominantes e também as consequências sócio-políticas deles na Amazônia brasileira e em Honduras. Houve nestes casos um monopólio econômico e político no qual o capital gerado não se visibilizava na sociedade. Os barões da borracha enviavam seus filhos ao exterior, especialmente para a França, ou gastavam suas ganâncias em excentricidades ou luxos. O resultado disso são os luxuosos teatros em Manaus e Belém, as capitais da “*época áurea*” da borracha. A inversão em outras áreas de produção, essa “diversidade” econômica, não aconteceu³¹ ou aconteceu muito pouco como para gerar uma ganância suficientemente forte. Diferentemente foi, por exemplo, o desenvolvimento multifocal dos barões do café no sul do Brasil, ou das transnacionais mesmas, que o capital gerado pelo comércio de sua matéria principal (café e banana, respectivamente), foi invertido em outras áreas, como eletricidade, água, telefonia, açúcar e demais:

Los Vaccaro no limitaron su actividad empresarial a la simple producción y exportación de bananos. Conservando la producción bananera como su actividad fundamental, se dedicaron también a otras funciones y establecieron grandes plantaciones de caña de azúcar. Organizaron además fábricas de jabones, cerveza,

³¹ Teixeira compara aos barões da Borracha com os barões do Café sobre isso. Ele critica que no entanto os primeiros não expandiram seus negócios, mais pela enormidade da região amazônica e pela selva difícil de acondicionar ao comércio diverso, os segundos sim fizeram investimentos em outros negócios, assim como também aconteceu com as Bananeiras em Honduras.

calzado, una destilería y hasta llegaron a montar un banco (LAÍNEZ et MEZA; 1973, p.25)

Empresas como a *Cervecería Hondureña*, Banco *Atlántida*, Fábrica “La Blanquita” que ainda continuam funcionando em Honduras, foram subsidiárias das transnacionais bananeiras. Dessa forma, o desenvolvimento econômico das transnacionais não ficava em apenas o comércio da banana: o capital deles foi se expandindo em ferrovias, banca, indústrias diversas, comunicações e todas essas ganâncias, isentas de impostos, não ficavam em território hondurenho. Não houve um crescimento econômico como tal, já que esse capital não circulava nem se refletia de algum jeito em desenvolvimento humano no país.

As bananeiras e a borracha inserem-se nas reformas liberais acontecidas ao final do século XIX e inícios do século XX, ou seja, o auge das economias de exportação. Como explicam Ciro Cardoso e Héctor Pérez (1979), as reformas liberais reformularam as relações sociais entre os indivíduos. Foi prevalecendo a propriedade privada contrário às *comunidades*, cuja relação era de territórios compartilhados entre várias famílias sem estabelecimento de um dono específico. No romance “Biografía de un machete” de Amaya Amador, vemos representada essa mudança: a comunidade na qual pertencia a família *Jocotán*, compartilhava as terras e ninguém era dono dela, isto mudaria, quando o General Crisóstomo lhes roubasse as terras e se fizesse dono delas, através de maranhas judiciais. Pequenos fazendeiros ou comunidades indígenas seriam prejudicados nesse processo (CARDOSO et PÉREZ, 1979, p. 32). Como já vimos, os seringais que pertenciam a comunidades originárias do Amazonas, tiveram os comunitários assassinados ou obrigados a trabalhar naqueles seringais que eram tradicionalmente deles. O mesmo aconteceu com as bananeiras: as demandas de terras das transnacionais, obrigaram aos pequenos fazendeiros a vender suas terras, ou, em alguns casos, através do corpo armado do Estado, seriam tirados de suas propriedades. No romance *Beiradão* de Álvaro Maia, vemos as expedições de seringueiros capturando e assassinando indígenas, e alguns deles até trabalhando naquelas terras que eram suas. Similar acontece no romance “Prisión Verde” de Ramón Amaya, quando Martín Samayoa chega às plantações de banana para solicitar emprego. Martín Samayoa, anos antes, era dono das terras nas quais agora funcionavam as transnacionais: Samayoa terminaria trabalhando nas mesmas terras que antes eram suas. Em ambas situações vemos um exercício de poder, violento e militar, por parte dos coronéis da borracha, e sistemático e econômico por parte das transnacionais.

Os pequenos produtores também sofreram as consequências. Nas bananeiras, o pequeno produtor foi, no início, subordinado aos mercadores estrangeiros que chegavam à Costa Norte de Honduras, comprando os produtos, entre eles a banana. Depois como já vimos, estes

mercadores se tornariam produtores, deixando de fora os produtores locais e tomando posse do mercado e produção total. Com a borracha aconteceu um pouco diferente, mas o sistema foi o mesmo: empregaram os indígenas e, não sendo suficiente, pelas dimensões quase continentais do Amazonas, trouxeram os nordestinos, endividados, desde já, pelo custo da viagem. Os seringueiros coletavam a borracha, porém, como no início das bananeiras, o preço das peles de borracha ficava à disposição dos seringalistas, e assim, o endividamento aumentava. Estas relações econômicas e sociais eram similares: endividar aos trabalhadores para estabelecer uma relação quase escravista, ou seja, o sistema de aviamiento:

O aviamiento, como forma de comércio, funciona a partir da existência de um duplo e original sistema de crédito, sendo um o bancário, formal, e outro, o comercial, informal. [...] Aviar –Afirma ele– significa fornecer mercadoria a crédito a outrem, que deve ser paga mediante a entrega de gêneros. A partir daí ele constrói um complexo sistema de relações entre os diversos personagens situados no interior da cadeia do aviamiento. (LIMA, 2019, p. 138)

O sistema de aviamiento não foi uma forma de relação socioeconômica apenas da borracha, nas bananeiras deu-se também, mas de um jeito diferente. Nas bananeiras aconteceu de duas formas: entre o Estado e as transnacionais e entre trabalhadores e as transnacionais. Do primeiro, mencionaremos o “*Contrato Anticresis*” que foi um crédito (como explica Carlos Teixeira) dado pelas transnacionais e administrado por elas mesmas, ao governo hondurenho para a manutenção e reparação das ferrovias, crédito que foi se acrescentando (endividamento sistemático) a favor das transnacionais para manter em seu poder o negócio das ferrovias. O segundo, dava-se, ao igual que nos seringais, através de barracões.

O barracão era o local onde os seringueiros trocavam a pele da borracha por produtos de consumo, estes produtos de consumo, com preços elevados à vontade dos seringalistas para manter endividados aos trabalhadores. Através do crédito os seringueiros, conseguiam que estes continuassem trabalhando nos seringais, com uma dívida que não poderiam saldar. Nas bananeiras aconteceu com algumas variáveis. O trabalho era pago, sim, mas este dinheiro gastava-se nos barracões das bananeiras que estavam nas roças das plantações. Aquele salário, que era pago por acre de banana cortada, só podia ser gastado nos barracões das bananeiras. Mantinha-se desse jeito, o monopólio. Lima explica que na borracha o sistema de aviamiento,

apesar das críticas severas que sofreu (e sofre até os dias atuais), era defendido por seringalistas e seringueiros. Os primeiros o defendiam por poderem maximizar seus lucros por intermédio da majoração dos preços dos produtos fornecidos aos seringueiros. Já os seringueiros defendiam o sistema por acreditar que o trabalho assalariado os prendia, os colocava em situação de desvantagem, enquanto o sistema de aviamiento dava a eles o sentimento de liberdade, da possibilidade de produzir quanto quisessem; o que lhes permitiria fazer saldo e voltar às suas plagas natais, de preferência ricos e cheios de fortuna. (LIMA, 2014, p. 33)

Enquanto os trabalhadores do cultivo da banana ficavam insatisfeitos com essa situação, os seringueiros o defendiam. No entanto os barracões nas duas situações, surgiam também da jornada escravizadora. Na época áurea da borracha, qualquer atividade que não fosse a extração do látex estava proibida, e para a batalha da borracha, as jornadas de trabalho, como também acontecia nas bananeiras, era tão extenuante que impossibilitava as atividades de sustento, como semear ou criar animais para consumo. Uma das reivindicações da greve de 54, foi justamente ter uma jornada de oito horas para não depender dos barracões bananeiros e também desmonopolizar estes barracões mesmos.

Contudo, houve descontentamento na época da borracha. Quando em 1945 foi derrocado Getúlio Vargas, ninguém saiu para apoiá-lo (WOLFE, 2015, p. 81). Na verdade, apesar do medo à repressão militar, os trabalhadores saíram a protestar por salários mais altos, situações melhores de trabalho e jornadas mais justas. Isto era “ilegal” segundo as leis aprovadas no governo de Getúlio Vargas, que havia *sequestrado* os sindicatos:

La sindicalización fue un proceso que se desarrollaba en dos etapas. Primero, todos los obreros debían pagar un impuesto sindical obligatorio, que sirvió para financiar tanto al Ministerio del Trabajo como a los sindicatos locales. Después, para afiliarse a un sindicato, los trabajadores debían someterse al proceso de estar sindicalizados, lo que implicaba un simple sondeo de lealtad al régimen, o al menos demostrar neutralidad ideológica, seguido del pago de cuotas adicionales para el impuesto sindical. (WOLFE, 2015, p. 81)

Interessantíssima é a fala de Ângela de Castro Gomes nesse aspecto. Havia uma intervenção policial que se concentrava em destruição das sedes sindicais ou prisão aos líderes. Tentou-se formar uma Confederação de Sindicatos, porém, a ideia apoiada em comunistas e trotskistas, não conseguiu chegar a todos os sindicatos (GOMES, 2015, p. 176). O quesito dos sindicatos era ainda mais problemático se tomamos em conta que:

De um lado, existia um sindicalismo atrelado ao Ministério do Trabalho, composto por entidades em parte reais e em parte fictícias, e, de outro, havia sindicatos que, mesmo tendo o reconhecimento oficial, permaneciam sob o controle de lideranças de esquerda. Evidentemente, havia associações indefinidas e outras onde o confronto era aberto, mas elas estavam fadadas a ser absorvidas por um ou outro grupo. (GOMES, 2015, p. 176)

Esta instabilidade política, refletida nos sindicatos, resultaria no estado de sítio que o país viveu nesse tempo. Assim, as Forças Armadas perseguiriam, sob escusa de perigo à ordem política nacional, qualquer movimento sindical. A *ameaça comunista* seria uma das estratégias principais para manter à classe trabalhadora à margem de qualquer luta (GOMES, 2015, p. 177). Quando Wolfe fala do “sequestro” dos sindicatos são pelas leis impostas no Estado pos-30. O Estado de repressor passou a ser um produtor de benefícios. Porém, estes benefícios só podiam ser recebidos se:

O pacto social assim montado traduzia-se em um acordo que trocava os benefícios da legislação social por obediência política, uma vez que só os trabalhadores legalmente sindicalizados podiam ter acesso aos direitos do trabalho, sinónimo da condição de cidadania em um regime político autoritário como o brasileiro. (GOMES, 2015, p. 178)

Em troca desses benefícios, o trabalhador se aderiu ao regime. Nesse sentido, como a Ângela de Castro Gomes explica, a classe trabalhadora tinha perdido sua autonomia política, que em outras épocas como na Primeira República, havia se visibilizado em lutas nas quais conseguiram a regulamentação do mercado de trabalho no Brasil. Contudo, pouco a pouco foram recuperando sua autonomia política, e ao momento da queda de Vargas, ninguém se importou por isso. Os trabalhadores lutariam por uma situação mais justa, fosse no Brasil ou em Honduras.

CAPÍTULO 2. O MODERNISMO BRASILEIRO E O REALISMO SOCIAL HONDURENHO.

A razão que não é estética não é razão; a razão que é estética deixa de sê-lo.

Bohdan Dziemidok³²

2.1. As independências estéticas e políticas do modernismo brasileiro e o realismo social hondurenho.

O projeto de autonomia literária para toda a América Latina é um projeto que, como já explica Ángel Rama (1985), vem desde os inícios dos Estados livres da América, ou seja, desde 1804 até 1838, tomando como ponto final a desintegração da República Federal da América Central que daria os cinco Estados que hoje conhecemos.

Nestes quase dois séculos de história, este projeto tem pegado diversas visões e abordagens. Em Honduras, para metade e final do Século XX, chegará o Realismo Social hondurenho e o na mesma época, o Segundo Modernismo Brasileiro, também chamado “Geração 30”. Não pode se negar que a autonomia literária da América Latina surge do espírito nacional da ideologia francesa, e que os intelectuais locais pegariam como própria para desenvolver em suas nações agora independentes (RAMA, 1985, p. 67). Duas correntes nascem desse pensamento, o Neoclassicismo e o Romantismo.

O Neoclassicismo se caracterizará por uma utilidade pública, enfocando num jeito educativo, estruturador e também conservador do que Andrés Bello considerará uma tradição essencial dos povos americanos: aquelas coisas que os conservavam unidos, como a língua:

Punto de partida evidente como se vio es su preocupación por la lengua que, en el Discurso de la instalación de la Universidad de Chile, le llevó a combatir la antojadiza libertad de los neologismos debido a que entonces «diez pueblos perderán uno de sus vínculos más poderosos de fraternidad, uno de sus más preciados instrumentos de correspondencia y comercio». (RAMA, 1985, p. 68)

Assim, para Bello e demais neoclassicistas, devia se manter a tradição herdada da Espanha, como uma forma de conservar aqueles elementos que uniam a América Latina toda; mas também, era necessária uma modernização da região, liderada por Europa, porém, aplicada

³² (1933) Professor de filosofia, esteticista, diretor do Instituto de Filosofia e Sociologia da Universidade de Gdańsk. Autor de mais de 100 artigos científicos, livros, dissertações, resenhas, co-editor de trabalhos coletivos traduzidos para idiomas estrangeiros. Editor-chefe da Studia Aestetycznych, membro do conselho editorial da: Journal of Value Inquiry, Philosophical Inquiry, Acta Philosophica, Polish Philosophical Reviewe Humor. Membro do Comitê de Ciências Filosóficas da Academia Polonesa de Ciências, Sociedade para o Avanço da Filosofia Americana e Associação Internacional de Estética (1992-98 primeiro vice-presidente). Promotor e revisor de muitas dissertações científicas.

às realidades sociais da América, adaptando-a à educação. Em outras palavras, o neoclassicista procurava a aplicação de teorias ainda europeias, mas em seus contextos regionais. Portanto,

esa autonomía siempre fue visualizada mediante una temática nacional o globalmente regional, sin reparar en que podría haber contradicción entre la aplicación de temas locales mediante instrumentos artísticos pertenecientes a las sucesivas estéticas fraguadas en Europa, nacidos por lo tanto de circunstancias específicas de la cultura europea. (RAMA, 1985, p. 75)

Para os neoclassicistas, não existia uma estética latina como tal, mas uma “apropriação” de estéticas nascidas em Europa, forçadas a se aplicar na realidade americana. Rama fala de um “despotismo ilustrado” para entender o neoclássico latino: seu espaço estava limitado às universidades, os poderes estatais e as revistas, cujo público, era o setor pouco alfabetizado. Enfocavam-se, portanto, numa elite conformada por universitários, políticos e profissionais (RAMA, 1985, p. 75) e era tarefa deles conservar e expandir esses “valores culturais” que eram, evidentemente, europeus.

Concentra-se essa missão educativa numa elite que mais que procurar uma unidade entre “o povo” e eles, procuravam estar “à altura” das urbes europeias. A estética romântica, embora ainda de traços europeus, procurou se afastar dessa limitante separatista entre a elite e o povo. Sua intenção, diferente dos neoclassicistas, foi se aproximar do povo, escrever para ele, e não para as próprias elites, como faziam os neoclassicistas. Ángel Rama explica:

El populismo romántico diseña sus operaciones abarcadoras, pone color local, intriga novelesca, simplistas oposiciones del bien y del mal, situaciones terribles de alta dramaticidad, salpica de términos locales un texto, emociona aunque no dé prueba cierta, persuade con encendida imaginación sin pararse en la escrupulosa atención para el dato real. Sobre todo, ya no se reduce a hablar a los pares que lo juzgarían con cuidadosos metros, sino que se dirige a una multitud inculta a la que debe encantar y seducir. (RAMA, 1985, p. 70)

Aos românticos devemos a visualização da problemática entre o povo e a elite culta, na qual eles e seus antecessores, os neoclassicistas, pertenciam, razão pela qual Rama afirma que a disputa neoclassicistas-românticos, era uma disputa familiar entre filhos e pais, os primeiros cansados dos preceitos paternos, querendo romper com a tradição herdada dos segundos (1985, p.73). Porém, embora não conseguissem se afastar dos ideais europeus, essa operação vanguardista de liberdade que traziam entre as mãos levaram-nos a incorporar em seus escritos, sob uma oposição entre duas naturezas humanas e culturais (o culto e o inculto, o estudado e o analfabeta), de elementos e personagens americanos, e mais que americanos (ideal pan-americano que era dos neoclassicistas), regionais:

la nueva poética romántica les confiere el derecho a la imaginación libre, se abandonaron a sus incitaciones, permitirán que impregne oscuramente sus obras, por debajo de las racionalizaciones intelectuales y las proposiciones teóricas con que imitan a Europa, y hable en una lengua existencial, fuertemente emotiva y connotada

artísticamente, acerca de esa cruda realidad que quisieran borrar bajo el enmascaramiento culto europeizado. (RAMA, 1985, p. 72)

Exemplo disto é Esteban Echeverría, considerado o primeiro americano a incorporar a estética do Romantismo, que, depois de viver cinco anos na França, embebido da tradição europeia, dedica sua literatura a essa Argentina que tinha abandonado e à qual se sentia parte. Porém os românticos tenham trazido à literatura um jeito mais americano, resultado da “liberdade estética” que lhes dava essa ideologia, ainda, seguem sendo uma elite europeizada que deixa fora os espaços intelectuais e institucionais com intenção de utilizar a literatura para “remodelar” os povos. Embora o povo esteja agora apresentado na literatura, não era o povo mesmo quem falava nessas literaturas, razão pela qual, segundo Rama, neoclassicistas e românticos tiveram pouca difusão.

Seria até 1872, com a publicação de *El gaicho Martín Fierro* do argentino José Hernández que a literatura se tornaria um fenômeno social e altamente difundido na sociedade americana. Como explicaria o Hernández mesmo, esta obra tentava imitar os costumes, trabalhos, hábitos de vida, vícios e virtudes do homem do campo, com seu «estilo cheio de metáforas» (RAMA, 1985, p. 74). Com isto, essa parte da sociedade latino-americana explode num clamor antanho silenciado e esquecido, testemunhando suas situações e problemáticas. E note-se que, ao incorporar estas vozes “do homem do campo” à literatura, sua difusão incrementa de uma forma que nem os neoclassicistas e os românticos conseguiram:

Nunca se había visto nada semejante en América Latina: ese público que con tanto tesón buscaron los románticos argentinos sin encontrarlo, debiendo conformarse con el cautivo que les ofrecía los periódicos o revistas, irrumpe repentinamente con la desconcertante comprobación de que procede de esas comunidades rurales y suburbanas donde nadie pensaba encontrar un lector o un auditor. Incluso el número de ejemplares vendidos da escasa idea del número de lectores (la costumbre que se instaura de leer el Martín Fierro en público para los analfabetos) y los muchos más que lo aprenden de memoria hasta hacer de él, en sustitución de las remanencias folklóricas, el breviario de la sabiduría popular, una suerte de colección de máximas en verso que se pueden utilizar en los más variados momentos de la vida cotidiana, con certeza de expresar correctamente el sentir de la mayoría nacional. (RAMA, 1985, p. 74)

A literatura latino-americana tinha conseguido um público o suficientemente vasto para alcançar sua autonomia, que não se restringe apenas a estética, mas também a recepção das obras. Esta mudança estética repercutiria na aceitação da literatura no povo latino, leitores dessas classes esquecidas, como as comunidades rurais e suburbanas, cheiraram as livrarias procurando estes novos livros que continham uma realidade que se sentia próxima, porque era sua realidade mesma, diferença primordial em relação às obras anteriores. A literatura, então, romperia essa tradição vertical herdada dos neoclassicistas e os românticos, de serem um meio das elites cultas, para tornar-se nesse registro das demandas e problemáticas do povo num

momento histórico delimitado (RAMA, 1985). Esta nova forma de fazer literatura, traduziria ao campo literário essa pluralidade de cultura simultâneas da América Latina, desenvolvendo ao mesmo tempo, diversas escolas estéticas, como serem o *costumbrismo*, o *criollismo*, o *realismo*, o *regionalismo* e o *modernismo*³³, desmentindo esse projeto de “história lineal” imposto à literatura:

También se ha discutido si estamos ante un poema épico, un poema lírico-narrativo o incluso una novela. Esos debates académicos trasuntan bien la peculiar originalidad del producto, puesto en un riesgoso cruce de culturas con diferentes grados de acriollamiento, que dice a las claras que presenciamos una conformación propia, sin duda sincrética, alcanzada dentro de la América Latina y, por lo tanto, inasimilable a los patrones estrictos manejados por las literaturas europeas de la hora. (RAMA 1985, p. 75)

Foi a pluralidade cultural que deu para a literatura latino-americana essa independência que esteve procurando desde sua independência política e que, foi alcançada não desde uma elite culta, mas o esforço multifacetado das diversas sociedades na sua tarefa de criar uma linguagem simbólica e também sua representação nesses espaços que antes eram exclusivos de uma elite (RAMA, 2008, 17). Não esquecendo algumas variáveis, como o Modernismo, já no final do Século XIX e começos do Século XX, veríamos ao Rubén Darío, que retomava aquele conceito europeu de “talento individual” e se enfocando em criar uma “pureza elevada” na linguagem, este critério da representatividade, iniciado já no ano 1872, ressurge na primeira metade do Século XX, nos anos 1910-1940 exatamente, comandado agora pelas classes médias, reclamando a literatura como própria:

Implícitamente, y sin fundamentación, quedó estatuido que las clases medias eran auténticos intérpretes de la nacionalidad, conduciendo ellas, y no las superiores en el poder, al espíritu nacional, lo cual llevó a definir nuevamente a la literatura por su misión patriótico-social, legitimada en su capacidad de representación. (RAMA, 2008, p. 21)

Contextualizando o tema aqui presente, em Honduras, nessa época as Bananeiras estavam já inseridas na Costa Norte do país, como força dominante política e econômica; e no caso do Amazonas, o Primeiro Ciclo da Borracha estaria chegando a seu fim, por conta dos seringais ingleses na África e Malásia. Vemos aqui então a influência da cultura no critério da representatividade do que fala Rama, determinado por aqueles rasgos intrínsecos das sociedades: as bananeiras e a borracha influíram nas literaturas, não de forma vertical, mas como temática ou representatividade das características da sociedade. Nas vanguardas, os latinos abraçaram seus contextos, políticos, econômicos, culturais e históricos e apresentam

³³ Importante esclarecer que o “modernismo hispano-americano” não é o mesmo que o “modernismo brasileiro”, já que o modernismo hispano-americano foi uma escola estética no que se deu prioridade à excelência da linguagem, ao exotismo, influenciado pelo Simbolismo francês; e o “modernismo brasileiro” é uma complexidade de diferentes gerações cada uma com suas especificações.

uma obra madura, profunda, e verdadeiramente latina. Desse jeito, abrangendo a sua natureza heterogênea e de diversidade cultural, América Latina posiciona-se como uma fonte cultural forte e importante do mundo todo:

No hay aquí nada que se parezca al folklorismo autárquico, irrisorio en una época internacionalista, pero sí hay un esfuerzo de descolonización espiritual, mediante el reconocimiento de las capacidades adquiridas por un continente que tiene ya una muy larga y fecunda tradición inventiva, que ha desplegado una lucha tenaz para constituirse como una de las ricas fuentes culturales del universo. (RAMA, 2008, p. 25)

Estudiosos como o mexicano José Luis Martínez, formula a complexidade da literatura latino-americana numa relação entre unidade e diversidade (MARTÍNEZ, 1972). Assim, se fala de regiões culturais, divisão mais certa do que a divisão política, que na maioria das vezes está determinada pelas divisões da época colonial. Esta divisão, como explica Rama, vai unir países independentes ou inclusive recortar dentro de seus territórios áreas com rasgos específicos que as unem como uma região cultural (RAMA, 2008, p. 68).

Neste enfoque temos diferentes posturas. Por exemplo, Charles Wagler fala de três regiões culturais (Afro-américa, Indo-américa e Ibero-américa) e Darcy Ribeiro fala de Povos-Testemunhos, Novos-Povos e Povos-Transplantados. O próprio Wagler divide o Brasil em seis regiões culturais e Gilberto Freyre em nove. Estas divisões são pensadas no jeito de uma horizontalidade mais exata, fundamentada em critérios conversacionais entre sociologia, economia e estruturais:

La introducción de criterios económicos y sociológicos, complementa la concepción horizontal de las subculturas. Les confiere espesor, verticalidad. Aun aceptando la comunidad básica que presta la región, fija la existencia de los *stratta* que se encuentran superpuestos en el mismo espacio, definiendo las diferencias entre los sectores que componen la sociedad. (RAMA, 2008, p. 73)

Cada região cultural tem sua própria composição étnica, produção econômica, sistema social, crenças, usos linguísticos e demais, que serão entendidos de melhor maneira ao incorpora-los todos eles na complexidade da cultura. Assim destas regiões culturais, portanto, podemos falar que a pesquisa está orientada para a região cultural que Charles Wagler nomeou de Amazônia (RAMA, 2008, p. 71) e a região costeira do Norte de Honduras.

Contudo, esta discussão estética e política que foi e é uma constante na América Latina, não é apenas dela e também, não é por uma carência de maturidade intelectual ou uma predominância total de outras ideias sobre a região. Na verdade, como já vimos, surge da complexidade e diversidade que sempre foi América Latina: primeiro pelos povos autóctones e depois pelo Colonialismo, que empossou a cultura europeia como dominante e que originou a transculturalização do continente, regiões culturais e histórias contrapostas, precisando, desse jeito, de uma epistemologia e análise diferente.

Do mesmo modo, Europa não está isenta de discussões deste jeito. No Século XIX, podemos falar, por exemplo, quando América estava se independendo de Portugal e Espanha, também na Europa surgiam questionamentos e conflitos de caráter estético e político. Temos o romance social de Inglaterra e Rússia, que surge com a revolução industrial, cuja ascensão dos burgueses, deu aos romancistas essa necessidade de escrever do cotidiano, do social, resultado das crises sociais:

Los años de 1832 a 1848 son un período de la más aguda crisis social, llenos de intranquilidad y de luchas sangrientas entre el capital y el trabajo. El proletariado inglés experimentó después del Bill de reforma el mismo trato por parte de la burguesía que sus hermanos en Francia después de 1830. Con ello se forma una especie de comunidad de destino entre la aristocracia y el pueblo frente al enemigo común, la burguesía capitalista. (HAUSER, 1993, P. 128)

Mas, embora os franceses também se vissem nessa instabilidade social, o resultado estético foi diferente, enquanto os franceses evoluíram num naturalismo muito estrito, os ingleses evoluíram num segundo romantismo (HAUSSER, 1993, p. 138). A sociedade inglesa pega em modo geral o pensamento positivista, desde os poderosos até o homem da rua, porém a literatura pega outro caminho:

La literatura de la época está, sin embargo, llena de una nostalgia romántica, de un anhelo por la Edad Media y la utopía, en el que no tienen valor alguno las leyes de la economía capitalista, la comercialización, la objetivación y eliminación de la magia de la vida. (HAUSER, 1993, P. 129)

Há, então, um culto ao passado, uma lógica da decadência como máximo expoente Ruskin, que relacionou à cultura com a arte, falando que a decadência da apreciação estética numa sociedade está determinada pelas condições do homem (HAUSER, 1993). Ruskin, e depois William Morris foram os intelectuais da época que conseguiram entender a arte na sua relação com a sociedade, o Morris afirmando que a arte tinha que ser feita pelo povo e serem consumida pelo povo mesmo; mas além desses aportes, seguem tendo uma fascinação pela Idade Média, ou seja, um romântico por excelência.

Acontece o mesmo nos romancistas ingleses daquela época. Os romances estavam baseados principalmente nos interesses da classe alta e média burguesa, aceitando as premissas do capitalismo, sem gerar um argumento crítico contra ele, ou seja, nenhum deles é um verdadeiro revolucionário e algumas vezes até justificam as injustiças da classe alta acontecidas ao proletariado (HAUSER, 1993, p. 139). Temos assim como exemplo a Dickens, uns dos romancistas mais importantes da época:

[Dickens] Tronaba con inflamadas palabras contra los pecados de la sociedad, la falta de corazón y el egoísmo de los ricos, la dureza y la incomprensión de la ley, el trato cruel a los niños, las condiciones inhumanas en las cárceles, fábricas y escuelas, en resumen, contra la falta de consideración al individuo que es propia de todos los organismos institucionales. Sus acusaciones resonaron en todos los oídos y llenaron

todos los corazones del sentimiento incómodo de una injusticia de la que era culpable el conjunto de la sociedad. Pero el grito de alarma y la satisfacción que siempre acompaña después de un buen clamor no condujo a nada tangible. El mensaje social del autor quedó políticamente infructuoso, e incluso artísticamente su filantropía produjo frutos muy mezclados. (HAUSER, 1993, P. 146)

O romance inglês era na verdade um romance burguês, no qual as minorias oprimidas eram vistas como inferiores, e a própria burguesia como moralmente superior. Além disso, o Dickens não apresenta soluções para os problemas nem uma postura política, o Dickens e sua estética, carece do pensamento crítico:

Pero ¿cuán insuficiente es todavía la imagen que se hace de la estructura interna del capitalismo, cuan ingenua y llena de prejuicios es su opinión acerca de los objetivos del movimiento obrerista, cuan pequeño-burgués es su juicio de que la agitación socialista no es más que demagogia, y la consigna de huelga nada más que una exacción! La simpatía del autor va hacia el honrado Stephen Blackpool, que no toma parte en la huelga, y por una fidelidad atávica y perruna siente una solidaridad insobornable, aunque fuertemente velada, con su patrón. La "moral de perro" desempeña en Dickens un gran papel. Cuanto más alejada está una actitud de la posición intelectual madura y crítica de un hombre de espíritu, tanto mayor comprensión y simpatía le brinda. (HAUSER, 1993, P. 148)

A narrativa de Dickens, embora faça um retrato da realidade social inglesa, postula que os oprimidos têm que se submeter ao poderoso, e que eles carecem de uma moralidade própria, fala de uma dívida que o pobre tem com a elite, o que Hauser chama de “a moral do cão”. Dickens está contra as greves dos trabalhadores, por considerar elas imorais, prefere a estética temerosa do pobre, uma falsa paz fundamentada na submissão, que a libertação do pobre através da luta social:

Dickens pinta un acongojante retrato de los orfanatos y casas de pobres, en particular, y de la miseria y delincuencia urbana, en general, y de esta manera da muestra su «percepción emocional de que algo estaba mal en la sociedad» de su tiempo. En especial, dirigió su sarcasmo hacia esos economistas políticos, filósofos racionalistas, los científicos naturales, que, al defender la libre competencia, mostraban no entender las razones del corazón.

Como dijo Orwell, Dickens era un moralista, por lo que su propuesta para los hombres y mujeres de su tiempo era la de llevar a cabo una transformación personal. (SCHWARTZ, 2006, p. 234)

As críticas de Dickens sobre a sociedade, eram feitas de uma forma fraca, superficial, sempre protegendo sua postura de pequeno-burguês, era, inegavelmente, defensor do *status-quo* (HAUSER, 1993, p. 147). A estética e a política mesma deste romance social, estão envolvidas numa fé infantil na burguesia, no concílio impossível das classes sociais. Enfim, carece de seriedade:

Pero, en realidad, todas las figuras de este naturalismo son caricaturas, todos los rasgos de la vida están en él agudizados, aumentados de dimensión, exagerados, todo se convierte en un fantástico juego de sombras y retablo de titiritero, todo se transforma en relaciones y situaciones estilizadas y estereotipadas hasta llegar a la simplicidad del melodrama. (HAUSER, 1993, p. 150)

A obra de Dickens e do romance social inglês, carecem da sensibilidade sobre a vida e as injustiças feitas ao proletariado, o romancista (por conseguinte sua obra) carece de valor político, ele é um criador, sim, mas um criador sem transcendência social, por isso Hauser os chama de pequeno-burgueses: esses romances não tinham uma finalidade social, mas apenas de venda e entretenimento, por isso Schwartz considera-los como as séries televisivas daquela época (SCHWARTZ, 2006, p. 233). Não existiam como tal os intelectuais, os estudiosos eram pequeno-burgueses que se moviam nos limites que a burguesia lhes permitia. Estes intelectuais cumpriam a função de liberar as tensões entre as duas classes, assim esses sentimentos não ficariam reprimidos.

Diferente foi na Rússia, onde o romance social surge de intelectuais independentes da burguesia, contestatários, abertamente anti-burguês. Este grupo intelectual russo, era um grupo heterogêneo, conformado por filhos de nobres e um segundo grupo de origens muitos diversos, desde filhos de comerciantes até filhos de sacerdotes, e um fato importante da época, é que as universidades, como a de Moscou, se convertem na sede da intelectualidade sem classe. Como resultado desta conformação complexa e da sua postura política, a literatura adquire um olhar crítico social:

La novela como pura literatura de entretenimiento o como puro análisis de almas, sin pretensión alguna de tener una significación y utilidad sociales, es un género desconocido en Rusia hasta el comienzo de los años ochenta. La nación se encuentra en un proceso de fermentación tan violenta y en el público lector la conciencia política y social está tan desarrollada, que un principio como el del arte por el arte no puede en absoluto aparecer (HAUSER, 1993, p. 160).

A literatura russa é uma literatura da crítica social, uma literatura da oposição. Mas, essa heterogeneidade vai evoluir em duas posturas politicamente diferentes, os eslavófilos e os ocidentalistas: *Los primeros acentúan, frente al cosmopolitismo y el libre pensamiento ateo de los occidentalistas, el valor de las tradiciones nacionales y religiosas y proclaman su fe mística en el campesino ruso y su fidelidad a la iglesia ortodoxa* (HAUSER, 1993, p. 163).

Os eslavófilos eram, portanto, conservadores e até românticos, porém os ocidentalistas tinham uma visão mais liberal, mas ambos com uma mesma finalidade: a salvação da Rússia. No entanto, estes pensamentos não tinham uma fronteira clara e distinguida: alguns eslavófilos apoiavam ao povo e alguns ocidentalistas estavam contra a democracia, em outras palavras, estas posturas políticas e filosóficas não eram um bloque inflexível e granítico. Podemos olhar isso em autores como Belinski e Herzen que mantinham uma postura diferente a Dostoievski e Tolstoi, e, todavia, abordavam problemas similares:

Pero Belinski y Herzen luchan tan desesperadamente, y a menudo con tanta perplejidad, con el problema de la libertad individual como Dostoievski y Tolstoi. Toda la especulación filosófica de los rusos gira alrededor de este problema [la

libertad], y el peligro del relativismo moral, el fantasma de la anarquía, el caos del crimen, ocupan y angustian a todos los pensadores rusos (HAUSER, 1993, p. 166)

As posturas políticas de ambos não foram fixas, mas foram evoluindo, se contrariando, até se converter em escolas políticas novas:

Después de la liberación de los campesinos, muchos de los viejos escritores se separan de la intelectualidad y el occidentalismo y se unen a los nacionalistas, de manera que apenas se puede ya sostener que "la crítica conservadora era en todos los aspectos, tanto cualitativa como cuantitativamente, notablemente más débil que la progresista. (HAUSER, 1993, p. 164)

A diferença dos ingleses, os russos sim apresentaram posturas políticas marcadas, mas, aquelas posturas que em um início eram críticas, terminam se transformando em posturas partidárias: há um nacionalismo generalizado nos intelectuais russos, sendo os “arautos” da missão russa. Mas aquilo que começou como uma intenção social, depois fica com a intenção de entender a liberdade dos homens. Porém, a novela russa se distingue das outras europeias por relacionar tanto o político, o social e o sujeito, diferente as outras, que falava do sujeito sem seu contexto. Além disso, os literatos russos, sob a censura do despotismo, olham na literatura uma forma de apresentar a crítica social e de educar ao povo: o romance, então, adquire uma natureza pedagógica e política:

El despotismo no ofrece en Rusia a las energías intelectuales ninguna otra posibilidad que la literatura, y la censura encausa la crítica social en las formas literarias como único canal de desagüe. La novela como forma de crítica social por excelencia adquiere en consecuencia un carácter activista, pedagógico, incluso profético, como nunca lo tuvo en Occidente, y los autores rusos siguen siendo los maestros y profetas de su pueblo cuando los literatos en Europa ya se han sumido en una plena pasividad y aislamiento. (HAUSER, 1993, p. 167)

Por outra parte, a psicologia russa se complementa com a caracterização social do romance mesmo, a diferença do romance inglês onde o aspecto psicológico vem substituir o social. Entretanto, o romance social russo apresenta maior maturidade que o inglês, podemos fazer uma crítica similar, de uma infantil moralidade que influência do nacionalismo, no qual todos os escritores russos, dentre eles Dostoievski, estavam imersos:

Pero la ingenuidad de su filosofía moral procede de sus escapadas antirracionalistas, de su traición al intelecto y de su incapacidad de resistir a las seducciones del romanticismo y del idealismo abstracto. Su nacionalismo místico, su ortodoxia religiosa y su ética intuitiva forman una unidad espiritual y proceden evidentemente de la misma vivencia y de la misma conmoción anímica. (HAUSER, 1993, p. 171)

Mas, isso não fica ali. Nos russos, tendo como exemplo a Dostoievski, a relação estética-política é confusa e até contraditória. Ele, que em um início foi um revolucionário, com o passar dos anos foi se transformando num místico que buscava a paz:

Moralista, místico, reaccionario, según se le suele caracterizar sumariamente, llega a serlo Dostoievski sólo en su época tardía. Pero aun con esta limitación no es fácil definirle políticamente. Su crítica del socialismo es un absurdo; el mundo que describe

clama por el socialismo y por la libertad de la humanidad de la pobreza y la humildad. Se tendrá que hablar en él del "triunfo del realismo", de la victoria del artista de clara mirada y mentalidad realista sobre el político confuso y romántico. (HAUSER, 1993, p, 172)

Embora o juízo de valor que faz Hauser seja um pouco forte, é evidente que o homem político e o homem literário em Dostoievski não concordam. Apesar de que Dostoievski conseguiu retratar de forma mais profunda e emotiva as “vivências da pobreza”, jamais logrou serem o porta-voz dos oprimidos. Idealizou o conceito de “povo” e foi um fervoroso eslavofílico, mas nunca se relacionou intimamente com o proletariado e os camponeses, como sim, por exemplo, o fizeram o Amaya Amador e o Álvaro Maia. Há em Dostoievski uma elitização do proletariado, uma elevação de uns poucos, os intelectuais, o “proletariado literário” como ele mesmo chamou e que são representados nas suas obras, nos seus heróis: *La mayoría de los héroes de Dostoievski, es decir, Raskolnikov, Ivan Karamazov, Shatov, Kirilov, Stepan Verkhovenski, son intelectuales burgueses, y Dostoievski orienta su análisis de la sociedad por los puntos de vista de éstos* (HAUSER, 1993, p. 173). É evidente que a perspectiva na qual será vista a realidade e abordada os problemas no romance diz muito do escritor; e para Dostoievski, essa visão do mundo será escrita desde os olhos da intelectualidade, quem, dentro da cosmogonia dostoievskiana, são os messias que solucionarão os problemas de um proletariado inocente e ingênuo. “O povo” visto desde Dostoievski não é um povo ontologicamente independente: está o bem supeditado à burguesia, o bem a essa elite intelectual do proletariado, mas não são autônomos. O proletariado tem uma passividade profunda, uma incapacidade de alcançar não apenas sua autonomia, mas também o conhecimento por ele mesmo, depende de uma guia, um redentor, que vem a ser a imagem do intelectual, aquele salvador, estudado, que resgatará aos oprimidos. Dostoievski não foi o único em apresentar esta estrutura de dominação, o Tolstoi faz o mesmo, mas substituindo o intelectual pela nobreza, expondo uma defesa a uma conciliação inacessível entre as duas classes contrariadas. Evidentemente o olhar de Tolstoi ainda é patriarcal e feudalista.

Concluindo, o romance social inglês e o romance social russo foram diferentes tanto esteticamente como politicamente do que foram o romance social hondurenho e o romance modernista brasileiro. O inglês tinha uma visão pequeno-burguesa que virou num romance psicológico que se afastou totalmente da crítica social e optou por uma perspectiva individualista dos problemas coletivos. Algo assim aconteceu também com o romance russo que, num início apresentou um olhar crítico social, mas que depois foi se convertendo mais partidário e parcial que evoluiu num romance quase existencialista, não se enfocando nos problemas sociais, senão em como a sociedade influi nos conceptos abstratos da liberdade,

moral e angustia. Portanto, seria aventurado e irresponsável falar de que há uma ascendência inglês e/ou russa nas estéticas hondurenha e brasileira, já que, como veremos mais diante, ambas expõem características epistemológicas e políticas totalmente diferentes.

Se retomamos a crítica orweliana do político e o moral (SCHWARTZ, 2006), as literaturas inglesas e russas eram literaturas morais, incapazes de chegar ao ponto do político como assim ocorreu nas literaturas brasileira e hondurenha. Assim, planteia-se uma diferença não apenas política, mas também estética e epistemológica. Hauser explica que as literaturas russo-inglesas serviam como um desafogue, alívio, mas um alívio passivo, sem repercussões políticas, sem protestas ou intenções de mudar a condição social do povo. Assim, estas literaturas, em certa medida justificavam o acontecido na época, e embora em alguns momentos faziam críticas ou evidenciavam as injustiças, era somente para que o leitor, na sua maioria o proletariado, se identificara com a obra e desfrutara dela: não tinha a incomodidade política.

Chegamos ao Século XX, e dele podemos falar que foi muito conflitado: as duas guerras mundiais, ditaduras militares generalizadas, ingerência estrangeira no político e econômico em países ex-colônias, e a inevitável globalização, enfim, tudo isto deu espaço a refletir sob o nacional, o regional. No Brasil e Honduras a ingerência estrangeira materializou-se na Borracha e Bananeiras respectivamente, ou seja, nas relações econômicas e políticas. A intenção de exploração econômica das regiões da Amazônia em Brasil e a Costa Norte em Honduras, propiciou nos intelectuais e escritores da época uma nova forma de pensar e escrever.

No Brasil, desenvolveu-se o projeto político nomeado “Estado Novo”, que liderado pelo Getúlio Vargas, pretendia, das mãos dos pensadores brasileiros, a reconstrução nacional. No entanto, essa reconstrução tinha que se dar, segundo eles, desde um saber social, das ciências sociais e não nas ciências “dos homens” e “da natureza” (RAMOS, 2016, p. 18). Como já vimos anteriormente, na época do Estado Novo, não havia uma supremacia apenas política, mas também simbólica:

À elite intelectual correspondia a produção das representações que conformavam o discurso estadonovista. Aos intelectuais menores cabia a reprodução e a difusão das idéias geradas por essa elite. Em *Cultura Política* escrevia esta última, com posta por um seletivo grupo de intelectuais [...] (SECRETO, 2007, p. 118)

Desse modo, era mais que um governo, um projeto ideológico orientado desde um sistema simbólico no qual contribuíam acadêmicos, intelectuais e também artistas. Álvaro Maia é um representante quase perfeito: era intelectual, político e também artista. A ideia era que não se pegariam de fora conceitos ou estruturas estrangeiras, forçando-as à realidade brasileira. Com isso, o pensamento seria desde o Brasil e para o Brasil, daí esse desejo do retorno às raízes (RAMOS, 2016). Mas esse desejo, temos que aclarar, estava condicionado do desenvolvimento

econômico brasileiro que na época tinha uma lógica da globalização, como já falamos, das reformas liberais que propunham uma economia da dependência, especialmente com a borracha, que, como explica Lima, era um produto que no Brasil, não podia se comercializar, ou seja, a presença do “outro” dentro dos espaços próprios, estimulou o anelo do nacional.

No entanto, pela vastidão do território e a complexidade das diferentes culturas, este desejo tornou-se heterogêneo, porém, os intelectuais refletiram principalmente na desigualdade social e o atraso do país. Importante é esclarecer que, talvez a diferença de outros países, no Brasil, os intelectuais brasileiros tinham uma presença ativa dentro da política nacional:

Contudo, é necessário compreender o próprio posicionamento social e político dos intelectuais brasileiros durante este período. Ao se pensar nos intelectuais como um grupo socialmente constituído, deve-se tomar em mente que a intelligentsia brasileira apesar de detentora de uma vocação para um saber “puro” assume uma posição de destaque na sociedade por sua forte relação com as classes dirigentes, seja por origem ou por representação (MICELI, 1979). Eles passam, desse modo, a ter um caráter de engajamento social e político. (RAMOS, 2016, p. 21)

Apesar disso, os intelectuais brasileiros não se perceberam como uma elite, mas, procuraram a liderança moral que ao final, não conseguiu criar uma nova sociedade. Nesta época, o intelectual brasileiro tinha dois caminhos para o exercício político: ou se aliando ao Estado Novo (MICELI, 1979) ou como contrários às instituições liberais (PECAULT, 1990).

Mas esta necessidade política dos intelectuais brasileiros, temos que o ver desde seu contexto: o intelectual da periferia, tinha que se desenvolver como político também; característica fundamental que o diferencia da intelectualidade europeia ou norte-americana, que se enfocaram apenas nos exercícios isolados do intelecto. O intelectual periférico, não pode ser um intelectual apenas, tem uma obrigação social e política com seu país, o que vai se desembocar também na literatura:

Muitos destes intelectuais têm em sua trajetória um intenso contato com os principais centros culturais europeus (a maioria de origem abastada), assim ao chegar ao retornar a sua terra natal tenta através da literatura recriar uma cultura refinada em um país onde mais da metade da população é analfabeta. (RAMOS, 2016, p. 23)

Um dos quesitos do Estado Novo e que explica Ramos, é que este intelectual político, adquire pela dualidade da sua natureza, alguns conflitos: existiam intelectuais a favor do Estado Novo e outros contra ele, não existia, então, uma unidade granítica como talvez sim sucedeu com os ingleses ou os russos, o caso brasileiro era mais complicado. Assim, este exercer político vai se incorporar também à estética das obras:

Quando Maia aponta a questão de extração da borracha como o ponto de solução para o problema do desenvolvimento do Amazonas, sendo esse processo de desvalorização fruto do próprio descaso com que as autoridades locais. O que estava em jogo na verdade era a forma como o processo de modernização estava sendo implementado na região com seus impactos e problemáticas. (RAMOS, 2016, p. 25)

Como já falamos, nesse século a América Latina foi inserida ao sistema econômico mundial, mas não numa relação de igualdade, senão como produtores em base nas necessidades das potências. No Brasil, por exemplo, deu-se uma crise econômica, social e política: sem-fim de greves no geral do país que culminou na Revolução de 1930.

No Amazonas, notou-se essa crise na decadência da Borracha, nesse momento, considerada por eles e os governantes, importante para a prosperidade econômica da região, exemplo disso são as cidades de Manaus e Belém. Talvez seja por essa razão que os políticos e também os literatos, viraram seus olhos à Borracha: acreditavam que o mau chamado “período áureo”³⁴ da borracha foi, como tentava o plano do Getúlio Vargas, um desenvolvimento para o norte do país, o Amazonas. Na queda da Borracha, a economia enfraqueceu, porém, a Borracha se retomaria na Segunda Guerra Mundial:

Na Segunda Guerra Mundial, o Amazonas reviveu um período de crescimento econômico, igual ao período áureo da borracha com a reativação dos seringais nativos, devido ao fato dos seringais localizados no Oriente se encontrarem sob o domínio de forças contrárias aos Aliados. Trazendo para a floresta uma nova leva de nordestinos em busca de melhores condições de vida, os “soldados da borracha”. Esse curto período de aparente prosperidade só foi possível graças ao acordo de Washington, no qual se criou o Banco de Crédito da Borracha destinado a comprar a produção gomífera reservada aos esforços de guerra. (RAMOS, 2016, p. 28)

A defesa da Borracha era a que, segundo alguns, entre eles o próprio Maia, uma época boa do Amazonas, era a defesa de um Amazonas elite dentro do Brasil e também na América Latina. Assim, veremos em algumas das obras literárias amazonenses da época, uma saudade da borracha, por ser a responsável, talvez não de um crescimento econômico insuperável, mas sim, da inserção da região ao comércio internacional³⁵ e nesse sentido, o econômico reverberou no político e no literário.

Em Honduras o cenário foi um pouco diferente. A reforma liberal materializou-se em Honduras com a sua inserção no mercado mundial com produtos agrícolas (HERRERA, 2010), dentre eles o café, açúcar, cacau e, especialmente, a banana.

Num início, os estadunidenses chegavam às costas hondurenhas e compravam as bananas aos produtores locais, explorando-os com preços injustos:

Estas embarcaciones llegaban a la Costa Atlántica de Honduras a comprar bananos a los productores locales bajo una relación típicamente mercantilista de comprar barato y vender caro [...]

³⁴ A discussão que trouxemos no Capítulo I foi justamente uma crítica ao que se chamou “Época Áurea” da Borracha, já que embora tenha desenvolvido urbana e economicamente cidades como Manaus e Belém, esse desenvolvimento econômico não repercutiu na população em geral. Nem os indígenas ou os seringueiros foram beneficiados dessa “época áurea”, porém tenham participado ativamente da extração do látex.

³⁵ Carlos Teixeira (2019) explica que dos três ciclos econômicos dados no Amazonas, só a época da Borracha deu essa visibilidade econômica e cultural para a região.

Los productores tenían que transportar la fruta desde la tierra al barco en una canoa que cargaba pocos racimos, efectuando muchas veces hasta 50 viajes. Así, los productores tenían el riesgo de doble pérdida; uno por lo frágil y perecedero de la fruta, por lo cual muchos racimos eran rechazados, y, lo otro, que por vender en el barco tenían que aceptar los precios que les imponían el comprador antes que regresar con la fruta” (HERRERA, 2010, p. 219)

Esta forma de comercializar a banana era improdutora ao produtor, quem se submetia à vontade do comerciante e seus preços: evidentemente era o estadunidense quem ganhava muito mais do que o produtor hondurenho; mas além disso, o produtor hondurenho ficou incapaz de cumprir a demanda de banana do comercio estadunidense, o que resultou que o comerciante ficou sendo produtor, como ser a *Vaccaro Brothers Company* no ano 1890, sendo a primeira transnacional produzindo banana em território hondurenho. Começa assim a apropriação da Costa Norte pelas transnacionais, substituindo ao produtor hondurenho. Nesta época Honduras converte-se no maior produtor e exportador de banana a nível mundial³⁶.

A ingerência política das três transnacionais mais importantes, *United Fruit Company (UFCo)*, *Standard Fruit Company* e *Cuyamel Fruit Company* (antes a *Vaccaro Brothers Company*), foi tão grande que elas mesmas promoveram nas primeiras décadas do Século XX inumeráveis guerras civis. A *UFCo* era afim do Partido Nacional³⁷ e a *Cuyamel* ao Partido Liberal, mas este conflito culminou com a fusão das duas transnacionais, que deu como resultado político a ditadura do General Tiburcio Carías Andino, ditadura que durou mais de duas décadas (HERRERA, 2010, p. 221), como já falamos, estas duas eram as transnacionais mais importantes do país, *La Standard Fruit Company* não tinha a capacidade aquisitiva para poder brigar politicamente com elas, ao se fusionar, o monopólio político e econômico consolidou-se³⁸. Razão pela qual Honduras foi nomeada como “*República Bananeira*”.

Assim, o intelectual hondurenho foi testemunha das explorações econômicas das transnacionais e da instabilidade política e social resultado do poder delas nos governos da época. Portanto, a postura política do intelectual hondurenho foi a de lutar contra o governo e as transnacionais. A ditadura de Carías foi muito ruim para o Estado hondurenho em questões de direitos humanos: muitos desaparecidos, ou perseguidos, dentre eles Ramón Amaya Amador, tiveram que escapar de território hondurenho para não morrer³⁹.

³⁶ Honduras já no ano 1915, exportava 135, 535, 287 racimos de banana (CALLEJAS, 1954, p. 318) e, como explicam Vilma Laínez e Víctor Meza no seu artigo “*El enclave Bananero en Honduras*”, só apenas a *United Fruit Company* estava valorada em 242,000,000 dólares (1973, p. 42) no ano 1928.

³⁷ Evidenciamos isso no romance “*Biografía de un Machete*” de Amaya Amador quando Cirilo trabalho primeiro para o General Crisóstomo, do Partido Nacional, e depois terminou trabalhando para a *United Fruit Company*.

³⁸ No Capítulo 1 se explica tudo isto.

³⁹ Como explicam Miguel Cáceres e Sucelinda Zelaya (2005), a presidência de Carías (1924) e subsequente ditadura apelidada “*cariato*” (1933-1949) foram financiadas pela *United Fruit Company*, que a sua vez depois

Essa visão política nota-se na estética dos romances hondurenhos da época: se nós pegamos a produção literária (e até jornalista) de Amaya Amador, olharemos a crítica que ele fez às injustiças da época. Além disso, recupera as vivências do povo, sua fala e seus lugares cotidianos, retratando-os nas suas narrativas, algumas dessas experimentando-as de primeira mão, por ter nascido e vivido na Costa Norte do país. O romance hondurenho não idealizou ao proletariado, além disso, apresentou ele como era, nas suas realidades e problemáticas, afastado de um olhar burguês e psicológico. E, talvez por isso, os romances sociais hondurenhos foram proibidos no território nacional, tal o caso de “Prisión Verde” e demais obras de Amaya Amador, quem, para se salvar de uma morte segura, teve que viver grã parte de sua vida no exterior.

A Borracha deu para o Amazonas uma visibilidade internacional e algumas coisas como serem uma das primeiras cidades de América Latina com eletricidade, ou a primeira universidade do Brasil. As Bananeiras não deram a Honduras um Teatro Amazonas ou um Teatro da Paz, nem universidades ou eletricidade, como aconteceu com o Amazonas: Temos assim, o mesmo fenômeno de países produtores, mas com percepções diferentes. Por uma parte, a Borracha deu ao Amazonas essa inserção ao mercado internacional, que como explica Teixeira (2019), não havia ocorrido em épocas anteriores; enquanto as Bananeiras em Honduras deram corrupção, exploração dos locais, roubo de terras⁴⁰ e diversas guerras civis auspiciadas pelas transnacionais na sua luta pelo poder no território hondurenho. Embora é importante esclarecer que estes benefícios dados na Borracha eram apenas para uns poucos, o intelectual brasileiro via na borracha um benefício para a região, apesar dos vícios e abusos de poder que, igual que nas Bananeiras, também apresentou; e o intelectual hondurenho viu a devassidão dos estrangeiros em seu território e na sua gente.

E essas percepções políticas e econômicas evoluíram numa estética diferente em ambos países. O romance amazonense vai se focar na borracha, quase como um tipo de lembrança emotiva dela, como um “tempo bom” para o Amazonas, e defenderá a produção e exportação gomífera, retratando também as injustiças acontecidas; o romance hondurenho, na sua vez, criticará as injustiças das transnacionais bananeiras, das quais seu poderio em Honduras permitiu-lhes laborar impunemente.

financiar a presidência de seu opositor, Miguel Paz Barahona. O cariato destacou-se pela perseguição política, desaparecimento de opositores e uma cultura da violência e poder militar. A crise econômica dos anos 30, deram em Honduras e no Brasil ditaduras (Cariás e Vargas) nas quais se prometeram políticas agrárias e de trabalho que, na verdade, não solucionaram a problemática destes dois países.

⁴⁰ Coisas que, como explicamos, também aconteceram na borracha: neste caso, Borracha e Bananeiras tiveram as mesmas consequências.

Se falarmos da relação política-estética, notaremos que a diferença do romance russo-inglesês e os romances brasileiros e hondurenhos, apresentavam uma postura firme enquanto às problemáticas abordadas. Não ficavam no meramente moral: para o brasileiro, a Borracha representava um dos momentos mais produtivos para o Amazonas; e para o hondurenho, a luta contra as Bananeiras era uma reivindicação social.

2.2. A “*episteme*” da literatura no Século XX

A originalidade do escritor fica na diferença discursiva da sua criação. Como explica Sartre em “Que é literatura?” (2004), o escritor não apenas representa, não é um artista mudo:

Mas, dirá você, e se o pintor fizer casas? Pois bem, precisamente, ele as faz, isto e, cria uma casa imaginária sobre a tela, e não um signo de casa. E a casa assim manifesta conserva toda a ambiguidade das casas reais. O escritor pode dirigir o leitor e, se descreve um casebre, mostrar nele o símbolo das injustiças sociais, provocar nossa indignação. Já o pintor é mudo: ele nos apresenta um casebre, só isso; você pode ver nele o que quiser. Essa choupana nunca será o símbolo da miséria; para isso seria preciso que ela fosse signo, mas ela e coisa. (SARTRE, 2004, p. 12)

O escritor vive nos significados, trabalha com eles. Para Sartre, um símbolo literário é “descrição de algo”, que nos dirige por meio dele a uma sentença, a uma provocação: “Las obras literarias no están fuera de las culturas sino que las coronan y en la medida en que estas culturas son invenciones seculares y multitudinarias hacen del escritor un productor que trabaja con las obras de innumerables hombres” (RAMA, 2008, p. 24).

A prosa, indubitavelmente, tem particularidades sociais e políticas, o escritor é um falador, designa, demonstra, ordena, recusa, interpela, suplica, insulta, persuade, insinua (SARTRE, 2004). Escrever não é apenas testemunhar, é agir, refletir do descrito. Assim, o escritor vai formular sua fala, porque a prosa é parte do discurso, desde um olhar ou olhares, vai desvendar as partes do mundo que ele quiser: não existe imparcialidade no discurso, portanto, tampouco na prosa. O romance terá uma intenção política, que se resume como a vontade de mudar o mundo (SARTRE, 2004, p. 20). A fala de Sartre pode se entender no seu contexto social e histórico. Mas, esta incorporação do ideológico ao estético, com explica Della Volpe, deve se dar de forma unida à forma, ao artístico:

Si la ideología entra en ella, formando parte de su totalidad, y sin poder ser disociada de ésta, ello significa que su relación con la obra no es externa, ocasional, sino esencial. Y si la idea moral, política, religiosa, etcétera, no está en la obra de este modo esencial, intrínseco, y sólo existe externamente como pretexto u ocasión de ella, si presencia en esta forma carecerá de todo valor estético. (SÁNCHEZ, 2003, p. 32)

Ou seja, o ideológico tem que formar parte essencial da obra e não ser uma característica extraliterária. Porém, esta intencionalidade política que dá Sartre à prosa, é porque no Século

XX, época na qual aconteceram importantes lutas políticas, o escritor deixou de ser apenas um esteta e sim uma personalidade política.

O próprio Sartre participou de diferentes greves na ocupação alemã e até depois disso. E isso se reflete na sua obra literária: temos, como exemplo a obra “mortos sem sepultura” do ano 1946, obra dramática na qual se apresentam as vivências da resistência francesa na Segunda Guerra Mundial. Sartre não foi o único escritor que *aproveitou*, palavra chave para entender a literatura do Século XX, sua obra como ativismo político. Assim, política e estética se relacionam, no sentido aristotélico de “o que percebo e como o percebo”, a transubstanciação, por utilizar palavras do existencialismo, do social, o vivido, em uma obra não apenas bela ou atrativa, mas também política. Não obstante, essa amalgama entre o político (que também pode se nomear de “ideológico”) não deve se apresentar de forma isolada, ou diretamente, como se apresenta numa crônica ou num ensaio acadêmico, se apresenta desde uma sensibilidade, que consiga se incorporar à natureza estética do escrito:

As ideias na arte devem assumir uma forma particular, devem apresentar-se sensivelmente ante a consciência, devem estar integradas a estruturas apropriadas à transmissão do conhecimento artístico estruturas que não se confundem com as da transmissão do conhecimento científico. Do fato de que o conhecimento artístico e o conhecimento científico têm o mesmo objeto (ou, antes, têm como objeto a mesma realidade objetiva geral), não se infere que ambos apreendam o real da mesma maneira. (KONDER, 1967, p. 29)

A arte é também uma maneira de entender o real, mas desde a sensibilidade, o que os marxistas chamaram de “humanizar” o fenômeno. Esta humanização do real, do social, vai impulsionar uma nova estética, enriquecendo o próprio conceito de arte e, por conseguinte, de literatura.

Mas esta humanização não é uma humanização improdutiva, ou uma “arte por arte”, para Sartre, a literatura é uma arma (*ibidem*, p. 21) que ao serem escrita, é atirada. Há, então, na literatura que descreve Sartre, uma responsabilidade política:

Ninguém pode alegar ignorância da lei, pois existe um código e a lei é coisa escrita: a partir daí você é livre para infringi-la, mas sabe os riscos que corre. Do mesmo modo, a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele. (SARTRE, 2004, p. 21)

No pensamento sartriano o escritor escolhe do que falar e do que calar, assim, essa escolha é uma escolha particularmente política, já que a palavra é ação e a ação é intenção de mudança: aquilo do que escreve o escritor, é aquilo que pretende mudar. Mas esse escritor descrito por Sartre é um escritor que não existia antes do Século XX. Autores como Tolstoi ou Dickens não pretendiam mudar o mundo, mas algumas vezes o justificaram. A Sartre, que faz essa afirmação, poderíamos lhe criticar que ele não pretendeu mudar as coisas das quais

escrevia. Suas obras literárias não transcendem a problemática abordada: a estrutura narrativa da maioria das suas obras fica sempre no ponto do início. Temos pelo exemplo nos *Mortos sem sepultura* onde ao final os revolucionários terminam traindo seus princípios e morrendo de igual forma. O mesmo no conto *A sorte está tirada*, as personagens têm outra oportunidade voltando à vida para mudar a situação e ficam morrendo. Há, mais que um fatalismo, um determinismo de que as coisas não vão mudar.

Diferente são as obras, pelo exemplo, de Amaya Amador e Álvaro Maia, quem ao apresentar o problema, também apresentam soluções. E como Sartre continua na sua fala, quando a prosa adquire essa particularidade política, não é que perde sua natureza estética, mas ganha novas formas artísticas, o tema vem a se desenvolver em novas formas, a enriquecer o literário. Assim, a intenção política destes dois escritores deu uma literatura de um estilo e riqueza diferente, resultado da sua participação política. Essa intencionalidade política da qual fala Sartre, nomeá-la de “mensagem”:

Assim, quando um livro apresenta pensamentos inebriantes que oferecem a aparência de razões só para se dissolverem sob o nosso olhar e se reduzirem às batidas do coração, quando o ensinamento que se pode extrair dele é radicalmente diferente daquele que o autor quis dar, chama-se a esse livro mensagem. (SARTRE, 2004, p. 26)

Com isso Sartre vem a reafirmar o pensamento engelsiano de “triunfo do realismo”: “Mas crio que a tese deve brotar da própria situação e da própria ação, sem que seja explicitamente formulada. O poeta não é obrigado a dar pronta ao leitor a solução histórica futura dos conflitos sociais que descreve” (KONDER, 1967, p. 30). Para Engels, a tese, ou seja, a postura política do autor, não deve ficar evidente ou inteiramente visível no escrito, com isso, podemos entender que para Engels, a obra pode ser ideológica, mas deve procurar um equilíbrio entre a ideologia e a estética. Sartre fala de uma limitação voluntária à expressão da alma, algo assim como uma tentativa de explicar esse encobrimento da tese:

Quanto a suas ideias, devem dar a elas um ar de profundidade, mas vazio, e formá-las de tal maneira que elas se expliquem, evidentemente, por uma infância infeliz, um ódio de classe ou um amor incestuoso. Que não se atrevam a pensar de verdade: o pensamento esconde o homem, e é só o homem que nos interessa. Um solução totalmente nu não é belo; ele ofende. Um bom raciocínio também ofende, como Stendhal bem percebeu. (SARTRE, 2004, p. 27)

Estas diretrizes que dá Sartre explicam a tese engelsiana de “triunfo do realismo”, porque, é importante lembrar que, se bem Engels deu o nome do conceito, ele não aprofundou no que consistia. Mas essas dicas são mais de ordem estético que ideológico: é a obra quem vai dar a ideologia e não a ideologia à obra, em outras palavras, o ideológico vai ser parte da

obra e não a obra do ideológico, de ser o contrário, seria uma literatura militante, carente de valor estético ou artístico, assim como explica Sánchez:

Si la ideología entra en ella, formando parte de su totalidad y sin poder ser dissociada de ésta, ello significa que su relación con la obra no es externa ocasional, sino esencial. Y si la idea moral, política, religiosa, etcétera, no está en la obra de este modo esencial, intrínseco, y sólo existe externamente como pretexto u ocasión de ella, su presencia en esta forma carecerá de todo valor estético. (SÁNCHEZ, 2003, p. 32)

Ou seja, a ideologia, que pode ser moral, política, religiosa e demais, deve se incorporar de forma estética à obra, sendo uma parte mais do texto. Diferencia-se assim, pelo exemplo, da literatura russa, que as obras se viram a transformar num texto panfletário a favor do partido socialista, pelo exemplo. Assim, as obras de Álvaro Maia e Amaya Amador, embora incorporaram uma ideologia e um agir político, incorporaram estes elementos de forma essencial às obras, não de uma forma externa, mas como um elemento ativo das obras.

No entanto, o pensamento sartriano viu-se influenciado pela sua época e pela presença do estrangeiro, neste caso, a ocupação alemã. Nesse momento Sartre entende o valor do agir político não apenas no literário, e aquela ação individual, como é a literatura, tem que se complementar com a ação coletiva. Sartre, então, deixa de ser apenas um escritor, apenas um filósofo, e abraça as causas dos oprimidos, se convertendo num agente político.

Mas essa presença do estrangeiro no nacional não foi apenas na França. O que leva tanto a Amaya Amador quanto a Álvaro Maia à criação literária e à preocupação política foi, entre outras razões, a presença mesma do estrangeiro; porém, essa presença foi, num primeiro momento, econômica, e depois, política.

A Borracha que se extraía da Amazônia não era para comércio local, senão estrangeiro e, além disso, muitos estrangeiros, desde portugueses até estadunidenses, chegaram ao Brasil para explorar esse produto. Mas, apesar da presença do estrangeiro em território brasileiro, a Febre da Borracha deu para o Amazonas, culpáveis dessa visão a publicidade governamental, uma ilusão de desenvolvimento econômico na região, que se traduz na obra de Álvaro Maia como algo bom para o povo além de todos os vícios dados, que o próprio Maia descrevia na sua obra. Álvaro Maia, baseado na sua própria experiência, pessoal e política, como personalidade importante do Amazonas, olha a borracha como algo bom, por haver sido para a região uma época na qual o Amazonas foi visibilizado nacionalmente como capaz de prosperar e gerar ganâncias, como explica Teixeira. Embora Sartre fala de que o escritor escreve para mudar as coisas, podemos dizer que também as escreve para conserva-las, como é o caso do escritor amazonense, mas conserva-las, por acreditar que são boas.

Por outro lado, as Bananeiras em Honduras, trazidas ao território por estadunidenses, foram nefastas, autoritárias, exploradoras⁴¹ e evidentemente ruins para o crescimento não apenas econômico, também político do país. Estas transnacionais estrangeiras apoderaram-se do país, convertendo-o numa república bananeira, em outras palavras, uma nação que estava presa destas empresas estrangeiras. As riquezas subtraídas da Costa Norte do país, não ficaram em Honduras, senão apenas em mãos estadunidenses. Além disso, os tratos injustos aos trabalhadores, que iam desde trabalhos mal remunerados, o impedimento de um sindicato:

Pero cuando a la semana siguiente, desde el lunes nos enviaron a la línea del muerto, ya mi cólera, por ser tan honda, no se expresó. Me puse a pensar que seguramente el “capitán” había dispuesto quitarnos el trabajo y nos enviaba a la línea del muerto para que protestásemos y entonces tener el motivo para el despido. Haciendo el trabajo, con los ojos siempre alerta [...] Buscaba en mi conducta el verdadero motivo para que la compañía me lanzara, y llegaba a la conclusión que, seguramente, habían descubierto que nosotros los veneneros nos reuníamos en las plantaciones para tratar de hacer un sindicato. Eso debía ser el motivo. (AMAYA, 2017, p. 32)

Até a morte:

[...]se habían descubierto a flor de tierra el cadáver de un campeño todavía reconocible. Presentaba cinco balazos de fusil. Y eso, todos comprendimos que se trataba de uno más de los que “el comanche” fusilaba o asesinaba en cumplimiento de su deber de verdugo del mandador gringo.

[...]muchas otras partes se solían descubrir muertos, cadáveres en descomposición, esqueletos amarillentos sacados por las palas de los zanjeros o sembradores. (AMAYA, 2017, p. 30)

Por isso, quando Ramón Amaya Amador decide fazer literatura, a faz desde uma crítica social e humana às Bananeiras, por serem malignas ao país e explorar sem respeito à vida, aos hondurenhos.

O que Sartre chamou de desejo de mudar as coisas, pode se chamar também um compromisso moral do criador. O romance, não é apenas uma “ação passiva” da que fala Sartre, a qual ele mesmo vai criticar depois, senão uma intencionalidade de sensibilizar ao leitor através da literatura:

Ese germen de empatía, o por lo menos de posibilidad de empatía, se ejerce también, y afina, en la experiencia literaria, cuando el maltratado «narrador omnisciente» nos permite acceder –entre otras cosas– a las motivaciones de los otros, algo que, por supuesto, requiere –y esa ya es nuestra aportación, no de narrador– que nosotros seamos capaces de completar a partir de –una información inevitablemente fragmentaria sobre– los gestos y las acciones de los protagonistas, su mirada, qué creen y qué quieren, qué es lo que, al fin, explica sus acciones, por qué hacen lo que hacen. (OVEJERO, 2014, p. 170)

Assim, os romances de Amaya Amador, ajudaram e ajudam a entender as circunstâncias e injustiças acontecidas na época das Bananeiras, ou os romances de Álvaro Maia, para

⁴¹ Coisas que como vimos e veremos também aconteceram na Borracha, embora tenham sido vistas como necessárias para o desenvolvimento próprio do jornaleiro (como explica Lima em sua obra os seringueiros defendiam o sistema de aviação achando que assim eram mais livres e teriam mais ganâncias) e do país. A diferença aqui seria, não de situações sociopolíticas, mas de percepção éticas e estéticas.

compreender, não de forma apenas anedótica ou jornalista, senão desde uma perspectiva humana, sensível, o que foi a Borracha, com seus vícios e perspectivas locais. Se cria, desde a literatura, a empatia com aquelas vivências dos homens e mulheres de uma dada época. O romance deste tipo, então, supera os limites do estritamente artístico, para nos fazer experimentar uma postura além de estética, também moral, sensível e política, pois ao lograr a empatia do leitor, promove nele a consciência social da que falam os marxistas.

Quando Engels fala do “triunfo do realismo” ou Sartre apresenta as posturas políticas de uma maneira imperceptível, é na verdade, dicas para a criação literária capaz de comover ao leitor, não desde uma apresentação filosófica, pesada e alheia ao leitor, mas desde a sensibilidade, o humano: o escritor e o leitor ficam como iguais, há uma conversa desde a intimidade emocional, que vai se tornar num juízo moral, político:

En suma, por distintos caminos el arte puede ayudar a mejorar nuestra capacidad de juicio moral y, no menos, de juicio emocional y de juicio psicológico, muy relacionadas con la primera. No es casual que quienes estudian empíricamente las emociones con frecuencia hayan recurrido a –y hayan argumentado a favor de hacer uso de– obras literarias. Un provecho que unas veces, a mi parecer las menos, se obtiene por la vía socrática, a través de la reflexión explícita, de la digresión, como sucede –por citar con dispar simpatía literaria– en *El Quijote*, las novelas de Kundera o del propio Mann y otras, mucho más interesantes, por medio de la propia trama, cuando las propias situaciones, y las acciones de los protagonistas, son las que materializan los dilemas vitales o morales, como son los casos de Green, Sartre, Melville, Dostoievski o Borges. (OVEJERO, 2014, p. 169)

O criador escreve do que lhe preocupa, sim, mas não fica apenas no hábito da escritura, vai mais profundo ainda. Assim, como sentenciou o poeta espanhol, Juan Ramón Jiménez, que viveu a época da Guerra Civil espanhola: A poesia da guerra não se escreve, sobretudo não se escreve longe, se realiza. O poeta de guerra sofre na cidade ou no campo, não grita num refúgio seguro e acredita na eficácia de seu gemido e seu choro resguardado (JIMÉNEZ, 2009). Amaya Amador lutou pela liberdade de seu povo, ao ponto de ser exiliado de Honduras; Álvaro Maia, por sua vez, foi governador e apresentou leis com as quais pretendia melhorar a situação do Amazonas. Desse modo, os criadores não são apenas estetas, também são ativistas políticos, que saem as ruas a protestar, como o caso de Amaya Amador, ou optar a cargos públicos, como Álvaro Maia.

Nestes escritores, sua participação política não é gratuita, está inserida na sua obrigação de intelectuais de seus países. Essa missão do intelectual, que é parte de seu humanismo como artista, podemos exemplifica-la desde um conto de Amaya Amador, *As violetas da fome*:

Lo que Teodoro no podía comprender era otra cosa que bullía en mis pensamientos: que ese afán de hacer arte para el pueblo característico en su madre, esa solicitud para las masas él la había heredado fielmente, porque Teodoro era un insobornable luchador por las causas populares y había llegado a la comprensión exacta y científica

de su obligación para el pueblo como elemento social de la intelectualidad, como hombre de vanguardia. (AMADOR, 2017; p. 118)

O humanismo destes escritores, vai se refletir não apenas na sua forma de escrever e sobre que escrevem (realidades nacionais), mas também nessa participação política, não pretendo, como falava Sartre no seu primeiro pensamento, de mudar as coisas apenas com a escritura, mas com ações ativas. Temos dentro de seus trabalhos diferentes exemplos do intelectual, como serem no conto “*A Abandeirada*”, de Amaya Amador, que narra a história de uma professora que, por ser educadora numa escola de um bairro de trabalhadores, vai tendo consciência de que sua missão como educadora, como intelectual, não pode somente ficar nas salas, deve sair e lutar pelos direitos da classe oprimida, e morre fazendo isso. A literatura, então, se faz, se a olhamos além do estético, uma ferramenta essencial na luta de classes, por serem um cenário onde o leitor pode presenciar as discussões morais de uma forma mais efetiva que em outros discursos:

El cine, el teatro o la novela favorecen una particular comprensión de las decisiones morales y sus entornos, una circunstancia que no se da en las discusiones morales abstractas, idealizadas en sus condiciones y carentes de implicaciones en la vida de nadie, como las que se producen en una clase de bachillerato a cuenta de la guerra, el aborto o la tortura. (OVEJERO, 2014, p. 168)

Dessa maneira, o escritor dá ao leitor uma postura política e moral, apresenta a história, os contextos sociais e econômicos de uma forma mais humana, mais compreensível: o leitor sofre junto ao protagonista, porque igual que ele, é um ser humano, não apenas uma estatística ou dados mesmos. Sem se afastar da sua particularidade de criador e de esteta, consegue unir o político e o estético, oxigenando e enriquecendo o literário. Dessa forma, o escritor transforma-se num agente político; e a literatura adquire um valor social e de protesto. Isto, porque a arte é um lugar de experiência no qual os seres humanos aprendem de si mesmos e do mundo, além do gozo, a arte é também um exercício cognoscitivo (JAUSS, 2002).

Não é mistério que os livros, inclusive os livros literários, sejam proibidos nas épocas de ditadura, exemplo disso temos no conto *Contrabando* no qual os protagonistas contrabandeavam livros da fronteira de Guatemala a Honduras. Este contrabando, como relata o conto, era o mais “perigoso” para a ditadura, devido que é a leitura destes livros, em conjunto a outros fatores, que deram a determinação aos trabalhadores mineiros para se rebelar aos chefes. Amaya Amador com este conto nos exemplifica a importância social e política da literatura, no desenvolvimento da “consciência de classe”, a literatura pode ser um espaço no qual os povos possam refletir sobre eles mesmos e condenar as injustiças. A intencionalidade do romancista, nesse sentido, é de criar esse lugar no qual o leitor tenha a facilidade de se

questionar a realidade, essa dialética que traz consigo a literatura pode se desenvolver em consciência de classe.

Essa reflexão surge da própria experiência estética, mais especificamente, a experiência literária. E é que, a experiência literária, como falava Tatarkiewicz, é um desempenho do intelecto, que estimula a reflexão, ajudando a compreender o mundo e aos outros seres humanos (DZIEMIDOK, 2001; p. 15). Além daquela arte vazia, a literatura de Álvaro Maia e Amaya Amador, não se subtraem da vida dos homens, porém aprofundam nas experiências humanas e dão espaço para melhorar as perspectivas das suas experiências da vida comum.

É inegável que à arte vão influir diferentes fatores, como ser o período, o país, e as funções próprias da arte mesma dentro da sociedade (TATARKIEWICZ, 2001). Isso vai condicionar o estilo e o conteúdo da obra: não existiria o Realismo Social Hondurenho sem as Bananeiras e as mudanças sociais, políticas e especialmente, econômicas, que elas fizeram no país; tampouco existiria Modernismo Brasileiro sem a Borracha e sua importância econômica, social e política no Amazonas. Portanto, para poder entender estes dois movimentos literários e propriamente a Amaya Amador e Álvaro Maia, é necessário entender estes contextos e estabelecer uma conexão com a estética que ambos desenvolveram.

Em suma, a literatura do Século XX, particularmente em Brasil e Honduras, adquiriram uma função social, que se notou no estético. E foi esta função social, política, orientada pelas necessidades econômicas de ambos países, a que permitiu aos escritores criar uma literatura que, além do prazer hedonista da leitura, contrastaram realidades e posturas, através de suas personagens, enriquecendo a narrativa, a reflexão e a identidade de seus países. Aqui não podemos falar de uma importância apenas literária, apenas social ou política, mas as três como um todo de uma mesma obra: o romance social.

2.3. O romancista em sociedade: a experiência estética e a consciência de classe

Há uma intenção social que vai condicionar, mas não limitar, a obra literária dos romancistas, não apenas como criadores, mas também como agentes políticos. No entanto, este passo só foi possível com as mudanças sociais que aconteceram no Século XX.

A mais importante, e que está elada à experiência estética, é o alfabetismo. Antes do Século XX, na América Latina, a taxa de analfabetismo era enorme: “Durante el siglo XX, la tasa de analfabetismo descendió significativamente en América Latina, de 68,1% en 1900 a 42,1% en 1950 y a 11,5% en 2000” (HUNT, 2009, p. 39). Antes do Século XX, como explica Hunt, mais do 70% da população latina, era analfabeta, esta cifra iria diminuindo vertiginosamente que para finais do Século XX, o analfabetismo seria do 11,5%. Tanto o

escritor quanto quem consumia a literatura, era uma elite. A presença do público leitor no imaginário do escritor, pode ser que tenha influenciado na escolha da temática e das formas de escritura. Antes do Século XX, o público ao qual o escritor se dirigia, era, maiormente, outros escritores. Evidencia isso o prólogo de *Prosas Profanas* do poeta nicaraguense Rubén Darío, maior expoente do Modernismo hispano-americano:

La gritería de trescientas ocas no te impedirá, Silvano, tocar tu encantadora flauta, con tal de que tu amigo el ruiseñor esté contento con tu melodía. Cuando él no esté para escucharte, cierra los ojos y toca para los habitantes de tu reino interior. (DARÍO, 1915, p.50)

Há no escritor do Século XIX e princípios do Século XX um solipsismo trazido da vivência pessoal: os escritores dessa época, eram, por assim dizer, inférteis, imperceptíveis na sociedade. Ninguém, exceto uma elite, principalmente outros escritores, liam eles. Inclusive, podemos afirmar que escreviam para eles mesmos, assim como diz Darío: “toca para os habitantes de teu reino interior” (1915, p. 50). Até, por isso, poderíamos explicar porque o modernismo hispano-americano afirmava aquele pensamento francês da “arte pela arte”, porque a narrativa e a poesia (que foi a que mais se produziu nesse movimento), a literatura em geral, não tinha um sistema literário maduro: produtores, críticos e leitores em grande número que sustentassem o sistema. Em outras palavras, a “pessoa da rua” não lia literatura, ao não ler literatura, então não há razão pela qual escrever para eles. Assim, os tópicos tratados antes do Século XX estavam orientados às musas, à poesia mesma e ao exotismo.

Este pensamento durou até princípios do Século XX, e podemos notá-lo por exemplo, em Pablo Neruda. Se nós lemos o primeiro livro de poesia, *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada* (1924), vemos nele uma forte influência ainda do Modernismo hispano-americano ou o Simbolismo Brasileiro⁴². Porém, já no 1954, nas *Odas Elementales*, ele começa o livro com uma crítica aos “velhos poetas” e ao seu solipsismo:

siempre dicen “yo”,
a cada paso
les sucede algo,
es siempre “yo”
por las calles
sólo ellos andan
o la dulce que aman,
nadie más,
no pasan pescadores,
ni librereros,
no pasan albañiles,
[...]
nadie sufre,

⁴² Importante é aqui lembrar que a teoria literária hispano-americana e a brasileira têm nomenclaturas diferentes. O que na hispano-américa chama-se de “modernismo” é igual ao Simbolismo Brasileiro; e o que em Brasil chama-se de Modernismo, engloba o modernismo hispano-americano mas também as vanguardas.

nadie ama,
 sólo mi pobre hermano,
 el poeta,
 a él le pasan
 todas las cosas
 y a su dulce querida,
 nadie vive
 sino él solo (NERUDA, 2008, p. 9)

Como vemos, Neruda introduz dentro da poesia personagens do cotidiano, pessoas que, antes do Século XX, não eram, assim como achavam “os velhos poetas”, literárias. A crítica que faz Neruda é similar à que Hauser faz a Dostoievski: há um olhar desde o eu, e o eu, é uma elite que não deixa ver a problemática da sociedade da época. Os velhos poetas, não se interessavam pelos trabalhadores. Para eles, importava a dor própria, e nas suas criações podemos ver a individualidade e a falta do compromisso social. Lukács vai falar do misticismo subjetivista, desconectado da vida, onde procurava-se apenas a forma, a “arte pela arte” dos artistas isolados socialmente (LUKÁCS, 1966). Estes artistas, dentro dos quais está o modernista Darío e os neoclassicistas, mas também quem tentou escrever sobre a realidade, como Dostoievski e Dickens, eram escritores que pretendiam se afastar da sociedade, e sua arte reflete um ideal sublimado de universalidade por meio da beleza formal ou de personagens estereotipados que não se aproximam à realidade. Para estes artistas, a sociedade tem pouca importância estética.

Neruda no mesmo poema, sempre se relacionando com a primeira parte dele, continua criticando-os, desta vez, pelo silenciamento dos problemas da sociedade:

a nadie en poesía
 echan a la calle
 con camas y con sillas
 y en las fábricas
 tampoco pasa nada,
 no pasa nada,
 se hacen paraguas, copas,
 armas, locomotoras,
 se extraen minerales
 rascando el infierno,
 hay huelga,
 vienen soldados,
 disparan,
 disparan contra el pueblo,
 es decir,
 contra la poesía,
 y mi hermano
 el poeta
 estaba enamorado,
 o sufría
 porque sus sentimientos
 son marinos,
 ama los puertos
 remotos, por sus nombres,

y escribe sobre océanos
que no conoce,
junto a la vida, repleta
como el maíz de granos,
él pasa sin saber
desgranarla, (NERUDA, 2008, p. 10)

“Junto à vida, cheia como o milho de grãos, ele (o poeta) passa sem saber debulha-la”, sentencia Pablo Neruda. É evidente que, para Neruda, já não importa os sofrimentos individuais, nem as coisas que acontecem fora do entorno local: importam as pessoas que foram tiradas de casa por não ter o dinheiro da renda, as greves dos trabalhadores explorados, os soldados assassinando ao povo. Não importam as terras distantes, os oceanos que não conhece; importam os sofrimentos coletivos, o povo que rodeia ao poeta. Os escritores antigos, nessa glorificação soberbia da “autonomia” do indivíduo, esqueciam a sociedade, aos demais: o outro. Para Neruda, como a maioria dos escritores latinos do Século XX, a poesia tem que se escrever da vida; e a vida, é isso: *o grão que os velhos poetas não souberam como debulhar*.

Embora seja uma crítica à temática da literatura anterior, Neruda tem outros poemas onde crítica também ao “público especializado”, que seria, neste caso, o crítico literário. Mas, é importante lembrar que antes do Século XX, a maioria de quem fazia crítica literária era normalmente um criador literário, já que somente eles mesmos liam literatura, como já falamos, mais da metade da população latina era analfabeta (HUNT, 2009). Nas *odas ao crítico*, Neruda afirma que sua poesia é para o homem da rua, o trabalhador, o camponês, o jornaleiro, que fazem dessa poesia parte da sua vida mesma; não ao crítico, que se acha dono da literatura e que critica à poesia desde dicionários ou prejuízos antigos. Nestas declarações, da metapoética de Neruda podemos condensar o pensamento do escritor latino do Século XX: sua criação não pode se afastar das realidades locais, dos problemas que afetam à sociedade. A literatura deixa de ser um produto apenas consumível pelas elites, para ser disponibilizada para o consumo da classe média que, nesse momento, consegue se inserir na educação (RAMA, 1972). Contudo, só pode se dar essa evolução do escritor e da literatura mesma ao se expandir o público leitor. Sem uma classe média com maior alfabetização, comparada aos séculos anteriores, provavelmente Neruda não houvesse tido leitores; o mesmo houvesse acontecido com Amaya Amador e Álvaro Maia. Essa mudança social veio a repercutir na criação literária⁴³.

⁴³ Já falamos de América Latina em geral, que a mediados dos Século XX, quase o 60% dos latinos sabiam ler e escrever. Mas se falamos especificamente do Brasil, ao final do Século XIX, apenas o 26% dos brasileiros eram alfabetos (BOMENY, 2003), mas para o final dos anos oitenta, o 83% dos brasileiros estavam alfabetizados (BOMENY, 2003, p. 5).

Assim como falava Tatarkiewicz, a grande diferença da literatura com outras artes, é que é um exercício mental; artes como a pintura ou a música, se percebem através dos sentidos: a pintura pela vista, a música pelos ouvidos; e a literatura se percebe através da coisa sugerida, mencionada através da palavra, e para chegar à experiência estética da literatura, é pertinente ao menos saber ler. Há uma relação direta, então, no alfabetismo latino-americano e a mudança da forma e conteúdo da literatura do Século XX, devido a que, para essa época, a classe média sim conseguiria ler e entender (a experiência estética) a literatura; o público deixa de ser outros escritores ou as elites econômicas, para ser a pessoa cotidiana:

La actividad del escritor -puesto en las coordenadas de la libre empresa comercial, o sea ganancias a través de la venta de libros o a través de la venta de sus servicios intelectuales para fines como el periodismo, conferencias, etc.- pudo contar con la ampliación del público culto que generó el ingreso de los sectores medios a la cultura y a la economía, simultáneamente. (RAMA, 1972; p. 12)

Álvaro Maia, Pablo Neruda, Amaya Amador, podem escrever elementos sociais e políticos porque a literatura agora tem uma importância social; e essa importância social, dá-lhes a certeza de que suas obras serão lidas e entendidas pelos leitores. E alfabetização, como explica Rama, surge ao mesmo tempo que a economia. Contudo, que a literatura se torne um produto acessível ao público em geral, não, que isso, torne-se também em um negócio rentável:

Pero aún hoy, y aceptados esos márgenes más amplios de retribución e interés por su obra, el escritor sigue consagrado mayoritariamente a otras tareas que no son las de la creación, y tienen que ver con su ubicación social y concomitante nivel educativo. De ahí que sean profesionales universitarios, maestros, profesores, funcionarios, periodistas. Todas estas actividades ya han alcanzado la especialidad; el escritor aprovecha de ellas para vivir y también para escribir, o sea que cumple en forma doble su contribución a la comunidad a la que pertenece. (RAMA, 1972; p. 12)

Nenhum escritor conseguiu viver da literatura. Este fator econômico é importante para entender os romancistas desse século. Amaya Amador foi primeiro trabalhador nas plantações de banana de *Olanchito, Yoro*, e ao conseguir a formação de jornalista, trabalhou em diferentes diários nacionais e internacionais, isto, antes de ser exiliado. Álvaro Maia foi político e também jornalista. Ambos não eram apenas romancistas, tiveram a necessidade de se desenvolver em outras áreas para poder viver; mas, por sua preparação acadêmica, tiveram a opção de ser jornalistas, por exemplo, elo muito comum entre escritores daquela época. Também, poderia se relacionar com a forma de escrever desde um olhar social: o jornalista e o literato convivendo numa mesma criação.

Entretanto, voltando a Rama, essa dupla contribuição da que fala, pode se entender em diferentes contos nos quais Amaya Amador apresenta ao intelectual não como aquela pessoa afastada da comunidade, mas como alguém mais do povo, que se preocupa por eles e procura o bem-estar da sociedade. O conhecimento, poderíamos dizer, leva ao humanismo. Testemunho

disso é o conto “*Como de hierro oxidado*”, onde se narra a história de Lucas, um jovem que, ao sair da escola, vai trabalhar numa comunidade rural, onde será o professor, numa escola deplorável:

Pequeña, triste, aislada la apacible aldea con sus chozas disgregadas entre una arboleda sombrosa junto a un Riachuelo de cristalinas aguas. La escuela aún estaba sin concluir: le faltaban las puertas y ventanas y para cubrir las aberturas en la noche se colocaban esteras y varas tratando de evitar que se metieran cerdos o asnos. Una mesa, una silla y un pizarrón era todo el mobiliario; cada alumno tenía que llevar su banco o taburete para sentarse, pues de lo contrario solamente le quedaba el piso de tierra. (AMAYA, 2017; p. 135)

Por conseguinte, Lucas decide mudar as condições da escola, que era o coração mesmo da comunidade. Com a orientação do Lucas, a escola melhora suas condições e, portanto, melhorou também a qualidade do ensino. Com este relato Amaya Amador nos apresenta a importância social do intelectual, mas não do intelectual como o planteavam os russos, afastado da sociedade, não, um intelectual verdadeiramente do povo, não sendo uma elite:

Le llamaban “el preceptor”, con mucho respeto y fueron ganados por Lucas para que colaborasen en el mejoramiento de la escuela. Fueron los padres de familia y, en general, los mozos campesinos, los que trabajando en común pusieron al fin puertas y ventanas al edificio, reconstruyeron el techo de tejas e hicieron el cerco del huerto escolar. También trajeron un enorme tronco de pino para que sirviera de asta para la bandera y proyectaron, por iniciativa del maestro, construir bancos y pupitres rústicos para los niños. Con los jóvenes hicieron un campo de fútbol pequeño en medio de la aldea. Quizá lo único que muchos campesinos no vieron con buenos ojos en el profesor fue que al practicar el balompié se pusiera calzoneta pues lo consideraban propio de muchachos y no de preceptor. (AMAYA, 2017; p. 136)

No símbolo de que Lucas utilizara short para jogar futebol com as crianças, vemos a proximidade do intelectual latino-americano com o povo, participando mão a mão com os demais. De modo que, o escritor latino do Século XX é de classe média, integrado ao setor administrativo, docente ou jornalista (RAMA, 1972). Eagleton, pelo exemplo, afirma que compreender a literatura significa, pois, compreender a totalidade do processo social de que ela faz parte (1978, p. 18). Nesse sentido, os literatos brasileiro e hondurenho, por meio das suas obras, representam a totalidade da sociedade da qual eles e suas obras formam parte, a literatura já não é mais um testemunho da singularidade, mas um testemunho do coletivo.

E esse testemunho para serem efetivo, tem que dar-se de uma forma que não contradiga à realidade, já que, tão pronto como o leitor sinta que esse reflexo da realidade é incorreto, a experiência estética deixará de suceder (SÁNCHEZ, 1978; p. 97). Mas, a isso só podem chegar certos indivíduos, que, delimitando porções da vida que serão plasmadas literariamente, refletirão esse mundo de uma forma compreensível e suscetível de se experimentar em si e a

partir de si, como uma totalidade. Conseguir esse ponto, essa autonomia⁴⁴ do criado só pode surgir de um conhecimento geral da vida, e fazer daquilo cotidiano, uma fonte artística:

Al dar forma a individuos y situaciones particulares, el artista despierta la apariencia de la vida. Al darles forma de individuos y situaciones ejemplares (unidad de lo individual y lo típico), al hacer directamente perceptible la mayor profusión posible de las determinaciones objetivas de la vida cual rasgos particulares de individuos y situaciones concretas, se origina su "mundo propio", que es reflejo de la vida en su conjunto animado, de la vida como proceso y totalidad, precisamente porque refuerza y supera en su conjunto y sus detalles el reflejo ordinario de los sucesos de la vida. (SÁNCHEZ, 1978; p. 99)

E a experiência estética dentro da literatura surge desse paradoxo de conceber a literatura como uma realidade: se apresenta a nós como uma realidade, quando é um reflexo dela, ordenado artisticamente. Mas a literatura, a arte em geral, não é apenas reflexo da realidade, para surgir esse contraste que dá como resultado o efeito da arte, ou “experiência estética” é necessário que, além das situações concretas, apresentadas como personagens ou passagens, exista dentro do narrado uma postura social. Nesse sentido, é impossível falar de realismo sem falar de política, ou bem, de ideologia:

La objetividad del reflejo artístico de la realidad descansa en el reflejo justo de la conexión conjunta. Así, pues, la exactitud artística de un detalle nada tiene que ver con que si en cuanto detalle le ha correspondido o no alguna vez en la realidad un detalle semejante. El detalle en la obra de arte es un reflejo justo de la vida si es un elemento necesario del reflejo correcto del proceso conjunto de la realidad objetiva, tanto si ha sido observado en la vida por el artista como si ha sido creado con fantasía artística a partir de experiencias directas o no directas de la vida. (SÁNCHEZ, 1978; p. 103)

Por isso, podemos concluir que aquela crítica que faz Hauser aos ingleses e aos russos, o mesmo que fez Orwell criticando Dickens de moralista e não político, é, na verdade, uma crítica a sua subjetividade, a carência de posicionamento político da realidade social, em outras palavras, umas obras literárias sem uma postura social tão visível. Contrário ao pensamento idealista, a objetividade não surge de apenas informação, ou de “reflexos fotográficos do mundo” (LUKÁCS, 1966), mas de uma narrativa artisticamente objetiva da realidade. A objetividade artística, então, conjunta os detalhes da realidade com a necessidade mesma do criador, essa escolha dos detalhes é o que vai dar uma perspectiva mais justa da realidade, por serem uma conexão interna ativa, que movimenta a obra:

Toda concepción del mundo exterior no es más que un reflejo en la conciencia humana del mundo que existe independientemente de ella. Este hecho fundamental de la relación de la conciencia con el ser se aplica asimismo, por supuesto, al reflejo artístico de la realidad. (LUKÁCS, 1966; p. 11)

Assim, a realidade só está completa se se apresenta junto à consciência humana:

⁴⁴ Autonomia no sentido ontológico do qual fala Lukács, que a coisa criada é um ser para si, dentro deles as obras artísticas; e não a “autonomia” vazia da “arte pela arte” na qual acreditavam os românticos.

La objetividad del mundo exterior no es en modo alguno una objetividad muerta, solidificada, que determine la práctica humana de modo fatalista, sino que está — precisamente en su independencia de la conciencia humana— en la relación más íntima e indisoluble de efecto recíproco con la práctica humana. (LUKÁCS, 1966; p. 15)

Este fatalismo podemos encontrá-lo, pelo exemplo, nas obras literárias de Sartre, onde, embora há um movimento, ao final, terminam no mesmo ponto onde começaram: essa mortalidade, estática da que fala Lukács, pode se interpretar na não-transcendência das personagens dentro da narrativa, ou seja, um fatalismo. Mas também pode se perceber também na relação criação e vida dos autores: Amaya Amador e Álvaro Maia dedicaram suas vidas não apenas ao ofício literário, mas também ao político e ao jornalismo, em outras palavras, foram agentes ativos dessa realidade que refletiram em suas obras.

Esse agir do dia a dia, que não se viu tão marcado em criadores antes do Século XX, foi possível porque neste século, o crescimento econômico e cultural, permitiram ao escritor se desenvolver socialmente dessa maneira. E foi isso o que capacitou aos criadores de escrever desde um ponto de vista, um posicionamento político: dando assim uma objetividade da realidade refletida esteticamente:

El adjetivo "estético" no tiene para nosotros una significación objetiva, sino, en primer término, una significación de estado, funcional. Designa un determinado punto de vista, un tipo de apercepción, una manera de concebir la vivencia de la captación de los valores y del comportamiento cultural-espiritual. (SÁNCHEZ, 1978; p. 27)

Sem esse ponto de vista, a realidade fica incompleta, vazia, inumana. Esse posicionamento político da economia, dentro dos escritores na sua vida: as Bananeiras produzem uma riqueza que não fica em Honduras, por ser estas transnacionais, a Borracha produziu uma riqueza que deu ao Amazonas uma época na qual começou seu crescimento econômico, e importância como centro de comércio e cultura⁴⁵, se apresenta no literário, deixando de ser político, para se transubstanciar essa razão político-econômica em estética. Como fala Bohdan Dziemidok: a razão que não é estética deixa de ser razão; e a razão que é estética deixa de sê-lo (2001). Portanto, dentro da criação, o não-literário, neste caso, o político e econômico, tem que se traduzir em literário, o que dá mais veracidade da realidade apresentada; e converte-se dessa forma, em um fator literário, humano, sensibilizador, que permite ao leitor entender não apenas essa informação do social-histórico como conhecimento, mas também, como experiência estética, como consciência de si mesmo e consciência de classe:

⁴⁵ Como explica Carlos Teixeira (2019), foram três períodos de ocupação da região amazônica: o primeiro que foi da exploração das drogas, voltado para comércio com a metrópole portuguesa. Um segundo momento, o ciclo agrícola, com um relativo crescimento de povoações e vilas; mas foi no ciclo da borracha que se desenvolveu uma economia efetiva e dinâmica, que não aconteceu nos outros dois primeiros ciclos econômicos.

El efecto del arte, la absorción completa del espectador en la acción de la obra de arte, su entrega total a la peculiaridad del 'mundo propio' de ésta, se basa precisamente en el hecho de que la obra de arte brinda un reflejo de la realidad más fiel en su esencia, más completo, más vivo y animado del que el espectador posee en general; o sea, pues, que le lleva, sobre la base de sus propias experiencias, sobre la base de la colección y la abstracción de su reproducción precedente de la realidad, más allá de dichas experiencias, en la dirección de una visión más concreta de la realidad. (SÁNCHEZ, 1978; p. 97)

Em outras palavras, a experiência estética é uma dialética entre o “mundo representado” dentro da obra e a vida do leitor. Portanto, a experiência estética surge nesse jogo de contrastes, entre dois mundos, um reflexo do outro:

Y la comparación entre los dos reflejos de la realidad permanece inconsciente mientras el espectador se ve arrastrado por la obra de arte, esto es, mientras sus experiencias de la realidad se ven ampliadas y profundizadas por la plasmación de la obra de arte. (SÁNCHEZ, 1978; p. 97)

E dessa dialética surge uma visão mais concreta da realidade, menos idealista e mais objetiva. Mas não há que cair ao erro idealista de Schiller, pelo exemplo, que separa a verdade da realidade, não: aquele “mundo” criado no artístico, especialmente no literário, tem nele elementos da realidade material, que não pode existir afastada do material, da vivência humana, mas é criada em base nisso (LUKÁCS, 1966).

Nesse sentido, esse mundo literário, que é reflexo da realidade, tanto do criador quanto do leitor, tem uma intencionalidade social: a consciência de classe. Já falamos que a experiência estética surge da dialética entre o que se apresenta na obra e o conhecimento base do leitor; e que, para que seja efetiva, a obra deve refletir a realidade na sua essência, quando o leitor sente que essa obra apresenta dados ou personagens inverossímeis, a experiência estética deixa de se desenvolver. Deste modo, é necessário que a obra seja capaz de representar objetivamente uma parte da realidade, para assim surgir a experiência estética. Essa experiência estética pode se chamar também como pensamento crítico: por meio da literatura, que é um reflexo da realidade, o leitor se auto inspeciona, e vai tomando consciência de si mesmo e dos outros:

A relação com a totalidade concreta e as determinações dialéticas dela resultantes superam a simples descrição e chega-se à categoria da possibilidade objetiva. Ao se relacionar a consciência com a totalidade da sociedade, torna-se possível reconhecer os pensamentos e os sentimentos que os homens teriam tido numa determinada situação da sua vida, se tivessem sido capazes de compreender perfeitamente essa situação e os interesses dela decorrentes, tanto em relação à ação imediata, quanto em relação à estrutura de toda a sociedade conforme esses interesses. (LUKÁCS, 2003, p. 141)

A literatura torna-se nesse espaço no qual o leitor consegue entender o momento e lugar que a obra apresenta; e isso leva ele a refletir sobre esse espaço-tempo e também sobre ele mesmo. Podemos dizer que a literatura é uma reestruturação crítica da história, com a

capacidade de criar consciência nos leitores, formulando lhes questionamentos que talvez seriam só possíveis através da literatura mesma. Há uma intencionalidade teleológica da literatura, ambos, Ramón Amaya e Álvaro Maia, tinham essa intenção de, através da literatura, educar, criticar ou representar a realidade nacional.

Ambos escreveram suas obras desde uma perspectiva da classe média⁴⁶, ambos nasceram “no interior”, ambos se formaram em universidades, trabalharam de jornalistas e apresentam nas suas obras as vozes, não de uma parte privilegiada da sociedade, senão o olhar dos desprotegidos, dos jornaleiros, pedreiros, pobres, camponeses: suas personagens são personagens do proletariado, por conseguinte a realidade que representam essas obras serão da classe trabalhadora. No espírito do marxismo, a divisão da sociedade em classes deve ser determinada segundo a posição no processo de produção (LUKÁCS, 2003 p.133). Dessarte, estas obras representam a realidade não dos burgueses ou dos donos dos médios de produção, mas, o proletário que dia a dia trabalha e é explorado, seja pelas condições inumanas nas quais vivem (seja nas bananeiras ou na selva procurando borracha), ou pelos sistemas de justiça favorecendo aos donos do poder⁴⁷. Por isso, a literatura serve de distanciamento para tomar consciência como classe social:

Essa consciência não é, portanto, nem a soma, nem a média do que cada um dos indivíduos que formam a classe, pensam, sentem etc. E, no entanto, a ação historicamente decisiva da classe como totalidade é determinada, em última análise, por essa consciência e não pelo pensamento do indivíduo; essa ação só pode ser conhecida a partir dessa consciência. [...] Essa determinação estabelece, de imediato, a distância que separa a consciência de classe das ideias empíricas efetivas e daquelas psicologicamente descritíveis e explicáveis que os homens fazem de sua situação na vida. (LUKÁCS, 2003, p. 142)

Os artistas ajudam para que um povo desenvolva a consciência de classe. Não é o único meio, nem tampouco é estritamente necessária a arte ou, neste caso em particular, a literatura para a consciência de classe. A relação entre a experiência literária e a consciência de classe

⁴⁶ Esta, talvez, pode ser outra grã diferença entre o romanticismo, o realismo social hondurenho e o modernismo brasileiro. O romanticismo, como já nos falava Rama, era escrito por uma elite, econômica e política, igual que o classicismo, e ademais, pretendia retratar as vivências da classe baixa, por isso, na maioria das obras, se apresentavam os personagens desde uma idealização, idealização que, podemos dizer, vinha porque os escritores não eram da classe baixa, não sabiam o que era ser pobre, não tinham a experiência para escrever sobre o que é ser dessa classe social. Dentre este romanticismo está também o modernismo hispano-americano. Rubén Darío, cujo livro Azul foi publicado em 1888 e que sentaria as bases do modernismo hispano-americano, pertencia a essa mesma elite. Ele era dessa pequena minoria alfabetizada (no século XIX apenas o 30% da população latina sabia ler e escrever, assim como aponta Hunt). O realismo social hondurenho e o modernismo brasileiro, representados nesta pesquisa em Amaya Amador e Álvaro Maia, eram obras escritas por membros da classe média, sobre as vivências da classe média. Nesse sentido, há um “equilíbrio” entre o que se nos apresenta e o posicionamento político no qual se nos apresenta: uma obra objetiva, realista, como diria Engels.

⁴⁷ Nas obras dos dois escritores vemos diferentes relatos onde os órgãos de justiça favorecem aos endinheirados ou bem, como no caso de personagens como o Caboclo Euzébio no Beiradão de Álvaro Maia, e Cirilo de Biografía de un Machete de Amaya Amador, quem, por servir aos desejos dos poderosos, seus crimes foram perdoados.

encontram-se em suas obras, e não oferecem um pensar ou sentir individual, mas uma totalidade que ao serem apresentada como ficção, dá o distanciamento necessário para que na própria experiência estética, crie-se uma consciência de classe; ou talvez, a literatura torne-se uma forma de afiançar a consciência de classe já existente. A experiência estética, neste caso, a experiência estética literária, é um dos múltiplos caminhos para desenvolver uma consciência de classe. Nos romances como *Prisión Verde* ou *Destacamento Rojo*, Amaya Amador apresenta passagens nos quais representa este procedimento. Mas, não apenas ele, Agapito Robleda Castro, um historiador, também descreve no livro *La Verdad de la huelga de 1954*, como os trabalhadores designavam um dia da semana para se reunir para fazer leitura de livros de diferente índole e que estas reuniões seriam as bases da greve do 54. Talvez, como falou Gramsci, os intelectuais têm dois papéis, ou são transformadores sociais ou justificadores ideológicos da ordem estabelecida (ÁNGEL, 1992). Contudo, não pretendo dizer que só apenas do intelectual ou da experiência estética é possível a consciência de classe, não. Esses trabalhadores que enumera Robleda ou Amaya Amador, não são intelectuais, e, eram camponeses, “campeños”, inclusive alguns deles aprenderiam a ler nessas reuniões. A consciência de classe está relacionada com muitos sistemas e características da época dada, mas como o estudo está evidenciado na relação economia, política e literatura, é obrigatório nos deter nessa relação específica, uma de muitas, que é a consciência de classe e a experiência literária.

Resumindo, o escritor latino do Século XX, já inserido na sociedade, seja Honduras ou Brasil, muda de cenário. Muda o copo de vinho pelo banner, a biblioteca pela rua, as leituras pelo protesto: o verso grandiloquente pelo grito. Transforma-se a si mesmo num agente de consciência social; e sua obra muda com ele. Mas esta mudança, como explica Rama, surge das características socioeconômicas de América Latina no Século XX. Com uma sociedade em processo de alfabetização, inserida num fenômeno econômico como a Borracha ou as Bananeiras, Álvaro Maia e Amaya Amador abordam temáticas sociais que, ao serem lidas pela população de seus países, a literatura virá a ser um caminho no qual os leitores geram consciência de classe, as obras literárias, são formas de percepção, maneiras determinadas de ver o mundo, e como tal têm relações com a forma dominante de ver o mundo que é a «mentalidade social» ou ideologia de uma época. (EAGLETON, 1978, p. 18). A literatura talvez apresenta de uma forma menos invasiva ou tediosa como um texto filosófico ou sociológico as características de uma época dada, essa dialetologia natural da experiência literária, se relaciona com a consciência de classe. Contudo a consciência de classe não está submissa à experiência estética do jeito nenhum. No entanto, a finalidade política não vem a

restar importância literária e estética nas obras, é necessário entender que ao povo geral poder aceder à educação, o público leitor muda e deixa de ser apenas as elites. Com isto, a literatura adquire uma relevância que não é só estética, senão também social e política, porque ao serem um reflexo da realidade, os hondurenhos e os brasileiros, tomam consciência das situações acontecidas nos seus países da mesma forma que ao ler um jornal ou escutar a rádio. A literatura, na sua natureza artística, permite ao leitor indagar mais humanamente as experiências que são apresentadas na obra, personagens que, ao sair da cotidianidade, sensibilizam ao leitor. Assim como falava Gadamer (GRONDIN, 2012): entender algo não é apenas decodificar algo, é ser habitado pelo sentido, uma fusão entre o sentido e quem entende.

Portanto, a literatura faz-se transcendental para os povos como uma maneira efetiva de se autodescobrir; e guiar, como dizia Engels, seu futuro.

CAPÍTULO III. OS CÁRCERES VERDES⁴⁸

“Acredito que a literatura constitui a única forma de relacionamento linguístico compartilhada por todas as culturas do mundo, a única capaz de considerá-las iguais e traduzi-las. Nenhuma literatura exterminou ou substituiu outras jamais”. – Armando Gnisci⁴⁹

3.1. Hermenêutica, Literatura Comparada e Interdisciplinaridade

A finalidade deste subcapítulo é esclarecer as relações entre conceitos, autores e textos citados e conversados ao longo da pesquisa, que, entre eles, temos uma diversidade de focos: filosofia, estética, política, economia e história. Precisamos, portanto, entender como é que todos eles podem se encaixar entre si. Para isso, abordaremos as correlações deles através da Hermenêutica gadameriana, a Literatura Comparada e a Interdisciplinaridade.

3.1.1. Hermenêutica, uma interpretação intertextual

Antigamente definia-se a Hermenêutica como a arte de interpretar textos, porém, a Hermenêutica tem sido definida de muitas maneiras ao longo do tempo, algumas vezes, inclusive, opostas umas às outras⁵⁰. Nos basearemos, portanto, na Hermenêutica que Gadamer definiu.

Para Gadamer a interpretação só pode surgir da coisa-em-si (1999, p. 406), de permitir ele falar para nós na sua alteridade. Para ele, compreender um texto é se deixar guiar por sua realidade:

A tarefa hermenêutica se converte por si mesma num questionamento pautado na coisa, e já se encontra sempre determinada por este. Com isso o empreendimento hermenêutico ganha um solo firme sob seus pés. Aquele que quer compreender não pode se entregar, já desde o início, à casualidade de suas próprias opiniões prévias e ignorar o mais obstinada e conseqüentemente possível a opinião do texto - até que este, finalmente, já não possa ser ouvido e perca sua suposta compreensão. Quem quer compreender um texto, em princípio, disposto a deixar que ele diga alguma coisa por si. (GADAMER, 1999, p. 405)

Por isso, explica Gadamer, a consciência formada hermeneuticamente tem que se mostrar receptiva, desde o princípio, para a alteridade do texto. Toda interpretação, por

⁴⁸ O título deste capítulo surge dessa concorrência de chamar ao Amazonas com apelidos desse jeito, mas, também, dessa singularidade em comum entre os dois escritores de ambos chamar “Cárcere Verde” às regiões nas quais se inspiraram. Amaya Amador tem um romance intitulado dessa maneira “Cárcere Verde” e Amaya Amador no romance Beiradão chama ao Amazonas de “Cárcere de paredes verdes”, ou seja, um cárcere verde mesmo.

⁴⁹ (1946-2019) Professor associado da Universidade "La Sapienza" de Roma, foi considerado um dos mais importantes estudiosos da literatura comparada na Itália e na Europa e um dos estudiosos mais influentes da descolonização e transculturação dos europeus.

⁵⁰ Podemos falar, pelo exemplo, da diametral diferença entre a Hermenêutica postulada por Heidegger e o projeto hermenêutico de Rorty.

consequente, deve estar guiada pela alteridade do fenômeno estudado e não pelas estruturas fechadas e limitantes do intérprete. Compreender, em outras palavras, não é impor a visão do intérprete, mas permitir ao fenômeno “falar”, ou seja, o fenômeno apresentar a sua realidade. A interpretação estará limitada, portanto, pela realidade da coisa-em-si. Trazer à pesquisa atual especialistas de diferentes ramos do conhecimento não é coisa fortuita, mas, uma obrigatoriedade dos fenômenos estudados. A Borracha e as Bananeiras foram fenômenos que mudaram não apenas a economia, mas também a política, a sociedade e as artes, estudá-las, nessa perspectiva, é entendê-las melhor. Inclusive com a literatura desse tempo, que tem sua própria realidade (GRONDIM, 2012), representada nos dois autores da pesquisa atual, só pode ser entendida também através da compreensão da Borracha e das Bananeiras. É, portanto, um círculo: o entendimento da literatura ajuda-nos a compreender as Bananeiras e a Borracha e entender as Bananeiras e a Borracha ajuda-nos a entender a literatura de Álvaro Maia e Amaya Amador. Há uma confrontação do intérprete à coisa-em-si (neste caso a Borracha, as Bananeiras e a Literatura⁵¹) e a confrontação da coisa-em-si com a tradição sob ela. O desenvolvimento destes questionamentos é o círculo hermenêutico. O círculo hermenêutico é a atualização da tradição e também o resultado da acumulação de interpretações. Para Gadamer a interpretação individual e a tradição devem se confrontar com a coisa-em-si, toda tradição ou interpretação alheia ao fenômeno, é uma interpretação errônea, mas o próprio círculo hermenêutico irá substituindo por um conceito fundamentado na coisa-em-si:

que a interpretação comece com conceitos prévios que serão substituídos por outros mais adequados. Justamente todo esse constante reprojeter, que perfaz o movimento de sentido do compreender e do interpretar, é o que constitui o processo que Heidegger descreve. Quem procura compreender está exposto a erros de opiniões prévias, as quais não se confirmam nas próprias coisas. (GADAMER, 1999, p. 402)

Na hermenêutica gadameriana, o conhecimento, portanto, é acumulativo e também coletivo. A objetividade do conhecimento para Gadamer é a confirmação que uma opinião tem através de outras (1999, p. 402). Por exemplo, o sistema de dívidas do que fala Frederico de Oliveira (2014), que acontecia na época da Segunda Borracha ocorreu não apenas nesse segundo ciclo, mas também no primeiro ciclo da borracha e também nas Bananeiras hondurenhas. Como sabemos isso? Pelo comparativismo entre a literatura e as outras áreas. Os autores Álvaro Maia e Ramón Amaya Amador relatam em suas obras como os trabalhadores trocavam seu trabalho por objetos de consumo e através de somatórias arbitrárias e injustas, permaneciam numa dívida com seus empregadores que era impossível de saldar. O fenômeno

⁵¹ Por isso o nome da pesquisa: “Literatura, Borracha e Banana”.

aqui interpretado são a Borracha e as Bananeiras. Contudo, é *interpretado* de diversas maneiras. Assim como explica Eagleton:

A diferença entre a ciência e a arte não consiste em tratarem objetos diferentes, mas sim em tratarem o mesmo objeto de diferentes maneiras. A ciência dá-nos um conhecimento conceptual de uma situação; a arte dá-nos a experiência dessa situação, o que é equivalente à ideologia. Mas, ao fazê-lo, permite-nos «ver» a natureza dessa ideologia e começa, assim, a conduzir-nos no sentido da compreensão plena da ideologia que é o conhecimento científico. (EAGLETON, 1978, p. 32)

Então, a diferença entre ciência e arte não é do jeito de uma objetividade ou subjetividade, mas da forma na qual apresentam o mesmo objeto. Ou seja, é uma diferença retórica. Porém, as duas permitem-nos entender a situação apresentada. Para a hermenêutica não há conflito nessa interação subjetiva, mas procura-la, já que é uma forma de depurar o conhecimento: Poderiam também consistir em que a autocompreensão da compreensão exercida constantemente fosse corrigida e depurada de adaptações inadequadas; um processo que mormente se optimalizaria por meio da arte do compreender (GADAMER, 1999, p. 400). O círculo hermenêutico não é um círculo fechado, mas aberto às interpretações que serão, naturalmente, diversas e variadas; porém, a objetividade da interpretação, seja esta científica ou estética, vai surgir da coisa-em-si e do *sensus communis*. Já falamos que para a hermenêutica o conhecimento é acumulativo e coletivo, mas, o que é isso? O círculo hermenêutico não pode surgir isoladamente num sujeito só, o círculo hermenêutico é, essencialmente, uma conversa. Toda interpretação nova, embora deva surgir da coisa-em-si é confrontada com a tradição da *coisa-em-si*. Isto, traz consigo uma atualização do conhecimento, mas também a objetividade da interpretação e da tradição.

sensus communis significa aqui, certamente, não somente aquela capacidade universal que existe em todos os homens, mas, ao mesmo tempo, o senso que institui comunidade. O que dá à vontade humana sua diretriz, acredita Vico, não é a universalidade abstrata da razão, mas a universalidade concreta, que representa a comunidade de um grupo, de um povo, de uma nação, do conjunto da espécie humana. (GADAMER, 1999, p. 63)

A verossimilhança de um discurso, continua Gadamer, é a capacidade que tem para representar essa universalidade concreta de uma comunidade. Uma universalidade concreta de um fenômeno são todas aquelas características que a *coisa-em-si* apresenta para nós. A Borracha e as Bananeiras têm características sociais, econômicas, políticas e estéticas que devemos interpretar em conjunto para alcançar a verossimilhança da que fala Gadamer no seu *sensus communis*. É concreto porque está determinado pelo fenômeno, e é de uma comunidade porque, através do círculo hermenêutico, é confrontado pela tradição de uma comunidade. Assim, os fenômenos que estamos estudando, têm consigo diversas tradições: economia,

política, história e demais, que ao serem confrontadas, vemos nelas sua verossimilhança, ou seja, sua objetividade, há um senso comum.

A crítica que podemos fazer aos romances ingleses e russos pode ser também desde a hermenêutica. Há uma falta de objetividade afirmar, no caso dos ingleses, quando os burgueses são apresentados como a representação do bem moral, ao qual os trabalhadores devem estar submissos. O mesmo para os russos: afirmar que há uma elite intelectual que deve guiar o povo, é o que Gadamer chamou de interpretação viciada. Ao confrontar estas obras literárias com outros discursos, veremos que a verdade que é apresentada para nós não é uma verdade objetiva. O princípio da realidade dos marxistas não é cumprido por estes romancistas. A obra de arte tem sua verdade: A obra de arte não oferece apenas uma fruição estética, ela é, num primeiro momento, um encontro de verdade, afirma firmemente Gadamer (GRONDIN, 2012, p. 63); mas se essa verdade é objetiva ou não depende do confronto com outros discursos. Toda interpretação correta tem que proteger-se contra a arbitrariedade e contra a limitação dos hábitos imperceptíveis do pensar, e orientar sua vista às coisas mesmas (GADAMER, 1999, p. 401) e para tal caso, é necessário se deixar determinar por ela, essa é, em essência, a tarefa da hermenêutica. Se exige, desse modo, a abertura do outro, do fenômeno, para dar sua realidade, afastada dos projetos individuais do sujeito. Na hermenêutica de Gadamer entendemos isso como “encontro com a verdade:

Esse encontro com a verdade encarna ao mesmo tempo um encontro consigo. [...] Por isso é que há tanta variação nas interpretações das obras de arte. Mas a ideia forte de Gadamer é que essa variação é essencial para o próprio sentido. [...] não é a obra que deve se dobrar a minha perspectiva, mas, ao contrário, minha perspectiva deve se amplificar ou até se metamorfosear, em presença da obra. (GRONDIN, 2012, p. 66)

Essas interpretações variadas surgem para nós como a interdisciplinaridade. Os enfoques teóricos diversos com os quais são estudados um mesmo fenômeno não são, por serem variados, errôneos. Por outro lado, procura-se essa variação, já que o conhecimento se amplia em presença do fenômeno estudado. Essa variação interpretativa de um mesmo fenômeno é a essência da Hermenêutica: é a “história dos efeitos” ou “fusão dos horizontes”, ou seja, quando as interpretações convergem e somos capazes de entender melhor a verdade do objeto estudado.

3.1.2. Literatura Comparada: a conversa interdisciplinar

Não podemos negar que a Literatura Comparada, como ciência, começou com um olhar colonialista que procurava as más chamadas “influências” das literaturas imperialistas nas literaturas das antigas colônias. Porém, como já foi analisado no Capítulo II, estética, política e ontologicamente falando, as literaturas hondurenha e brasileira não estão *submetidas* a outras

literaturas, principalmente porque assim como explica Armando Gnisci, a natureza da literatura não é impositiva, mas traduzível e igualitária (1998). Igual quando Ángel Rama traz ao campo literário o conceito de “transculturalização”, o entendemos da mesma maneira: as literaturas têm entre elas uma conversação contínua e inesgotável, seja esta diatópica ou diacrônica. Também, podemos fundamentá-lo desde o marxismo: toda coisa criada, como explica Georg Lukács (LESSA, 1996), surge de uma necessidade dentro de um espaço e tempo determinado, o mesmo com a literatura.

Portanto, a literatura escrita em Honduras no Século XX, quando a *Vaccaro Brothers and Company* instalou-se como a primeira bananeira transnacional em território hondurenho, surge da necessidade espaço-temporal do desenvolvimento social e econômico das bananeiras. Ao mesmo tempo, a literatura escrita no Amazonas brasileiro, no Século XX, surge da necessidade espaço-temporal do desenvolvimento social e econômico da Borracha. Sendo assim, impossível falar de uma influência violenta de uma literatura sob outra. A comparação destas duas literaturas apresenta-se, então, como uma defesa à autonomia estética das duas, e para entender, desde o olhar humano da literatura mesma, as mudanças sociais, políticas e econômicas destes fenômenos que se desenvolveram em Honduras e Brasil, que compartilharam o mesmo tempo: princípios do Século XX.

A comparação surge numa ontologia autônoma entre as duas literaturas, a "otredade", da que fala Gilbert Chaitin (1998), que só pode se dar numa lógica descolonizada e que, também, promove a descolonização da literatura mesma:

La totalidad ya no constituye ni una presuposición lógica necesaria ni un fin deseable de la teoría literaria o de la práctica crítica. La comparación se ha convertido en piedra angular del método, aunque este método ya no persiga la búsqueda de la igualdad. Pero eso es otra historia: una historia de otredad. (CHAITIN, 1998, p. 155)

Para chegar a esse respeito da mutua otredade, Chaitin fala que é necessário se afastar dos ideais de universalidade e incorporar ao estudo literário outras áreas de conhecimento e outras artes no exercício comparativo (CHAITIN, 1998). Chaitin nos incita à pesquisa interdisciplinar, para ele, a literatura comparada é obrigatoriamente um campo interdisciplinar: quer estudar a literatura desde uma visão meramente estética, limitando-nos apenas ao fenômeno literário, seria desrespeitar à otredade das literaturas e também de outros discursos não-literários. Em outras palavras, para entender a literatura hondurenha do Século XX, representada em Amaya Amador e a literatura brasileira do Século XX, representada em Álvaro Maia, é necessário entender o espaço-tempo (a economia, a política e o social) em que os autores viveram, relacionando-o com suas obras. Não pode existir um estudo literário comparativo sem serem interdisciplinar.

Relacionado à interdisciplinaridade está o conceito de otredade. A otredade define-se como:

Para Lacan, como para Buber, el signo de la Otredad es la impredecibilidad de la respuesta del Otro, la posibilidad siempre presente de que su respuesta se escape a cualquier categoría preconcebida de lo que yo suponía, «el momento de la sorpresa». Esta Otra subjetividad es la antítesis del sujeto competente según Chomsky, cuyo ideal de creatividad se basa en la total predictibilidad de reglas matemáticamente formuladas. (CHAITIN, 1998, p. 164)

Dessarte, não se procura a redutibilidade da literatura a regras estabelecidas, que encaixam e delimitam as obras. A otredade é o imprevisível, a escapatória de qualquer categoria, ou seja, a liberdade do texto de serem ele mesmo. Um estudo de literatura comparada não é uma imposição, mas uma conversa. Gadamer ao falar da interpretação de obras de arte, fala do “acontecimento do entendimento”, que é, em suma, se deixar habitar pelo texto:

A fim de pensar esse encontro com a verdade, Gadamer propõe partir da noção de “jogo”: entender uma obra de arte é deixar-se levar por seu jogo. Nesse jogo, somos menos aqueles que dirigem e mais aqueles que são levados, encantados pela obra, que nos leva a participar de uma verdade superior. (GRONDIN, 2012, p. 65)

Esse “jogo” gadameriano não é um jogo essencialmente subjetivo. Este “jogo” é um jogo sério e inclusive sagrado (GADAMER, 1999, p. 174). O jogador, ou seja, o intérprete, interatua dentro desse jogo, a obra de arte, que se nos apresenta com sua natureza própria, essa “otredade” de Chaitin, é a que estabelece as regras do jogo interpretativo. A obra de arte tem sua verdade, e por conta disso o “jogo” não tem nada de puramente subjetivo para Gadamer. O intérprete deve se adequar ao texto e não o texto a ele: não é a obra que deve se dobrar a minha perspectiva, mas, ao contrário, minha perspectiva deve se amplificar ou até se metamorfosear, em presença da obra (GRONDIN, 2012, p. 66). Portanto, se cada obra surge como um mundo criado, autônomo, vivenciando as experiências de um povo no qual se criou a obra, consequentemente, para poder interpretar as obras literárias de Álvaro Maia e Amaya Amador, chegar a essa experiência estética da literatura, é indispensável a comparação da Borracha e das Bananeiras, não apenas entre elas, como obras literárias, mas também com outros discursos que abordam estes fenômenos. Não há uma subordinação entre obra literária e outros discursos ou vice-versa, mas sim uma conversa:

La cuestión no sería eliminar, destruir o fusionar ambos lados de la distinción que sirve como punto de partida, sino trazar sus efectos, perseguir la configuración, la otredad interna de dos o más formas de discurso.
Esta reorientación se podría aplicar a cualquier estudio de «Literatura y...» (literatura y política, y filosofía, y religión, y sociedad, etc.). Se podría usar también en los estudios de la literatura y las otras artes. (CHAITIN, 1998, p. 161)

Há uma autonomia entre a obra literária e o contexto, porém, para respeitar a autonomia entre uma obra literária e outra, e entre uma obra literária e outros textos que não

fossem literários mesmos, temos que confrontar eles, entender as configurações que têm. Esta comparação interdiscursiva entre as obras, na sua otredade, traz assim uma natureza interdisciplinar.

A interdisciplinaridade em Literatura Comparada podemos entendê-la de duas formas. Uma, que a literatura pode (ou deve) ser estudada relacionada conceitualmente com outras áreas, sejam estas ciências, como a história, a sociologia, a psicologia; ou outras artes, como as artes visuais, cinema, teatro e demais (ZEPETNEK, 1998^a, p. 79). Zepetnek chama isto de “princípio comparativo” da interdisciplinaridade em estudos literários. A segunda, Zepetnek intitulada de “princípio de método” que é a aplicação de paradigmas teóricos e metodologias de outras disciplinas à análise literária.

Um dos objetivos da interdisciplinaridade é resolver aqueles problemas que traspassam o foco de uma disciplina só (THOMPSON KEIN, 1990), complexidades correlacionais que a *unidisciplinaridade* não conseguiria resolver. Tentar explicar as Bananeiras ou a Borracha apenas com uma disciplina criaria um conhecimento viciado e auto-referencial, incapaz de resolver os questionamentos diversos do que foram estes dois fenômenos. O realismo, pelo exemplo, que é um dos tópicos essenciais desta pesquisa, pode se entender através da interdisciplinaridade. Que um discurso literário converse com um discurso sociológico ou histórico não deveria nos surpreender num estudo interdisciplinar. Esta intertextualidade ajuda-nos resolver a realidade do fenômeno estudado, ou seja, as Bananeiras hondurenhas e a Borracha brasileira. O realismo, não apenas do discurso literário, mas também dos outros discursos, denota-se na capacidade de poder conversar entre eles.

A concordância ou discordância entre eles é sua qualidade realista, que se descobre através da confrontação discursiva. Mais diante veremos, por exemplo, que casos que a literatura apresenta, como os dispensadores de veneno das bananeiras, são apresentados também por historiadores ou sociólogos. A diferença aqui entre os dois não é os “resultados” que eles apresentam, mas a forma discursiva na que eles apresentam esses resultados. Os romancistas apresentaram esses problemas desde um discurso literário, estético; e os historiadores ou sociólogos desde um discurso científico. Porém todos eles concordam na noção da injustiça que os dispensadores de venenos sofriam por conta das transnacionais bananeiras. Aqui, então, vemos entre os discursos uma reafirmação de suas conclusões. Em outras palavras, a interdisciplinaridade dá a *possibilidade* (lembrando a fala de Chaitin) de um discurso dialogar com outro, ou bem, confrontá-lo.

3.1.3. O conflito da conversação

A interdisciplinaridade é uma conversação. Myra Strober introduz sua obra *Interdisciplinary Conversations* (2010) de uma forma que eu achei maravilhosa. Historiadores e economistas procuravam explicar por que nos Estados Unidos ser professor de ensino médio havia se tornado em uma profissão praticada em sua maioria por mulheres. Tentando resolver um problema surgiu outro: a tentativa de impor uma disciplina e apagar a outra. Para os historiadores a pesquisa devia enfatizar em diários que segundo eles, explicariam as razões pelas quais as mulheres escolheram como profissão, a educação. Os economistas, por outro lado, achavam que essas fontes eram demasiado fracas para um estudo, e que a problemática podia ser explicada através de regressões estadísticas de dados econômicos e educativos. Para os historiadores esses dados estavam viciados e a pesquisa não podia fundamentar-se neles. Não existia uma conversação entre eles: ambos grupos de pesquisadores queriam se impor sobre o outro.

Strober explica que cada disciplina tem sua própria *cultura*, tradição e formas de entender a verdade que às vezes, atrapalha a interação: “When new ideas and ways of thinking did not fit fairly easily into their own cognitive structures, they shut them out” (2010, p. 4). Relacionar uma disciplina com outra ou com várias, é uma tarefa difícil. A interdisciplinaridade obriga-nos criar novos padrões cognitivos (STROBER, 2010, p. 36), nos quais uma disciplina com outra tenha a possibilidade de conversar entre elas sem submeter à outra. Isto, em outras palavras é uma conversação. A conversação interdisciplinar surge apenas em mente-abertas:

Contrasting history and economics is instructive for understanding the notions of disciplinary cultures and disciplinary habits of mind.²⁰ In the course of their graduate work, doctoral students in history learn to be rather open-minded about paradigms, theories, and research methods. (STROBER, 2010, p. 37)

Estas “mente-abertas” das quais fala Strober podemos relaciona-las com a otredade postulada por Chaitin. Em ambos conceitos é a liberdade da outra disciplina de incorporar sua metodologia (a economia o quantitativo e a história o qualitativo, se utilizamos o caso que Strober expõe) a um mesmo problema. A postura aberta dos historiadores dos que fala Strober permitiu-lhes criar um novo conhecimento através dessa fala interdisciplinar.

Se nós trazemos isso a nossa pesquisa, analisar a literatura como um fenômeno isolado, ficaríamos no erro de acreditar que a literatura é auto-referencial, erro no qual ficaram os formalistas, os estruturalistas e os que proclamavam “a arte pela arte”. O auto-referencial é sinônimo de não-valor. Aquilo que se pode entender como “extraliterário” ao serem apresentado dentro da obra, torna-se estético, literário, porque forma parte do tecido literário,

contudo, para ser estético tem que ser compreendido fora dos conceitos mesmos do formalmente chamado estético.

Nessa perspectiva, e voltando à comparação de obras literárias, Chaitin, baseado na sétima hipótese de Parménides e na estrutura linguística de Saussure, plantea que a significação de algo, só pode surgir do outro:

La única alternativa es la hipótesis de que ni la totalidad ni lo individual existen en sí mismos y por sí mismos; sino que lo individual es producto de las diferencias con los otros; y, por tanto, la totalidad no puede existir de forma independiente, ya que entonces no habría nada de lo que diferir, excepto de la no-existencia, de la nada. (CHAITIN, 1998, p. 156)

Nada existe por si mesmo, uma coisa só pode se definir nas diferenças com os outros, nada pode existir independentemente, só a não-existência, ou seja, a nada. Temos, portanto, uma necessidade de comparar a literatura de dois povos irmãos que, embora não compartilham fronteiras e nem idioma, compartilharam sim, a inserção deles num comércio internacional no Século XX: Honduras como máximo exportador de banana e o Brasil como máximo exportador de borracha.

Steven Tötösy de Zepetnek, no ano 1997 publica um artigo⁵² com a intenção de esclarecer a relação entre Literatura e Cultura. Ele fala de aproximação sistêmica, considerando que a Literatura é um sistema, por cumprir certos requerimentos, como serem: ter limites precisos e estáveis com outros sistemas, ter uma estrutura interna, e ser aceitado socialmente para uma função social que não cumpre nenhum outro sistema (ZEPETNEK, 1998, p. 218). O Zepetnek, baseado na obra de Dubois, aplicando a teoria dos sociólogos da cultura, fala de que a literatura é um sistema de sistema, onde o sistema menor, é uma instituição:

Los sociólogos de la cultura suelen usar el concepto para referirse a una variedad muy amplia de factores de la producción, la transmisión y el consumo de “artefactos” literarios, de artes visuales, cine, música y de otras actividades culturales. Estos factores incluyen tanto instituciones en sentido restringido (editoriales, medios de comunicación, universidades, etc.) como en sentido amplio y “sistémico” (esto es, el sistema o subsistemas en los que participan dinámica, operativa y funcionalmente). (ZEPETNEK, 1998, p. 220)

A literatura, então, é uma expressão cultural e por isso, vai se articular sistemática e institucionalmente. Olhar a literatura dessa forma, ajuda-nos a analisá-la de uma forma menos arbitrária, e deixa-se a tradição de pesquisar a literatura sob a perspectiva de influências, assim, o comparatismo entre uma literatura e outra é feita desde uma otredade horizontal, e não numa verticalidade como foi no início.

⁵² Disponível em espanhol na obra de Neus Carbonell e María José Vega, páginas 215-229.

Os estudos literários e as humanidades em geral, agora estão influenciadas pela lógica da pós-colonialidade, se afastando do seu início, quando a atitude imperialista dos povos europeus impunha uma forma de conhecimento centralista e homogênea (GNISCI, 1998); claro exemplo disso era a literatura comparada dos franceses, interessada em desvelar as “influências” dos europeus nos demais povos. Apesar de que a literatura comparada surgiu com esse olhar, com o passo do tempo, foi mudando e o olhar descolonizado dos estudos atuais, se cumprimentam com a literatura comparada:

En lo que a mí respecta, creo que estos nuevos métodos de estudio de la literatura en todo el mundo poseen un horizonte epistemológico y una metodología comunes, que podemos fácilmente seguir denominando literatura comparada. Diría incluso que la literatura comparada, con su pasado de disciplina siempre “en crisis” y su apertura al a interpretación del encuentro con el otro, es hoy al fin reconocida en el mundo gracias a toda una tradición de conocimiento obtenido desde la igualdad y la reciprocidad. (GNISCI, 1998, p. 189)

Assim como argumenta Gnisci, a literatura comparada é agora uma ciência do encontro, polifônica, aberta, que dá espaço a intelectuais de diferentes lugares para discutir entre eles como iguais: deixou de ser uma ciência vertical para se converter numa horizontal. Em outras palavras, a literatura comparada que descreve Gnisci, é uma ciência com a intenção de fazer diálogo entre todas as literaturas em todos seus aspectos. Continuando, Gnisci estabelece três pontos principais nos quais a literatura comparada vai se focar:

Lo que hoy constituye el objeto de investigación de la literatura comparada son los contenidos mismo, por así decir, y los problemas comunes al nuevo orden mundial de los estudios literarios, esto es: a) el proceso de descolonización cultural, cuyo verdadero centro está en la literatura y el arte, no en la llamada cultura de las masas, donde la colonización está muy presente; b) el fenómeno mundial y omnipresente de la traducción; c) las comparaciones entre las diferentes culturas por medio de sus tradiciones literarias, las únicas que están en igualdad de condiciones con las tradiciones occidentales. (GNISCI, 1998, p. 190)

Assim, Gnisci entende a literatura comparada como a disciplina capaz de descolonizar aos povos não-europeus, e com os europeus, a descolonização deles mesmos (GNISCI, 1998).

Reafirmando o falado, compara-se ambos autores na sua complexidade, em seus tempos e espaços, não subjugando um a outro, senão fazendo um diálogo entre suas obras, as vivências apresentadas, as personagens e descrições, contrastando, desde suas autonomias, esses mundos que Álvaro Maia e Amaya Amador dão para nós em suas obras. A Literatura Comparada, dessa maneira, procura a liberdade das obras, na necessidade de comparar, para serem elas mesmas: a otredade que só se manifesta na relação com o outro.

Concluindo, conceitos como *sensus communis* da Hermenêutica, princípio da realidade do Marxismo, da otredade da Literatura Comparada, e a Interdisciplinaridade mesma, têm algo em comum e isso é a natureza coletiva e conversacional. A nós confrontar um discurso político-

econômico com um literário, ou com um histórico, é justamente essa natureza conversacional das metodologias utilizadas, mas, também, para entender de uma forma mais granítica o fenômeno estudado. Literatura, economia, política, história, filosofia e estética, portanto, dentro da pesquisa conversam e se confrontam entre elas por uma complementaridade de interpretação da realidade. Não, um discurso literário não pode substituir um discurso sociológico, nem um discurso político substituir um discurso estético, não é isso o que um estudo comparativo e interdisciplinar procura. Há uma necessidade multifocal para levar a interpretação a um patamar mais objetivo e completo, que estudá-lo apenas desde uma disciplina só (STROBER, 2010). A interdisciplinaridade, portanto, não é submeter uma disciplina à outra, nem apagar a importância de uma em outra. Interdisciplinaridade é um enfoque no qual discursos se confrontam e conversam para compreender um fenômeno que foi abordado de diversos enfoques e metodologias. Aquilo que a Hermenêutica chamou de *sensus communis* e história dos efeitos; o Marxismo de princípio da realidade; e a Literatura Comparada de Otridade, englobam a interdisciplinaridade que um fenômeno precisa para ser entendido de uma melhor maneira; e por isso a natureza deste estudo. Assim, como Ambrogia Cereda explica, reafirmando a fala de Roland Barthes (1999), o trabalho de um estudo interdisciplinar é criar um objeto que não pertença a nenhuma das disciplinas que o criaram (2014, p. 70). Nesse sentido, Literatura Comparada, Sociologia, Hermenêutica, estética e demais, convergem para criar algo novo, um estudo interdisciplinar.

3.2. O sonho infernal: situações inumanas no mato

No Século XX deram-se dois êxodos em Brasil e Honduras. Os sonhos da Borracha e as Bananeiras. Brasileiros viajaram ao Amazonas com a intenção de se enriquecer, no imaginário da propaganda do governo varguista, o Amazonas era aquela terra prometida, onde, entre muitos outros motivos, um deles era viver bem, ou, ao menos, melhor do que já viviam. O Nordeste, nessa época, estava sofrendo fortes secas que impediam o gado ou a agricultura de prosperar. Em Honduras aconteceu o mesmo: um incalculável número de pessoas vendeu suas propriedades, as poucas coisas que tinham, e mudaram-se ao norte do país, atrapalhados com a publicidade de que no Norte o dinheiro abundava e qualquer um poderia ficar rico. A história foi diferente.

A Borracha e as Bananeiras não eram a prosperidade desejada: o êxodo foi um pesadelo do qual a maioria não conseguiu acordar. Estes fenômenos econômicos deram como consequência a mobilidade de diferentes regiões dos países para a Costa Norte, em Honduras: *Blancos, indios, mestizos, negros y hasta algunos amarillos; salitreros del Golfo de Fonseca,*

tabaqueros de Copán, chalanos de los llanos de Olancho, morenos y zambos de Colón y la Mosquitia (AMAYA, 2019, p. 50). E não apenas de Honduras, também de outros países como Belize, Guatemala ou Nicarágua, iam às Bananeiras em busca de uma vida melhor. No Brasil aconteceu o mesmo, de diferentes lugares do país, mudaram-se ao Amazonas, tentando melhorar suas situações econômicas.

A Costa Norte de Honduras e o Amazonas de Brasil, transformaram-se nas terras prometidas. O sonho não ficou apenas nos países de origem: no Amazonas e na Costa Norte viram-se povoados de alienígenas, com outras costumes e idiomas, Álvaro Maia descreve: o Nordeste era o inacabável viveiro de trabalhadores, embarcados a granel, sob contratos róseos de promessas, que não se cumpriam (1997, p. 92).

É importante lembrar que não apenas pessoas de pouca educação mudaram-se para o mato, como exemplo temos, Damián Cherara, do “*Prisión Verde*”, professor de educação média que trabalhava como dispensador de veneno; ou o Velho Gusmão, do “*Beiradão*”, que era químico formado em universidade. As mudanças deram-se em todas as esferas da sociedade, algumas delas, resultado da corrupção, como primeiro caso, com o Cherara, quem, como pessoa honesta, foi incapaz de apoiar o regime ditatorial, portanto, não deixando-lhe outra alternativa que trabalhar nas bananeiras:

El profesor Damián Cherara, antes de ir a estrellarse a la prisión verde de los bananales, había sido una figura de preclara personalidad en el magisterio nacional. Su labor en la escuela primaria y en la secundaria era muy conocida en la lejana capital, de donde procedía. Estaba en Culuco empujado por la necesidad y por la guerra que los gobernantes de turno le habían declarado, en virtud de no haber querido prestar su firma de mentor honorable para apoyar el continuismo del régimen opresor del país. (AMAYA, 2019, p. 51)

O governo, confabulado com as bananeiras, perseguiram a todo aquele que se opusera à ditadura, o Amaya Amador viveu isso na sua própria pele, quando o Tiburcio Carías, ditador entre os anos 1933-1949, época comumente conhecida como “*O Cariato*”, deu perseguição a aqueles intelectuais que estavam contra ele.

Historiadores como Frederico Alexandre de Oliveira Lima ou Carlos Teixeira sobre o Amazonas e a Borracha; Marvin Barahona e Agapito Castro sobre as Bananeiras, abordam em suas obras, essas vozes esquecidas do sofrimento acontecido em essas duas épocas.

3.2.1. As formas de viver

Álvaro Maia e Ramón Amaya Amador, dão para nós em suas obras os sacrifícios de trabalhadores, como seringueiros, camponeses e demais, que, através da exploração da natureza, conseguiram o desenvolvimento econômico no Amazonas de Brasil e a Costa Norte

de Honduras. Estas mudanças ambientais e sociais, vieram somente pelas situações difíceis que estas pessoas tiveram que passar. No *Beiradão*, Álvaro Maia descreve algumas doenças que essa gente pegava na selva:

Perambulavam mulheres de arribação, devoradas por febres e enfermidades secretas. Tentativas para uma ferrovia haviam falhado; outras empresas se articulavam para contornar 400 quilômetros, fechados aos navios. Seringueiros arrastavam as pernas com chabiques de borrachudos. Pernas e coxas de certas mulheres exibiam manchas escuras. (MAIA, 2019, p. 55)

Ademais, os seringueiros tinham que sofrer a solidão das barracas, a carência de medicamentos e a presente possibilidade de morrer pela mordedura de uma cobra ou qualquer outro animal com o qual estava obrigado, devido as condições, a conviver. Cenas similares davam-se também nas bananeiras:

Hay suampales⁵³ por las carreteras donde cruzan las mulas de la compañía seguidas de los muleros que parecen seres estafalarios por sus vestimentas, manchadas de savia de banano y de lodo, cargando los grandes racimos del fruto que los tienes llevaran a los puertos para los al mercado de los Estados Unidos y Europa. Los zancudos proliferan en los criques donde hay un continuo croar de ranas y sapos, felices por el chubasco hasta cuando no caen en las mandíbulas voraces e inexorables de las masacuat⁵⁴ que vigilan desde las orillas enzacatadas o escondidas en las balseas de tallos podridos. (AMAYA, 2003, p. 127)

Os *campenhos*⁵⁵ e os seringueiros olharam-se submetidos à vontade ruim da natureza que pretendiam explorar. Muitos deles morreram de doenças como o paludismo, a malária ou desnutrição, abundante pela situação na qual viviam. Os barracões nos quais moravam os trabalhadores, sejam os campenhos ou os seringueiros, coabitavam junto a insetos, moscas e demais animais que proliferavam as doenças. Os coronéis e as transnacionais não zelavam pela saúde deles, quem ficava doente só tinha uma opção, se endividar mais para salvar sua vida:

Estavam ali era para trabalhar e regressar ao Nordeste quanto antes, pagando inicialmente ao patrão os gastos de passagem e primeiro estabelecimento. Seguiam turmas e turmas para o deserto: entravam cem seringueiros e, no fim do ano 20% tinham morrido e 30% estavam enfermos, na batalha das selvas, descendo para os barracões do Madeira ou os hospitais de Manaus. Subiriam novamente mais endividados, sem as energias das primeiras investidas. Sem navegação alguma, sabiam os seringueiros que ficariam sitiados nos altos rios, de inverno a inverno. Iam como quem entrava num cerco, incertos do regresso. (MAIA, 2019, p. 86)

Sofriam uma dupla desgraça: a precariedade de saúde e econômica. Além disso, as vivendas estavam sobrepovoadas e em péssimas condições:

[...] al lado posterior de cada cuarto bajaba otra escalera angosta, de madera, hacia las cocinas, que eran bajas, entiladas, humosas, estrechas y con un peculiar olor a grasas, alimentos, carbón y sudor de mujeres.
[...] Había en la estancia estrecha dos catres de tijeras y tres hamacas; un par de cajas de madera, de las utilizadas para embalar coñac, servían ahora de asientos... (AMAYA, 2019, p. 46)

⁵³ Em Honduras e Nicarágua é o nome que recebem os pantanais.

⁵⁴ Chama-se assim à jiboia.

⁵⁵ Foi o nome que receberam os camponeses que trabalharam nos campos bananeiros.

Dentro dos quartos, ficavam também suas ferramentas, sujas do trabalho, as roupas que, enlameadas da jornada, penduravam nas paredes, com o cheiro ainda do mato e suor dos homens. Inclusive, nas Bananeiras, os distribuidores de veneno, suas roupas ainda ficavam com aquele veneno mortal, e eles, além de trabalhar com o veneno, ficavam respirando-o a noite toda (AMAYA, 2019, p. 47).

Naqueles quartos que eram apenas para duas pessoas, moravam sete ou mais, ou seja, três vezes mais do seu limite. Iguais eram as condições dos seringueiros que, ao igual que os campenhos, tinham que compartilhar habitações, redes e viver na imundícia. Algum deles, tinham que construir “casas” que não eram casas, estavam construídas de cana, papel, e cartões, porque as habitações feitas pela Companhia, eram insuficientes para a multidão de campenhos que moravam nas bananeiras.

Nas duas estruturas econômicas deram-se um sistema de dívidas nas quais os trabalhadores (seringueiros e campenhos, respectivamente) ficavam devendo aos seus empregadores as medicinas ou demais serviços:

Ah, ya comprendo: ¿es usted una hoja al viento! Así andan muchos hombres; es la campeñería errante; de Costa Arriba a Costa Abajo y luego, otra vez atrás. Yo vine hace ocho meses de Santa Rita, pero estoy más torcido que un cuerno: el paludismo me está mordiendo fuerte. Ahora vengo del Dispensario; me dieron otra vez quinina. Yo quería que me inyectaran, mas para un tratamiento así, cobran. Tal vez me queden algunos centavos después del pago... (AMAYA, 2019, p. 37)

E a maioria deles aproveitavam o analfabetismo e a indefesa legal que os trabalhadores tinham⁵⁶. Exemplo disso temos com os primos que no romance *Beiradão* fugiram da injustiça do Coronel Manuel Arrada, e que foram presos por outros seringueiros, sendo considerados bandidos por querer escapar.

No romance *Biografía de un machete*, de Amaya Amador, também se olha este mesmo sistema, quando Ezequiel Jocotán compra um facão para seu filho Floriano e Don Amindo, que era o mordomo, aproveita para acrescentar a dívida de Ezequiel:

—Yo sé —continúa audazmente el montuno— que si estuviera mi compadre Crisóstomo aquí, no me negaría este favor para su ahijado.
Don Amindo sabe eso también, pero sigue callado sacando la cuenta de la deuda mentalmente: serían dieciséis pesos, un real y un centavo. ¿Cuándo podría pagarlos si ha perdido la milpa?
[...]
El mayordomo cambia el gesto adusto y se rinde, contestando:
Muy bien, mi querido Ezequiel Jocotán, lleva el machete para tu hijo. De acuerdo. Sé que eres un hombre honrado. — Abre el libro y apunta — Ajá. Ahora tu cuenta subirá

⁵⁶ Porém, também como explica Teixeira, os seringueiros gostavam mais do sistema de aviamento, achando eles que era a melhor maneira de se enriquecer. Contudo, continua sendo uma forma de se aproveitar, por parte dos seringalistas, da ingenuidade dos jornaleiros, já que este sistema era uma forma de mantê-los submissos à dívidas que não conseguiriam saldar.

a... diecinueve pesos exactos sin el centavito. Y esto, aparte de la cuentecita de la tierra, ¿eh?
Ezequiel no protesta. Ha sacado la cuenta con los dedos y no le sale igual. (AMAYA, 2003, p. 23)

Assim como os Jocotán, todos os demais camponeses que trabalhavam para *La Hacienda*, eram explorados através de dívidas que nunca conseguiam liquidar. Desta forma, os seringueiros da Borracha e os camponeses das Bananeiras, eram obrigados a trabalhar de forma extenuante para tentar pagar dívidas inventadas pelos coronéis e donos das terras.

3.2.2. As expedições genocidas

Contudo, esta violência não se deu apenas no econômico e saúde, também aconteceram mortes e torturas por parte dos coronéis e as transnacionais a seus trabalhadores ou às pessoas que queriam lhe roubar as terras. Relatam-se dentro do romance *Beiradão* histórias de dedos gangrenados que eram amputados a terçadas, expedições que se perdiam na selva, milhares que desapareciam, outros encontrados apenas ossos; alguns deles mortos por picadas de cobras, ou ataques de jacarés (MAIA, 2019). Dessas tantas expedições, citaremos a expedição a Maci, liderada pelo Caboclo Euzébio, no romance *Beiradão*, com a intenção de exterminar aos indígenas que viviam na selva, para pegar suas terras.

No começo da expedição encontraram um menino e uma menina. Do menino arrancaram seus olhos com uma quicé e o atiraram às piranhas. Com a menina foi diferente:

A cunhatã recusou-se: o rosto revelava o ódio e a dor.
— Eu te conheço, fera do diabo!
Abriu-lhe as pernas e aplicou-lhe pimenta, esfregando-a impiedosamente. A cunhã uivou, esperneou e, antes da noite, mostrou a direção das malocas, dentro de um igarapé borbulhante. Antes de qualquer protesto novo, Chico Preto deu-lhe um golpe e jogou-a no rio.
— Vai-te refrescá, jararaca! Já estamos livres de dois.
— A cunhã deu um gemido e desapareceu. Ainda ouço esse gemido e vejo suas mãozinhas coçando o corpo desesperadamente. (MAIA, 2019, p. 108)

Mas as penas não ficaram ali. A expedição se deparou com os indígenas, iniciando a massacre. Cercaram a comunidade, para que ninguém pudesse escapar. Os homens, na sua intenção de se defender, pegaram seus arcos e flechas, mas eram nada comparados às armas de fogo da expedição:

Juntaram-se na casa de farinha, uns de cócoras, as mulheres sentadas; sapequei novas baladas, que visavam cabeças e corpos. Pareciam espantados. Correram para o barracão do centro, vieram com arcos e flechas, outros de dirigiam ao porto. Defendendo-se entre as árvores. As mulheres enfileiraram-se nas barracas. Morreram todo. Primeiro os homens, que poderiam brigar. Quando não havia mais homens, descemos dos paus e fizemos o cerco ao mulherio, de todas as idades. Poucas gritavam de bucho. Chico Preto abriu uma, como quem abre barriga de coati: o menino que estava para nascer, ainda se mexia. Jogamos os corpos n'água e tocamos fogo nas casas. (MAIA, 2019, p. 109)

Eles se mantiveram acima de umas árvores, atirando nos homens até matar todos, depois que ficaram apenas as mulheres, baixaram para cercá-las. Maia descreve para nós, na voz do Caboclo Euzébio, a desumanidade da expedição: abrir as barrigas das mulheres grávidas, sacando dela o menino, com terçados abriram os pescoços das pessoas e, como se fossem animais, jogaram-lhes ao rio.

Há um contraste importante que faz Maia entre os que os expedicionários chamaram de “selvagens” e os próprios expedicionários, e é o respeito à vida. Continuando nessa mesma narração, a expedição levou consigo umas mulheres para que os ajudassem no acampamento, deixando-as sozinhas, enquanto eles se adentravam no mato. Eles estando fora do acampamento, os índios chegaram e roubaram todas os pertences dos expedicionários, e pegaram também as mulheres: O caso era diferente. Quando chegaram, só havia cinza. Nem mulheres, nem sacos de seringa, nem comida. Só cinza. Não havia incêndio; chovera e o dia estava úmido (MAIA, 2019, p. 113). Mas as mulheres não morreram. Tempo depois, relata o Caboclo Euzébio, deram com os índios e perguntaram pelas mulheres: todas elas ficaram com os índios dentro da sua comunidade:

Muito tempo depois, com a gente já nos seringais, houve um encontro na praia com três índios mansos, que tinham ido trabalhar com os civilizados. Deram notícias da primeira expedição. As mulheres não foram assassinadas, e sim arrastada para bem longe, no Purus, e viviam bem, como se pertencessem à tribo. Caboclas verdadeiras. Com sangue mundurucu, não estranharam. Encontraram maridos mocos e ficaram satisfeitas. (MAIA, 2019, p. 113)

Aqueles chamados “selvagens” foram mais civilizados que os seringueiros, que matavam por terras aos oriundos do Amazonas. Com isto Álvaro Maia demonstra-nos a cobiça dos coronéis quem não respeitando a vida humana, utilizavam a vantagem armamentista para dar morte aos indígenas e roubar assim suas terras.

As Bananeiras também tinham um corpo armado, com sua própria jurisdição. Este corpo armado estava formado por malandros aos quais se lhes pagava para manter aos camponeses submetidos. No romance “*Biografia de un machete*”, por exemplo, estão os “Camisas Pretas” capitaneados por Cirilo Cirilón, quem no começo do romance era capataz do General Crisóstomo, depois foi traficante de armas para as guerras civis que se deram financiadas pelas Bananeiras; e por último, capitão do corpo armado das Bananeiras mesmas.

Estes corpos armados das Bananeiras podiam matar à vontade sem repercussões legais, já que as Bananeiras eram donas não apenas da Costa Norte, no qual existiu o enclave bananeiro, mas também do país todo:

El contenido de las concesiones otorgadas a las compañías bananeras por parte del Estado hondureño, ilustra con lujo de detalles esta situación de extrema “liberalidad” y de entreguismo absoluto de los grupos dominantes en el país, que poco a poco fueron

estableciendo una dependencia directa entre las condiciones de seguridad interna y de la estabilidad institucional, por un lado, y las concesiones ilimitadas y regalías desmesuradas a las compañías bananeras, por el otro. Además, la irrupción misma de las compañías bananeras en la vida económica de la nación, asestó un golpe definitivo a las incipientes intenciones de consolidación económica y formación oligárquica del sector nacional vinculado al negocio bananero. (LAÍNEZ, MEZA; 1973, p. 222)

Assim, os crimes que aconteciam dentro do território da Costa Norte ficavam impunes, as pessoas morriam e eram enterrados dentro das bananeiras mesmas: o abono humano das matas. Não era de se estranhar encontrar corpos em decomposição semienterrados nas matas de banana:

Debido a eso la línea se conocía ahora como "La línea del muerto". También era el fruto de la malquerencia de nosotros a la línea 11, porque en muchas otras partes se solían descubrir muertos, cadáveres en descomposición, esqueletos amarillentos sacados por las palas de los zanjeros o sembradores. Y a ninguna otra línea se le dio ese título.

Pero a ésta que era nuestra pesadilla, inmediatamente la bautizamos así, como queriendo hacerle sentir nuestro repudio. (AMAYA, 2017, p. 29)

Assim como diz Moncho, do conto “El Nido”, em muitas outras partes poderia se descobrir mortos, cadáveres em decomposição, esqueletos e demais. O campo em geral era um grande cemitério de camponeses. Isto, sucedia como o conto vai explicar mais diante, quando os trabalhadores pretendiam se rebelar às transnacionais: aqueles que sonhavam com um sindicato que protegesse eles, eram silenciados com uma bala norte-americana (AMAYA, 2017, p. 32)

Porém, já que as bananeiras tinham a ajuda do governo, basta lembrar a fala que têm Mister Still e o Advogado Párraga no começo de *Prisión Verde*:

—Volviendo al asunto que tratábamos antes de esto —comenzó mister Still, lanzando el perfumado humo por su aguileña nariz— me parece que el Gerente debió haber presionado más al Ministro, a fin de que la reforma concesionaria se resolviera sin necesidad de esperar las del Congreso Nacional y poder así, más pronto, proseguir los trabajos de las nuevas fincas bananeras, sin preocupación alguna.

—El señor Gerente presionó todo lo que pudo y, pienso yo, no había necesidad de hacer más gestiones, pues el Ministro y todos los funcionarios del Ejecutivo, de la Cámara y de la Justicia, estamos incondicionalmente dispuestos a la más armónica colaboración con las compañías norteamericanas. Lo que sucede es que, para llenar los requisitos legales, hay que seguir ese trámite. (AMAYA, 2019, p. 28)

Nota-se o total apoio dos políticos, essencialmente, o Partido Nacional, que era afim aos interesses das transnacionais; e que o verdadeiro poder no país, o verdadeiro governo em Honduras, eram as bananeiras. Portanto, não sempre precisavam das armas para lograr seus objetivos. No momento de pegar as terras, o faziam apresentando algum requerimento fiscal com o qual ganhavam o território desejado, como no caso do General Crisóstomo e o roubo das terras que fez aos camponeses de *Las Lajas*:

Para Ezequiel Jocotán y su mujer, levantar esa familia ha sido una batalla permanente, sin cuartel, sin tregua alguna y, sobre todo, porque cuando aún estaban chicos, muy

chicos, perdió sus tierras en el bajo, en la parte fértil, así como la perdieron los demás condueños de la hermandad comunal. Fue en un pleito judicial que les entabló Don Crisóstomo Pedrozo y que perdieron por carecer de medios para pagar a un abogado defensor. Don Crisóstomo era compadre de Ezequiel y de Justina. De no haber mediado esa fortuna, pensaban los campesinos con resignación, sabe Dios cómo hubieran logrado resolver sus problemas, pues quedaron al garete sin un lugar donde plantarse; pero por el compadrazgo, siendo el hacendado padrino de pila bautismal de sus tres vástagos, tuvo a bien ayudarlos, permitiendo levantar su rancho en el Cerro de Las Lajas, que era parte de sus enormes propiedades, y que trabajasen en él mediante el pago del arrendamiento en especie. Eso aminoró o encubrió en Ezequiel todo su legítimo rencor por el desalojo de su tierra, aunque el verdadero motivo para recibir la injusticia con cierta pasividad, fue más que todo, por el grado de compadre espiritual que le unía al dueño de La Hacienda. (AMAYA, 2003, p. 11)

Neste caso, vemos como a religião influi no poderio das elites sobre os camponeses. Ramón Amaya aqui nos apresenta a importância da religião nas relações de poder. Há duas formas de exercício de poder: um, através do sistema jurídico que o protege, Don Crisóstomo Pedrozo foi capaz de roubar as terras da irmandade comunal, e depois, através da religião, por ser ele o padrinho de todos os filhos de camponeses, exigir obediência não apenas pelas terras, mas também por essa parceria espiritual. Outros casos davam-se, como comprado-as, no caso de Martín Somayoa em *Prisión Verde*. No entanto, Crisóstomo representa aquele político que através das guerras civis e da ajuda das Bananeiras, terminaria governando o país, sendo marionete das transnacionais. Político que além do poder político e militar, também tinha uma influência espiritual nos camponeses, que dava de saldo, segundo a narrativa de Ramón Amaya, a passividade de um povo. Crisóstomo Pedrozo exerceu um poder não apenas econômico e político nos camponeses, mas também espiritual: ele é o compadre dos camponeses velhos e o padrinho dos camponeses crianças, como é nessa primeira parte, Floriano Jocotán e Esmeregildo Jocotán. Com isto, Pedrozo assegura-se que os camponeses não vão se rebelar contra ele, e, também, que lutarão e votarão ao seu favor nas discussões políticas, pela simples união espiritual. Na Borracha, também vemos essa presença religiosa, pelo exemplo, com o Padre Silveira recorrendo o Amazonas no *Beiradão*, mas também nas superstições da gente, como exemplo quando o Caboclo Euzébio afirma que depois da expedição em Parintintins, todos ficaram malditos (MAIA, 2019, p. 109).

3.2.3. Os Ícaros do mato

Contudo, há duas personagens fundamentais a trazer à luz, um deles, é o distribuidor de veneno das Bananeiras. Estes trabalhadores eram os que mais arriscavam suas vidas. Utilizavam-se nas plantações de banana sem-fim de venenos proibidos internacionalmente, mas que, em Honduras, seguiram se utilizando até o final do Século XX. Um deles era o DBCP, melhor conhecido como DiBromoCloroPropano, ou Nemagon. Este pesticida é altamente

nocivo para a vida, porém, em Honduras, utilizou-se desde 1967 até 1981 (ACEVEDO, 2017, p. 43). Amaya Amador descreve as consequências deste veneno:

Samayoa medita en silencio. Recuerda todo lo que ha oído decir de los regadores del “veneno”; que se les introduce el líquido en los pulmones y el cerebro; que todos terminan tuberculosos; que en el hospital del puerto los médicos han abierto a varios “veneneros” y que les han encontrado verdeazules hasta los intestinos; que por muy fuertes que sean los hombres, en pocos meses mueren secos, como picados por culebra “bejuquilla”. (AMAYA, 2019, p. 38)

O consolo fraco dos distribuidores de veneno era que ganhavam um pouco mais que os campenhos, porém, morriam mais rápido que eles e eles sabiam, mas como fala Máximo Luján, pior que morrer do veneno, é morrer de fome (AMAYA, 2019). Assim como ele, a maioria não tinha outra opção que se arriscar à morte pelos efeitos secundários do veneno. E há uma, como contrariedade, ou, mas bem, complexidade da imagem do distribuidor de veneno: todos aspiravam a ser um. Na *Biografía de un machete*, e no conto *El Nido*, vemos como os campenhos sonhavam com ser um distribuidor de veneno, apesar de conhecer que isso era a morte segura. O distribuidor de veneno transforma-se numa personagem trágico das Bananeiras, que, como Ícaro, ao se aproximar ao seu sonho de tocar o sol, chegou a sua morte. Estes Ícaros de prendas, não de cera, mas igual na fragilidade, adentravam-se nas matas com as garrafas de veneno nas costas, espalhando o veneno que, meses ou anos depois, levariam eles à tumba. Contudo, a morte também vinha porque os distribuidores de veneno, como testemunha o conto “El Nido” foram os primeiros em se rebelar às injustiças das transnacionais e do governo.

Quase como germens do que Amaya relatava, o historiador e líder trabalhador, Napoleón Acevedo, descreve na sua obra historiográfica, uma greve acontecida no ano 1972, quando a transnacional *Standard Fruit Company* incorporou aos distribuidores de veneno uma nova forma de trabalhar, sobrecarregando eles, e rompendo os acordos de pagamento estipulados em greves anteriores:

Con el nuevo sistema, el trabajador tenía que cargar un galón lleno de la sustancia química, un machete, una lima de afilar y dos cuchillas curvas con vainas metálicas colgadas de la faja, una a cada lado de la cintura. El químico se aplicaba sin ninguna protección y el trabajador tenía que cambiar y desinfectar la cuchilla por cada mata que deshijara, además de la dificultad que implicaba cargar los materiales descritos. (ACEVEDO, 2017, p. 39)

Além da nula proteção contra o veneno, tinham que carregar com eles um facão, duas facas e o galão do veneno.

Mas as personagens trágicas não ficaram apenas nas Bananeiras. Na Borracha vemos um trabalhador que, igual que o distribuidor, ficava olhando à morte de perto, eles eram os seringueiros de saldo. Serem seringueiro de saldo era a melhor colocação que um trabalhador

da Borracha poderia ter, eram aqueles que davam lucros anualmente, mas que, na maioria dos casos, ao chegar o fim de ano, eram mortos:

O patrão desfiava sorrisos melífluos, prometendo a viagem no fim do ano, tão logo terminasse o verão e, com a internada, as chuvas impediam o corte, favorecendo, ao mesmo tempo, a saída dos batelões. A bala para o seringueiro de saldo já estava preparada, pronta para o momento decisivo, no fim do ano, depois de aproveitadas todas as suas energias. Era melhor dever, pois a dívida era uma segurança de vida. (MAIA, 1997, p. 78)

Assim como os distribuidores de veneno, ser seringueiro de saldo, era ter a morte assegurada. Era um capitalismo sob a vida mesma: as ganâncias eram superiores, porém, o risco de morrer era muitíssimo mais alto, seja por doença como no caso dos distribuidores de veneno, ou pela ambição dos coronéis no caso dos seringueiros de saldo.

Zé Firmo é um exemplo de seringueiro de saldo, o qual, foi para os seringais bolivianos, junto com outros cearenses, às terras de Dom Alvarez. Depois do tempo estipulado, Zé Firmo e seus colegas, decidiram voltar, com toda a pele de borracha recoltada. Porém, Dom Alvarez chamou a Nunez, capataz temido do lugar, que estava sempre à disposição de Dom Alvarez; e ordenou atrapalha-los:

—Nunez amigo. Vou pagar-lhes os saldos, em prata da nossa Bolívia. Vão para o Brasil na jangada desta semana. Você já sabe o que deve fazer. Vai bem até Caldeirão do Inferno. Trate os homens com bondade. Leve cachaça e guapas mulheres. Tudo para Santo Antônio. Perto da cachoeira, você inventa parada para amarrar bem as peles antes do tombo, como se faz sempre. Durmam aí e saiam de madrugada. O resto você já sabe. Aqui estão 100 platas pelo serviço. Cuidado. Não deixe sinal, tire o dinheiro das malas e entregue as bagagens à polícia de Santo Antônio. (MAIA, 1997, p. 84)

Nunez atuou como foi falado, e vendo a oportunidade da malandragem perto das cachoeiras, chegando ao Caldeirão do Inferno, aproveitou para roubar as peles de borracha. Zé Firmo e companhia notaram a traição, mas foi muito tarde para reagir. Porém, Zé Firmo e seus parceiros tiveram sorte, porque nas maiorias de vezes, para pegar as ganâncias dos seringueiros de saldo, era através do assassinato.

Às vezes, os corpos dos seringueiros de saldo eram encontrados por pescadores, quem os encontrava, achavam que o lugar era maldito e iam embora, tentando esquecer o cru momento. Se os campenhos com seus corpos nutriam a terra da Costa Norte, os seringueiros alimentavam aos bichos do mar Amazonas.

3.3. Os Judas... e suas redenções?

Deram-se na Borracha e nas Bananeiras estruturas de poder que, como relatam Álvaro Maia e Amaya Amador em suas obras, estavam baseadas em paramilitares que, não pertencendo ao corpo armado nacional, serviram para controlar aos trabalhadores. Estas personagens, tais como o Caboclo Euzébio e Mané Vaqueiro do Beiradão, Cirilo Cirilón e Esmeregildo Jocotán

de *Biografia de un Machete*, eram pessoas que, social e economicamente pertenciam aos povos oprimidos, mas ajudavam aos donos do poder a manter sua dominância na selva e nas plantações, respectivamente.

Nos contos de *Banco de canoa*, do autor Álvaro Maia, ao Nunez, capataz aos serviços de Dom Alvarez e quem, além de manter a ordem nos seringais do Dom Alvarez, também era o encarregado de roubar as peles de borracha dos seringueiros de saldo que iam a essas terras com a ilusão de mais ganâncias. Outro capataz é Mané Vaqueiro, do romance *Beiradão* quem estava ao mando do Coronel Francisco Moreira, um chefe de uma região da selva, imposto por ele mesmo, já que, como Álvaro Maia descreve, naquela época, se elegiam deputados e intendentes, sem maiores esforços, utilizando os nomes de defuntos, é dizer, eleitores fantasmas⁵⁷ (MAIA, 2019, p. 25). O Coronel Moreira mandava naquelas regiões sem dar contas de seus atos, tanto pela corrupção daquelas terras sem dono, quanto pela falta de comunicação com a cidade: As queixas esvaíam-se no caminho, ou, quando chegavam à capital, o paciente já estava bichado, dentro do barro ou das águas, pelos tapurus e minhocões, pelos candirus e piranhas (MAIA, 2019, p. 29).

Firmo Segadais era um doutor de profissão que, como tantos outros, viu na Borracha uma oportunidade de se superar economicamente, razão pela qual decide ir ao interior. Estando lá, Segadais se apaixona pela Maria da Luz, filha do Coronel Moreira e esposa de Setembrino. Não tendo oportunidade de se comunicar com ela, decide lhe escrever uma carta; mas essa carta jamais chegaria às mãos da Maria, senão que seria a dona Raimunda quem ficaria com ela. Aqui aparece Mané Vaqueiro.

Nas onze horas da noite, Mané Vaqueiro e seus acompanhantes atralham ao Doutor Segadais, e atiram-lhe ao chiqueiro. Depois, apresaram-lhe a um cedro e empurrado ao rio:

Segadais não tinha ânimo e forças para reagir. Estavam no chiqueiro de porcos. Tresandava, entre grunhidos, o fedor dos capados enfurecidos, batendo as dentuças.
 –Não se arrecie, doutô! Eles são danados. Comem até os bacorinhos. Dona Raimunda deus ordens pro douto não sofrê. Os capados estão amarrados. Os inteiros estão lá fora, na invadiação. Seu doutô vai tomá banho no chiqueiro. Não falou no cheiro da patroazinha?
 Segadais sentiu-se suspenso no espaço e arremessado, como um traste, no lameiro nauseabundo. Sujou-se dos pés à cabeça, totalmente peiado com o tijuco excrementoso a entrar-lhe pela boca e nariz.
 –Matem-me, bandidos!
 –A Dona é boa, é do Maranhão, e deu ondens para não matá vocemercê. Tome de novo a sarapilheira na cabeça. Vamos pro porto de baixo, na ponta da correnteza. Seu douto vai sê preso num cedro já pronto e vai vê como é gostoso falá no siná preto da muié dos outros. (MAIA, 2019, p. 33)

⁵⁷ Em Honduras este mesmo tipo de eleições deram-se constantemente também, chamavam como “elecciones a la cachureca”, sendo “cachureco” o apelido que têm os integrantes do Partido Nacional, o qual, aliou-se às Bananeiras para manter a ditadura.

Nesta parte podemos apreciar que existe uma relação tripartida do poder: O Coronel Moreira, quem é o dono do Madeira, a Dona Raimunda que é a mão direita do Coronel e o Mané Vaqueiro que é quem acata as diretrizes da Raimunda. A mesma estrutura podemos notar na obra *Biografía de un Machete*.

Nesse romance apresenta-se o General Crisóstomo Pedrozo, dono de uma fazenda que, por meio de maranhas judiciais, roubou aos camponeses (AMAYA, 2003, p. 11). O General Pedrozo tem a Amindo Carranza, um homem que, na ausência do General, é o encarregado de toda a fazenda e dos camponeses que não tendo terras próprias, devem trabalhar para o General o qual, implementa um sistema de dívidas para não dar eles dinheiro e mantê-los endividados (AMAYA, 2003, p. 23). Esta situação é similar a qual fazia também o Coronel Moreira (MAIA, 2019, p. 26), ambos utilizando as dívidas dos trabalhadores para que continuassem trabalhando para eles sem remunerações monetárias.

Dentro da fazenda morava um moço chamado Cirilo Cirilón, quem fazia as diligências do Amindo Carranza e o General Crisóstomo Pedrozo. Aqui apresenta-se em ambos romances a mesma estrutura política. Cirilo Cirilón, no desenvolvimento do romance, vai passar de trabalhador da fazenda, a traficante de armas nas guerras civis, e depois a líder dos “Camisas Negras”, que era o corpo armado das transnacionais bananeiras.

O que têm em comum estas duas personagens, Mané Vaqueiro e Cirilo Cirilón, é que não se redimem de sua cumplicidade, já que Mané Vaqueiro não aparece mais no romance e Cirilo Cirilón, num encontro armado, morre nas mãos dos trabalhadores das bananeiras:

–¡Putá! ¡Nos están atacando!

Se elevan los gritos. El tiroteo de la escolta es a ciegas, al azar, contra todo, mientras que los malos disparos campeños van directo a sus objetivos. Los célebres Camisas Negras están rodeados. Cirilo se da cuenta de que está en una ratonera.

–¡Muchachos, aquí estoy, me matan!

Dispara y dispara y hace una ráfaga de cinco. Nada. [...]

–¡Tris-trás! ¡Tris-trás! ¡Tris-trás!

Como cuando los hombres chapean los yerbales en las plantaciones, así se oye el canto del machete que entra y sale rítmicamente de la carne alcoholizada del Coronel Cirilo Cirilón. (AMAYA, 2003, p. 180)

Como podemos apreciar, dentro das Bananeiras e da Borracha, deram-se muitos casos como estes: pessoas que, socialmente formaram parte da classe oprimida, porém, serviram às vontades dos Coronéis e dos donos das Bananeiras. Contudo, em ambos romances se apresentam redensões dos cúmplices do poder, como serem o Caboclo Euzébio e Esmeregildo “Merejo” Jocotán.

Esmeregildo Jocotán era o filho de Ezequiel Jocotán, um dos tantos camponeses, aos quais, o Coronel Crisóstomo Pedrozo roubou as terras. Diferente de seu irmão mais novo,

Floriano Jocotán, Esmeregildo era preguiçoso e dedicava-se a produzir álcool e bebe-lo com Cirilo Cirilón:

El olfato de Merejo percibió el olor peculiar de la cususa. Quiso protestar pensando en que andaba con su padre, pero no pasó de un débil gesto, pues se le abrió el apetito por el licor.

— ¿De la nuestra? — pregunta Merejo tomando el vaso lleno.

— ¿Y de cuál quieres que sea? Está saliendo ahora mejor que el guaro legítimo del gobierno. ¡Tomemos a tu salud!

Merejo toma saboreando con deleite como si fuera un catador. El licor, verdaderamente, se podría confundir con el legítimo. (AMAYA, 2003, p. 28)

Cirilo Cirilón conhecia que Merejo Jocotán não gostava da roça, que para camponês era preguiçoso, não gostava do trabalho honesto e que tinha desejos de fugir da fazenda. Cirilón sabia muito bem disso, razão pela qual dava-lhe um tratamento especial, levava-o a sua casa, bebia com ele, deixava que o tutiasse, apesar de serem um camponês mais, e deixou-o ser partícipe do tráfico de álcool, para estimular nele esse desejo de superação.

Assim, manipulado pela fala de Cirilo Cirilón, decide ir embora com ele. Sem se despedir de seu pai, ou sua mãe, nem de seus irmãos, sai de casa para não voltar jamais. Dias depois da sua partida, começa a guerra civis.

Os Jocotán reencontram-se novamente numa missão que deram para Ezequiel e Floriano, de ir embora a trazer à fronteira um carregamento de armas dos contrabandistas:

El hombre cortó la palabra como de un machetazo. Quedó sorprendido como si viera un fantasma. Floriano que estaba con el fusil aún en posición defensiva lo veía con una incredulidad inabarcable. Ese hombre que llevaba tan buenas armas, cananas cruzándole el pecho, sombrero de vaquero y botas negras. Ese rostro tostado. Esa voz... Ambos quedaron perplejos y antes de que sus labios pronunciaran palabra se oyó primero la alta exclamación de Ezequiel, asombrada, jubilosa y timorata a la vez.

— ¡Merejo..! ¡Si es mi hijo, Esmeregildo Jocotán! (AMAYA, 2003, p. 88)

A vida de Esmeregildo “Merejo” Jocotán tinha mudado visivelmente, agora usava chapéus, botas pretas e, enfim, estava irreconhecível, apenas seu pai e seu irmão conseguiram reconhecê-lo. Porém, em essência seguia sendo o mesmo: com uma prévia suspeita de perder a sua imagem de chefe, termina por mostrar sua amabilidade a sua família, aproveita a perguntar por sua mãe e irmã, seus amigos e demais. Sua situação econômica e social tinha mudado, como ele mesmo cavila, agora não trabalha mais como camponês, é um paramilitar aos serviços de Cirilo Cirilón e ambos fazem negócios diretamente com o Coronel Pedrozo. Inclusive sua forma de falar mudou, agora fala num léxico que seu pai e companhia não conseguem entender.

Porém, os contrabandistas não faziam negócios apenas com o Partido Nacional, ao qual pertencia o Coronel Pedrozo, eles eram “apolíticos” e negociavam com ambos bandos, isto acatando a dica de Mister Gordon:

En verdad a Cirilo ya no le importa lo que pueda suceder al cargamento, tiene el dinero en su poder y si va a exponerse un rato quizá ser por cálculo: quiere que Crisóstomo

Pedrozo crea que es su partidario y que le ayuda en la guerra con lealtad. Cuando Cirilo piensa en eso, una sonrisa de picardía asoma a sus labios viriles. Don Crisóstomo es un viejo majadero e imbécil, no comprende a los hombres como Cirilo. ¿Acaso no vendió el día anterior un cargamento mayor de armas a los del otro partido, a los del gobierno? Es para reír de los políticos. Razón, mucha razón ha tenido mister Gordon al aconsejarle ese método en el negocio- Mister Gordon es hombre práctico. Anda bien con todos los gobiernos sean azules o colorados y de sus divergencias saca grandes beneficios. Ha hecho bien Cirilo en ponerse al servicio del mister Gordon. Las ganancias obtenidas de esa guerra son cuantiosas. (AMAYA, 2003, p. 100)

Depois deste breve encontro, não voltariam a se ver a anos, até que Floriano e Ezequiel retornassem a *Las Lajas*, do Sul de Honduras, onde Merejo, depois de terem terminado a guerra civis, com o Partido Nacional como vencedor, servia como o chefe do corpo armado da ditadura.

É nesta terceira e última vez com sua família que Merejo se redime. Floriano e Ezequiel retonam a *Las Lajas*, encontram o agora “General” Crisóstomo Pedrozo, que iria despejar a todas as pessoas que moravam ali. Inspirados na força e autoridade de Genara Jocotán, os camponeses rebelam-se aos capatazes de *La Hacienda*, razão pela qual é chamado Merejo.

Los dos hermanos van al galope por el camino sinuoso agachándose para no chocar con ramajes. Los campesinos están en los patios con sus pobres haberes amontonados bajo la luna en menguante. Han sido lanzados y no tienen para dónde tomar nuevo rumbo. Al oír el trotar del caballo creen que vuelven los caporales, pero luego, al reconocer a la mujer, lanzan gritos de júbilo porque saben que ella les puede ayudar. La rodean. Ven a Floriano, el recién llegado de la Costa, que es hombre resuelto. Sienten cierta esperanza.

— ¡Metan sus cosas de nuevo! ¡Nosotros respondemos! ¡Si han de salir que sea de día y previo pago de las mejoras y del valor de los ranchos! ¡Ya se fueron los capotales, tal vez regresen, pero entonces peharemos! (AMAYA, 2003, p. 226)

Vendo a situação na qual estava, Amindo Carranza, e sabendo que quem lideravam a resistência eram a família Jocotán, mandou chamar ao Coronel Merejo Jocotán, para lidar com seus parentes. Ele tinha a certeza que nessa briga familiar, por fim poderia se librar de todos os Jocotán, Merejo incluso. Pela voz de sua irmã, todos descobrem que a mãe foi estuprada e assassinada pelo Amindo Carranza, nos tempos da guerra civis.

O Coronel Merejo Jocotán era conhecido por sua selvageria, era odiado e temido em todo o oriente do país, eram incontáveis os casos nos quais reduziu comunidades inteiras em cinza. Por isso, proprietários de terras e demais amavam-o, porque ninguém se opunha a sua autoridade. Ao chegar à fazenda, Merejo tentou despejar a Nicanor Faroles, ao que Genara se opôs. Ambos tiraram suas armas, Genara atirou ao cavalo de Merejo, e ele saltou dele e disparou, no mesmo momento, Floriano pegou seu facão e aproximou-se a seu irmão mais velho para lutar. Ezequiel tentou, sem resultado, impedir a luta. Floriano apoderou-se da arma de Merejo e nesse instante, um dos bandidos de Merejo disparou sua arma, dando em Genara, que

cai ao chão. Ezequiel voltou a gritar, mas nenhum dos irmãos ia retroceder. No entanto, ao ver a sua irmã no solo, Merejo reagiu:

— ¡Espera! — Ordena el Coronel sin dejar de encañonar a su hermano que también le apunta, luego llama: — ¡Cundo, que nadie dispare!
 La orden de Merejo calma la tensión por un momento. Floriano que tiene su cuchillo en la izquierda, piensa que el que da una tregua en un momento de esos, ha perdido la iniciativa que es la mitad de la acción. Da un suspiro de alivio pero sin bajar la automática que apunta al pecho de su hermano.
 — ¡Floriano... tú...!
 — ¡Soy yo, Merejo, y mi tata y Genara!
 — ¡Genara! — exclama sin darle crédito — ¿Dónde está Genara?
 — La ha matado uno de tus esbirros. (AMAYA, 2003, p. 234)

Merejo fica pensando, o encontro com sua família era algo que ele não tinha previsto e que Don Amindo não tinha dito para ele. Já na tranquilidade antes da tormenta, os Jocotán falam com Merejo de todo o acontecido. Genara relata para seu irmão como Amindo Carranza estuprou e assassinou a sua mãe, e no interior de Merejo detona-se um conflito moral entre o chefe expedicionário da ditadura e o filho da Justina. Merejo ordena a sua escolta montar. *Ha triunfado sin duda el hombre sobre el Coronel, el campesino hijo de Justina Jocotán sobre el Jefe Expedicionario de la dictadura* (AMAYA, 2003, p. 238). E assim, ambos irmãos agora cavalgam à casa de Amindo Carranza.

Chateado, Merejo obriga a Amindo sair de casa, aquele, tendo desconfiança de que alguma coisa poderia acontecer, pegou sua arma. Estavam todos do lado de fora os soldados em cima de seus cavalos, e no meio deles, Merejo. Amindo não confirma a morte de Justina, e os irmãos têm intenções diferentes: por uma parte, Floriano pretende levar a Amindo ao cárcere, no entanto, Merejo queria matá-lo. Merejo consegue atar Amindo Carranza, mas este dispara sua arma contra Merejo:

Merejo siente el golpe rudo en el pecho. Algo caliente baja por su estómago mojándole la camisa de seda. Está de espaldas en la tierra y de sus manos ha saltado la piolera. Tarde comprende que subestimó al viejo. Saca su automática mientras, haciendo un gran esfuerzo, se pone de rodillas. Presiona el gatillo y brama el arma lanzando toda la carga del chifle. Parece metralleta. Calla y aún Merejo sigue apretando el gatillo con la mano derecha y con la izquierda se apoya en el suelo. Con los dientes muerde y aprieta los labios como para detener algo invisible, que se le escapa desde muy adentro. Pero ha visto que don Amindo se ha doblado allí cerquita de sus ojos y que ha quedado quieto con los ojos abiertos. Él también siente una gran gratitud y no se entera que cae casi sobre la cabeza del administrador.
 — ¡Hijo de se...! (AMAYA, 2003, p. 247)

Assim, Amindo Carranza e o Coronel Merejo Jocotán morrem; e Amaya Amador nos presenteia com uma passagem belíssima dos pensamentos finais de Esmeregildo Jocotán, como um símbolo de que aquele que foi traficante de armas, depois assassino da ditadura, frio, sem coração, malandro e sem moral, ao morrer vingando a sua mãe, consegue sua emancipação, volta a ser um humano:

Pero aún Merejo, sin mover ningún miembro, agita su pensamiento como una borrasca y se ve niño, un muchacho descalzo corriendo por el patrio del rancho con Floriano y Genara, mientras la voz de Justina le grita: <<Merejo... Merejo... muchacho holgazán, ¿a dónde has llevado a los cipotes? ¡Anda, trae las charamuscas pa'la comida! ¡Merejo!>> Y la mira como a través de la lluvia, con la cabeza atada con un pañuelo. (AMAYA, 2003, p. 247)

Assim, Merejo morre redimido, deixando de serem uma arma da ditadura: ao vingar sua mãe, não apenas está vingando-a, mas também a todas as mulheres estupradas por Amindo:

Ella no quería; era mujer honrada, pero estaba sola y él debía aprovecharse. Con otras mujeres campesinas hacía lo mismo y no pasaban de un lloriqueo la primera vez. Después se acostumbraban y ya no se resistían ni lloraban. Fue mala suerte que ella gritara y que se violentara tanto hasta tener que silenciarla. Eso fue lo malo. Pero de no haberlo hecho, al regresar los Jicotán de la guerra, le hubiera armado tremendo lío (AMAYA, 2003, p. 243)

E além disso, também com a morte de Amindo Carranza, os camponeses ganham terras melhores para trabalhar, agora são suas. Merejo Jicotán, torna-se o libertador daqueles camponeses da fazenda que dias antes da vingança, estavam sendo despejados de suas próprias casas. A morte destes dois personagens obriga ao General Pedrozo a voltar à fazenda, e vendo aos camponeses unidos, não tem mais solução, a não ser dar-lhes terras próprias, recuperando assim parte do que foi roubado pelo General.

No romance de Álvaro Maia, *Beiradão*, apresenta-se o Caboclo Euzébio, quem dedicava-se à pesca na maioria de seu tempo, porém, às vezes, era contratado para missões difíceis e perigosas, espionagens de índios, descobertas de seringais e castanhas virgens (MAIA, 2019, p. 103). Assim como fazia o Coronel Merejo Jicotán, o Caboclo Euzébio também assassinava pessoas por diretrizes das elites de poder, na Borracha, estas elites eram os coronéis. Numa passagem do livro, Caboclo Euzébio chefia uma expedição a Parintintins, que o deixou com muitos remorsos:

Caboclo Euzébio perdeu a alegria. Depois dessa expedição caiu em tristeza, pensando em cunhas estripadas a quicés, índios degolados, depois de mortos. Igual aos cristãos como dizia o padre, embora mais infelizes. Entregou-se a pescarias e afirmava que, na primeira expedição contra os Parintintins, ficaria ao seu lado contra os civilizados, se é que eram civilizados homens acostumados à matança de inocentes. (MAIA, 2019, p. 105)

Como acontecia, no mesmo caso que na ditadura bananeira em Honduras, estes silvícolas eram arrebatados das suas terras através das armas, uma luta em total desigualdade: frechas contra balas. Deram-se nessa expedição atrocidades sem fim, como no caso do menino que arrancaram os olhos ou no abuso sofrido pela menina, ao ter suas partes íntimas envolvidas com pimenta, Caboclo Euzébio descreve:

— Havia ordem de acabar com aquilo. A expedição não tinha outro fim. [...] Cercávamos a maloca, cada um num pé de pau, a fim de tirarmos para o centro, sem perigo um do outro.

Não havia sorte para os Parintintins. Estalou o tiroteio. Os homens ainda pegaram os arcos e flechas, correndo pelo terreiro. Coitados, estavam carregando paneiros de mandioca, amontoando na frente da casa de farinha. [...] Eu tremia, lembrando as palavras do padre Silveira. Ia me dar mal, mas tinha que descobrir seringais e castanhais. Estavam descobertos os castanhais, faltando apenas limpar de índios. Ninguém podia limpar com açúcar e sim matando os pobres. (MAIA, 2019, p. 109)

Depois dessa expedição, o Caboclo Euzébio deixou de servir aos coronéis. A desumanidade do ocorrido foi tal que o próprio Euzébio, doido do remorso, acha que todos aqueles expedicionários se tornaram malditos. Muitos deles morreram de forma atroz, seja em outras expedições, comidos por animais ou das muitas doenças da Amazônia. Se bem que a redenção de Euzébio, não foi tão dramática como a do Coronel Merejo Jocotán, o certo é que depois desse genocídio, Euzébio deixou as expedições e, ademais, prometeu que caso viesse uma nova expedição, ele mesmo lutaria a favor dos silvícolas para protegê-los e impedir o acontecido na expedição à Parintintins.

No conto “Contrabando” de Amaya Amador sucede algo similar. Miguel “Mano de Ángel”, era um chefe militar encarregado de proteger a fronteira de qualquer pessoa que pretendia ingressar ao país com contrabando. Como qualquer paramilitar da ditadura, Miguel “Mano de Ángel”, era um malandro, ex-condenado que, dado a seu talento para assassinar, foi libertado e posto à disposição do governo:

Él estuvo preso tres años y luego puesto en libertad por el gobierno de la dictadura. Su fama de hombre valiente, muy diestro con el revólver, fue su salvación. La tiranía impuesta por los yanquis que se sostenía utilizando violencia y terror contra el pueblo, necesitaba de hombres de su temple, sin escrúpulos para matar hombres y sin miedo para enfrentar a los valientes. De jefe de pandilla de bandoleros pasó a ser jefe de escolta militar, autoridad, comandante en un campo bananero donde había que aplastar la protesta y la resistencia de los trabajadores explotados y tiranizados. (AMAYA, 2017, p. 79)

Miguel tinha escutado que nessa noite o famoso contrabandista “El Matrero” ia aparecer. Ambos se conheciam antes de Miguel ser um militar e El Matrero contrabandista, na Costa Norte, quando ambos eram trabalhadores nas bananeiras e chefiavam cada um, um bando. Num tiroteio Miguel foi ferido de gravidade e levado à cadeia, onde o governo o pegou

Foi na meia-noite que Miguel “Manos de Ángel” conseguiu olhar duas pessoas que caminhavam pela rua principal da fronteira. Miguel aproximou-se e apontando sua arma perguntou-lhes quem eram, e eles responderam que eram apenas trabalhadores buscando onde trabalhar. Ao mesmo tempo, os subordinados inspecionaram as malas que estes dois traziam com eles:

Los soldados que revisaron las maletas vinieron a informar al jefe.
— Coronel, lo que éstos llevan son libros, muchos libros. Llevando a los dos hombres por delante fue a cerciorarse. Las dos maletas iban llenas de libros y folletos. Ninguna otra cosa. “Mano de Ángel” los examinó alumbrándoles con sus focos. Tenían títulos raros y había hasta novelas. Eran bastantes y debían pesar mucho para traerlos a lomo.

Entonces recordó que una vez le habían recomendado que vigilara el contrabando de libros. (AMAYA, 2017, P. 81)

Miguel “Mano de Ángel” sendo incapaz de compreender porque estes dos traziam livros, já que não sabia como alguém poderia ganhar alguma coisa com eles, deixou-lhes passar, aconselhando-lhes que se pretendiam traficar, que fosse com mercadoria que valeira a pena arriscar a vida. Um deles aproximou-se e deu-lhe de presente um desses livros que traziam:

— Tome, Comandante —díjole uno al ponerse la maleta al hombro, y le entregó un folleto de tapas rojas—. Es un regalo de amigos. Cuando tenga sus ratos de descanso, léalo para que se divierta. Y si desea leer otros libros, acuérdesse que nosotros estaremos en El Mochito.

— Gracias —murmuró “Mano de Ángel”, acentuando su simpatía para los hombres. Ya lo había pensado: eran principiantes en el negocio y no tenían madera de contrabandistas: fracasarían. (AMAYA, 2017, p. 82)

Esse livro foi o germe da mudança na vida de “Mano de Ángel”. Um ano depois da entrega desse livro, Miguel e seus subordinados apoiaram a greve dos mineiros, e o governo, ao qual era mais criminoso apoiar um protesto que serem chefe de um bando, deu preço a sua cabeça:

Quién sabe cuál sea la verdad. Lo único cierto es que así como le buscan, el nuevo Comandante y su escolta con órdenes de capturarlo vivo o muerto, en cambio los quince mil mineros de El Mochito y los demás trabajadores de las plantaciones bananeras de las compañías yaquis, lo ocultan, lo cuidan y lo llaman, fraternalmente, “compañero”. (AMAYA, 2007, p. 84)

Foi assim que “Mano de Ángel” passou de chefe de bando, a comandante militar e depois, finalmente, a prófugo da ditadura e traficante de livros.

A redenção destes personagens, podemos ver que surgem de três razões diferentes. A primeira, a consciência de classe. O desenlace do Coronel Merejo Jocotán surge do conflito entre o que pretende ser e o que de verdade ele é. Essa dualidade representada entre Merejo “o chefe expedicionário da ditadura” e Merejo “filho de Justina”, pode ser entendida através da consciência de classe. Merejo ao renunciar à ilusão de seu título, lembrando que apesar de todo o acontecido, seguia sendo o mesmo camponês que corria entre a Colina “Las Lajas” com seus irmãos, encontra a determinação de matar a Amindo Carranza, o que resultaria na recuperação das terras roubadas.

Com Euzébio a situação foi diferente. Ele renúncia seguir sendo chefe de expedições ao testemunhar e ser partícipe ativo das atrocidades dos coronéis. A redenção deste personagem surge da empatia. Ver e gerar o sofrimento aos silvícolas, que, incapazes de se proteger ou opôs resistência, não tiveram outra opção a não ser morrer cruelmente, o que levou a Euzébio a compreender as injustiças da Borracha.

No último, a educação. Miguel “Manos de Ángel” ao lerem os livros que El Matrero dava para ele, foi se educando e entendendo o sistema corrupto da ditadura, razão pela qual decide converter-se ao favor dos trabalhadores. Os livros são o contrabando mais perigoso para as ditaduras, porque os livros são conhecimento, e este, o pensamento crítico, a liberdade dos povos só podem surgir desse último refúgio, que são os livros. Miguel “Manos de Ángel” ao ter acesso à educação, torna-se em um grevista a favor do povo, graças ao contrabando que ele mesmo, ironicamente, na sua ignorância, deixou passar.

3.4. As Vênus da floresta: as condutas sexuais no mato

Um fato importante a lembrar nestas épocas é a complexidade do que nós chamaríamos intimidade ou privacidade: os campenhos e os seringueiros careciam disso, basta explorar as obras de Amaya Amador e Álvaro Maia sobre as relações e modos de viver dos trabalhadores, agrupados em barracões superpovoados, compartilhando redes, talheres, cozinha, banheiros e demais, incapazes de uma vida privada como tal. Casais como no conto *El Nido* de Amaya Amador, por exemplo, tinham que manter as relações conjugais ainda compartilhando o quarto com outros campenhos:

Los dos estábamos jóvenes. Él casado y yo soltero. Para los casados era un problema la vivienda pues no había en los barrancones cuartos especiales para el matrimonio sino para solteros. Vivíamos en grupo. Y en nuestro cuarto, donde nos apretábamos ocho compañeros, tenía Lucas su catre y su mujer. No sé lo que el matrimonio sentía en las noches, pero sí sé lo que nosotros, solteros jóvenes, privados durante semanas del goce sexual —las prostitutas sólo llegaban una vez al mes, el día del pago—, padecíamos al escuchar los crujidos del destartado catre de Lucas. (AMAYA, 2017, p. 30)

Enclausurados desse jeito, as intimidades se tornariam, de uma ou outra forma, coletivas: desde casais compartilhando espaços com outros, até compartilhar a mesma parceira sexual (seja pela prostituição ou como no caso dos primos fugidos do *Beiradão*). A moral rege a linguagem, e a sexualidade, rege a moral, assim como explica Foucault em umas das suas grandes obras: *A História da Sexualidade* (1988). E assim, a sexualidade que sempre foi relegada ao segredo, banida a recintos fechados, ao mistério e ao silenciamento, nas bananeiras e o mato amazônico, teve que mudar. É que, essa moral, que vem de uma tradição imposta por instituições (como a igreja ou estatais), família ou amigos, não existia em uma sociedade que estava em plena construção e que, portanto, carecia destas.

O deslocamento de pessoas, idas para a Costa Norte de Honduras e para o Amazonas em Brasil, gerou uma sociedade que ia se incorporando ao ambiente e carente de tradição. A isso, também temos que ligar a carência de órgãos estatais ou igrejas. Sim, existiam os bandidos das transnacionais e os coronéis de barranco, mas eles mais que uma autoridade moral,

mantinham apenas a produção e uma ordem que funcionasse para o desenvolvimento econômico. Estes mesmos, seja pela sedução a mulheres casadas, como no caso do Padre Silveira ou mister Jones com Juana; ou por frequentar as prostitutas, compartilhavam as parceiras sexuais junto aos trabalhadores. No mato, seja a Costa Norte ou o Amazonas, eram os coronéis e as transnacionais quem regulavam os bens de consumo para os trabalhadores, dentre estes, também as mulheres, que, como uma forma de trata humana, convertiam-se em um produto a mais com o qual comerciar:

Os 500 trabalhadores não conduziam mulheres.

As despesas com a aquisição de mulheres figurava nas prestações de contas, no fim das safras, entre maquinas de costura, rifles, fazendas, sabão e café. Havia também o pagamento do valor feminino, baseado na saúde e nos encantos fisionômicos.

Era o dever sempre mais acrescido que o haver na aquisição de mulheres. O preto Anacleto Braga consumiu o saldo de três anos e ainda ficou devendo, porque se comprometeu por uma dessas gajas. (MAIA, 1997, p. 93)

E era um negócio, como o caso de Anacleto Braga, com muito sucesso. Nas bananeiras, sucedia que a cada prostituta, cobrava-se um imposto ao entrar na roça, cada dia era pago. Enquanto na borracha, como fala o narrador de um dos contos de *Banco de Canoas*, era regulado pelas despesas, como um bem de consumo a mais.

Nestas sociedades carentes de um prejuízo imperante, comum da urbe e que, em sua maioria eram homens, solteiros e jovens, o sexo tornou-se em um produto a mais; e um muito solicitado. Deslocados de uma tradição moral, esta sociedade apresentou uma nova complexidade das condutas sexuais, que como Foucault entenderia, em termos da Antiga Grécia são a relação entre “*afrodisia*” (os atos de Afrodite) e “*chrēsis aphrodision*” (os usos do prazer):

A reflexão moral sobre os aphrodisia tende muito menos a estabelecer um código sistemático que fixaria a forma canônica dos atos sexuais, traçaria a fronteira das interdições, e distribuiria as práticas de um lado e de outro de uma linha de demarcação, do que a elaborar as condições e as moralidades de um "uso": o estilo daquilo que os gregos chamavam *chrēsis aphrodision*, o uso dos prazeres. (FOUCAULT, 1984, p. 51)

Entende-se “o uso” como a maneira na qual o indivíduo orienta sua sexualidade, desde as formas de fazer até a importância que ele dava ao ato sexual, que vai estar condicionada pelo status do indivíduo, sua necessidade e sua oportunidade de satisfazer essa necessidade. Sempre baseado na tradição greco-latina e nesta correlação tripartida, Foucault descreve três estratégias do prazer: da necessidade, do momento e do status.

3.4.1. A estratégia da necessidade

Como uma apologia à tese de Diógenes “o cínico”, que defendia que assim como temos necessidades de dormir, comer, e demais, também as temos sexuais, a estratégia da necessidade é satisfazer essa carência. O *aphrodisia*, portanto, regulado pela necessidade, o objetivo não é o de anular o prazer; trata-se, ao contrário, de sustentá-lo e de sustentá-lo pela necessidade que o desejo suscita; sabe-se muito bem que o prazer se embota quando não oferece satisfação à vivacidade de um desejo (FOUCAULT, 1984, p. 53). O prazer é uma necessidade humana e, portanto, é um bem que é desejado e que deve ser comprazido. Nas bananeiras e os seringais, a obtenção deste bem cobiçado, era regulado, assim como o álcool, a comida e demais bens, pelas transnacionais e pelos coronéis:

¿Quién se lucra con la venta de ese opio del trópico que es el guaro? ¿Quiénes cobran impuestos a las prostitutas en noches de pago, y lo principal, dime, por qué han llegado esas mujeres hasta el fango? ¿A qué arcas van tantas multas que las autoridades imponen a los campeños cuando, ebrios, dan “vivas” y “muera”? (AMAYA, 2019, p. 61)

Ou as andejas, que, com seus favores sexuais, pagavam nos portos suas passagens:

— Nem se diz o contrário, querido padre Fábio. Voltemos às andejas. São passageiras de terceira classe, vindas de Belém, Santarém e Manaus, rumo de Santo Antônio: desembarcam nos portos de lenha, nos aglomerados, de preferência onde não há casais, e desalteram o pessoal. Não deixam de prestar serviços e os próprios casados as admiram, porque espalham tranquilidade entre os rapazes. (MAIA, 2019, p. 68)

Em outras palavras, as andejas e as prostitutas, assim como se diz ao final, ajudavam a manter a tranquilidade entre os homens. É evidente que cumprida a necessidade sexual, regulava-se a convivência entre os trabalhadores e evitava-se também a dispunha que às vezes acontecia por mulheres. Porém, não por isso quer dizer que não sucediam.

Para tal caso podemos mencionar, pelo exemplo, ao Caboclo Sabino. O Caboclo Sabino, personagem de *Beiradão*, casou-se com Raimunda, uma filha de um seringueiro do Amazonas. O conflito surge da certeza que a Raimunda não era virgem e que quem havia sido o “benfeitor” antes de Caboclo, era o próprio pai dela. A história termina de forma sangrenta, com uma sequência de vinganças que daria de saldo um Sabino capado e a morte de pai e filha.

Outro caso é Mané Onça, sua esposa e um parceiro com o qual moravam juntos. Mané Onça, disposto a ajudar um rapaz mais novo que ele, decide compartilha a casa. Nessa coabitação, o moço começa a seduzir à esposa de Mané Onça, ele descobre e cobra sua vingança:

— Isso nem chega a ser crime para causar espanto. É outro, bem diferente. Mané Onça vivia com a boliviana que arranhou nas festas da igreja. Comia bem e dormia bem. Tinha um companheiro de colocação, mais novo, espécie de tutelado. Começou a namorar a falsa madrasta, e ela servia a ambos. Foi descoberta em pleno terreiro,

debaixo de umas palhas. Mané Onça caceteou os dois, mas não matou logo. (MAIA, 2019, p. 80)

Similar aconteceu no caso de Lucas e Sabino. Lucas, um campenho jovem das bananeiras, vivia junto sua esposa, Anita, e demais campenhos, num quarto dos barracões bananeiros. Sabino, que era um campenho solteiro, em dias de pagamento, eram dias de festas para os trabalhadores, e aproveitava para seduzir à Anita:

Al día siguiente Lucas y Anita me ayudaron a salir de la “goma” y en la tarde fuimos los tres con otros veneneros a la aldea vecina con el fin no expresado de seguir bebiéndonos hasta el último miserable centavo que nos quedaba. Yo no vi nada de particular en la presencia de Sabino, ni en sus canciones amorosas, ni en su solicitud para Anita. Todo me pareció normal entre nosotros; ¡viejos inquilinos del mismo cuarto, viejos bueyes del mismo yugo! Sin embargo, ya andaba allí germinando la tragedia. (AMAYA, 2017, p. 37)

Esta convivência forçosa desenvolve, como dirão os psicólogos sociais, impulsos sexuais que, como vemos no conto, levariam a uma tragédia como a que ocorreu entre Sabino e Lucas. Em dias se daria o encontro entre estes dois, entre os campos de plantação das bananas, na hora do almoço. As intenções dos outros trabalhadores de separar aos dois contendentes foram banais, a briga mortal aconteceria sim ou sim:

Pero despartar aquellos dos hombres enfurecidos con los machetes en brutal acometida, no era asunto fácil. De pronto, Sabino dio un grito y, atorado del hierro de Lucas, se dobló sobre un tallo de banano, lanzando un pito de sangre, con presión igual que el veneno salía de la manguera de riego.
—¡Zorrillo, zorrillo, zorrillo! —repetía Lucas con un gesto de alegría en el rostro ensangrentado—. ¡Mi nido es mío, zorrillo!...
Parecía en buen estado, pero también se dobló cayendo por las yerbas y enlodándose al revolcarse gimiendo. Estaba con varias heridas graves y la sangre salía a borbotones. (AMAYA, 2017, p. 41)

Ambas situações, da sedução de Sabino a Anita, e a do jovem à esposa de Mané Onça e sua resolução violenta, corresponde à autoridade e poder que os esposos têm sobre suas esposas e também, à visão de mulher como propriedade e não como uma pessoa independente a ele:

É verdade que todo homem, qualquer que seja ele, casado ou não, deve respeitar uma mulher casada (ou uma jovem sob poder paterno); mas é porque ela está sob o poder de um outro; não é seu próprio status que o detém, mas o da jovem ou da mulher contra a qual ele atenta; sua falta é essencialmente contra o homem que tem poder sobre a mulher. (FOUCAULT, 1984, p. 131)

Dessa forma, para recuperar sua honra, Lucas, Mané Onça e o Caboclo Sabino, têm que resolver violentamente esses abusos a sua propriedade. As mulheres, nestas estruturas sociais, como já tínhamos falado, eram um bem sumamente cobiçado e, portanto, devia ser protegido e até vingado. Por outro lado, também pode ser entendida como uma transgressão à dinâmica entre desejo e necessidade:

Se é possível satisfazer os desejos sexuais quando eles se manifestam, não se deve criar desejos que vão além das necessidades. A necessidade deve servir de princípio

diretor nessa estratégia, a qual, como se vê, nunca pode tomar a forma de uma codificação precisa ou de uma lei aplicável a todos da mesma maneira e em todas as circunstâncias. Ela permite um equilíbrio na dinâmica do prazer e do desejo: ela o impede de "encher-se de ímpeto" e de cair no excesso fixando-lhe, como limite interno, a satisfação de uma necessidade (FOUCAULT, 1984, p. 54)

Portanto, a estratégia de necessidade sustenta-se no equilíbrio entre o desejo e a capacidade que o sujeito tem para satisfazê-lo. A intemperança, utilizando a nomenclatura foucaultiana, apresenta-se como uma conduta sexual que não tem sua origem na necessidade: as prostitutas chegavam cada dia de pagamento e, como já evidência o conto, os dias de pagamento eram dias nos quais os camponeses satisfaziam seus desejos sem restrições. Na teoria das condutas do prazer, efetivamente, apresentam-se a temperança e a intemperança:

Essa estratégia permite conjurar a intemperança que é, em suma, uma conduta que não tem sua referência na necessidade. É por isso que ela pode tomar duas formas contra as quais o regime moral dos prazeres deve lutar. Existe uma intemperança que se poderia dizer de "pletora", de "preenchimento": ela concede ao corpo todos os prazeres possíveis antes mesmo que ele tenha experimentado a necessidade, não lhe dando tempo de experimentar "nem fome, nem sede, nem desejos amorosos, nem vigílias" abafando, com isso mesmo, qualquer sensação de prazer. (FOUCAULT, 1984, p. 54)

Esta intemperança de preenchimento como planteia Foucault, é contrária à necessidade porque não permite ao corpo experimentar mesmo a necessidade que já está satisfazendo: come sem fome, dorme sem sonho, bebe sem sede... esta estratégia da necessidade, portanto, temos que lembrar que se baseia na máxima de que as necessidades como tais, são aquelas carências que o corpo sente obrigatórias satisfazer para seguir existindo. O equilíbrio, nesse sentido, vai surgir do limite da satisfação, evitando os excessos que seria a intemperança de preenchimento.

3.4.2. Estratégia do momento oportuno: o *kairos*

Sem muito que adicionar, como o nome diz, *o kairos* é saber satisfazer os prazeres quando estes sejam convenientes: Deve-se ter em mente que esse tema do "quando convém" sempre ocupou, para os gregos, um lugar importante, não somente como problema moral, mas também como questão de ciência e de técnica (FOUCAULT, 1984, p. 55). Se nós retomamos ao Diógenes "o cínico", seu jeito de satisfazer seus prazeres no momento que sentia a necessidade, seria uma intemperança mesma, pela impossibilidade de contrastar em que momento poderia os satisfazer.

Saber o momento oportuno, tal como, podemos interpreta-lo com as aventuras amorosas do Padre Silveira com a Zefa Mixira e a Senhora Maroca, ambas casadas. O padre Silveira aguardava à saída dos esposos para se instalar nos barracões das esposas.

Zefa Mixira era a esposa do João Caboclo, quem se dedicava à pesca, especialmente do peixe-boi, e daí o apelido de sua esposa: Zefa Mixira trouxera a antonomásia do marido, que era arpoador de peixe-boi. Sabia preparar a mixira: segundo suas explicações, tem carne de peixe, de porco e de boi (MAIA, 2019, p. 53). Aproveitando os dias em que o João Caboclo não estava em casa, o Padre Silveira aguardava às horas da noite em que ninguém poderia vê-lo para ir à barraca da Zefa Mixira:

Uma vez foi surpreendido, altas horas da madrugada, nos cerrados marginais à cachoeira. Fábio imaginou-o em delírio febril e saiu-lhe no encalço, receoso que se despenhasse das ribanceiras e se ferisse nas lajes.

Padre Silveira dirigiu-se simplesmente à barraca da Zefa Mixira, escondida entre goiabeiras e capim alto. Demorou-se e, ao regressar, olhando para os lados, viu Fábio na maqueira de tucum em embalos lentos, Zefa Mixira trouxera a antonomásia do marido, que era arpoador de peixe-boi. (MAIA, 2019, p. 53)

Às vezes, também, disfarçava as visitas como encontros para beber café, chegando também na noite, quando todo estava deserto e os moradores cada um em suas casas (MAIA 2019, p. 59). Assim, nesta estratégia, a temperança é o equilíbrio entre as diversas atividades do homem, e uma distribuição do tempo:

A escolha do momento — do kairós — deve depender igualmente das outras atividades. Se Xenofonte cita Ciro como exemplo de temperança não é porque este tivesse renunciado aos prazeres; é porque ele sabia distribuí-los como convinha no curso de sua existência, não se deixando por eles desviar de suas atividades e somente os permitindo após um trabalho preliminar que conduzia a entretenimentos honrosos. (FOUCAULT, 1984, p. 56)

O vemos, pelo exemplo, no aproveitamento da Senhora Maroca em “visitar” ao Padre Silveira quando seu marido, o Caboclo Euzébio ia embora, seja pela pesca:

– Mesmo um amigalhão como padre Silveira vem vigiar-lhe a barraca, a mulher e os filhos, comendo galinhas cevadas e batizando. Desculpe. Falo ao amigo. Mas você não deve ter queixas. Ainda ganha de Euzébio para ter essa vidoca.

– Misérias, misérias, Fábio! Creio em você, que não pensa mal de ninguém.

– Não penso mal, mas estou vendo. Pois a cabocla não mudou de dormitório, quando mestre Euzébio foi pescar para o nosso almoço? Vi bem quando passou e ouvi barulho de rede, denunciando uma pessoa que se deita. Ora, vocemercê já estava deitado. A separação dos quartos é de palha. Tenha cuidado. (MAIA, 2019, p. 114)

Ou bem, quando o Caboclo Euzébio ia embora às expedições que os coronéis davam para capitanear:

Caboclo Euzébio não ouviu os conselhos, mas nada percebeu com a expedição, em que passou seis meses, atravessando matas e igarapés. Regressou, estropiado e tonto de remorsos. Foi nessa ausência que a mulher ficou de barriga, e lhe deu um curumim mais esbranquiçado, que diziam ter traços do padre Silveira, talvez pela influência nas festas e visitar ao lugar.

– Castigo de algum pajé!

– Qual castigo de pajé! Nesse caso, o curumim teria cara de índio ou matintapereira. O filho é meu, puxa ao avô, que era descascado. (MAIA, 2019, p. 105)

Expedições nas quais o Padre Silveira ficava na barraca “cuidando” à família do Caboclo Euzébio. Verificamos que o *kairos*, a diferença da estratégia da necessidade, está baseada no tempo mesmo e a distribuição social do trabalho.

Temos o caso da Velha Quintéria e os três primos fugidos. Estes três seringueiros, sendo vítimas de maus tratos e de pagamento desonesto pela pele de borracha, a Velha Quintéria ajudava-os, em coisas como lavar roupa, dar comida e também nas complacências sexuais:

– Consolava três?

– Sim. É costume naquelas bandas. Certas velhas, sem marido, ganhavam a vida assim e olhe que são procuradas. Um dia para cada um. Velha demais, não gosta de nenhum e não dá em ciurada. É mesmo que um caco quebrado. Melhor que moça, rondada pela macharada. Velha Quintéria não acende mais fogo no cupim, e serve por servir, sem prestar atenção a nenhum. (MAIA, 2019, p. 94)

Como explica um dos primos, a Velha Quintéria distribuía seu tempo, um dia para cada um, e eles, também, respeitavam o tempo do outro e dela mesma. Não existe briga nesse jeito, onde cada quem tem estipulado quando pode e quando não satisfazer seu desejo.

3.4.3. A estratégia do status

Esta estratégia que explica Foucault é a mais relacionada com sua fala do poder, já que o “status” é uma ferramenta, aqui, para alcançar o prazer, por uma parte, mas também para regula-lo: É sem dúvida um traço comum a muitas sociedades que as regras de conduta sexual variem segundo a idade, o sexo, a condição dos indivíduos, e que obrigações e interdições não sejam impostas a todos da mesma maneira (1984, p. 57). O status, que não é mais que o poder e autoridade que um indivíduo tem numa sociedade, se exerce neste caso como uma estratégia de satisfazer seu prazer.

Se seguimos analisando ao Padre Silveira, ele utilizava seu status de “homem de fé” como uma forma de alcançar seu prazer: os esposos confiavam nele, e não suspeitavam que poderia acontecer alguma coisa entre ele e as esposas. A temperança no Padre Silveira, revela-se como o segredo de seus encontros:

Padre Silveira, quarentão forte, analisava a própria mioleira, – e pensava nos pecadilhos com a Zefa Mixira, que residia no outro lado da ruela, perto do tombo. Disfarçando que ia beber café, lá aparecia à hora sesta, quando o velório estava deserto, sem moradores, ou pelas caladas da noite. (MAIA, 2019, p. 59)

Que, como explica Foucault, nesta estratégia, é a regularidade entre as qualidades que a pessoa tem por conta de seu status na cidade, e comprazer-se a si mesmos. E, se bem as suspeitas começaram a surgir:

—Dou mil-réis pelo pitiú assado de dona Zefa Mixira- Está cheiroso e gostoso.

—Dou cinco. É pro padre Silveira, que gosta de dormir na barraca da Zefa. Até parece um peixe-boi à noite, quando troca a batina por uma roupa escura para andar melhor.

—Vocemecê não prova que o padre dorme na barraca da Zefa. Está mentindo e vai engolir.

Padre Silveira estava lívido, ouvindo aquela ameaças, à entrada do telheiro, que, naquela hora, era salão de igreja. (MAIA, 3019, p. 62)

Foi o status de sacerdote e o status de Fábio, quem era muito queridos e respeitados pelos seringueiros, aos quais lia e respondia cartas das famílias que enviavam do Ceará, e portanto, homem ao qual admiravam, os que terminaram salvando-o da fofoca:

—Sabem que sou amigo de todos. O nosso leiloeiro não errou. O pitiú foi assado por dona Zefa e deve estar gostoso. É o último lance da festa e, dentro de minutos, iremos recomeçar as danças de despedida. Mas há um engano. O leiloeiro viu, talvez em mais de uma ocasião, um sujeito vestido de escuro enveredar para a barraca de dona Zefa. Deviam saber também que resido na casa do padre Silveira. Fácil o engano. Quem ia à barraca referida não era o nosso bom reverendo. Quem era? Dirão vocês. Natal a pergunta. Era o amigo Fábio, sem nenhum mal.

A seringueirada deu uma risada, aumentando o preço da oferta.

[...]

—Perdão, padre! Aquilo foi brincadeira de mau gosto. Logo com o padre! Não deixe de vir no ano que vem. O senhor já está acostumado com as besteiras da gente.

Padre Silveira agradecia sorrindo, abençoando mulheres e crianças. Distribuía água benta, santinhos e conselhos.

Olhou para o terreiro: admirou, com enternecimento, aquele rapaz de poucos anos, que, para salvá-lo, assumira responsabilidade de atos que não praticara. (MAIA, 2019, p. 64)

O status, neste caso, serviu para duas coisas: o padre Silveira conseguira seu prazer e também para encobri-lo e resgata-lo das consequências. Assim, as relações amorosas não podem ser consideradas como desonestas ou honestas, já que serão diversos fatores os que condicionarão as condutas sexuais:

Arte de usar do prazer deve também se modular em consideração àquele que a usa e segundo o seu status. O autor do *Eróticos*, atribuído a Demóstenes, lembra-o segundo o Banquete: qualquer espírito sensato sabe muito bem que as relações amorosas de um rapaz não são "virtuosas ou desonestas de forma absoluta", mas que "elas diferem completamente segundo os interessados"; portanto, "não seria razoável seguir a mesma máxima em todos os casos". (FOUCAULT, 1984, p. 56)

Por outra parte, a intemperança aparece como o abuso do poder que dá o status para alcançar seu prazer. Para tal caso lembremos as besteiras do Mordomo Amindo Carranza, do romance *Biografía de un Machete*, de Amaya Amador, quem no seu status de mordomo da fazenda, aproveitava-se para estuprar as mulheres e para matar a Justina, quem não se deixou ser violada. Podemos mencionar também o caso de Jones, um comandante das bananeiras, quem para ficar com Juana, mandou matar a seu marido:

—¿Arreglaste el asunto de Jones?

—Ser inútil. Juana no aceptar. Decir tiene marido. Mi ofrecerle buena plata. Ella terca, míster. Por eso, yo decir a míster Jones, si él querer coger Juana, primero quitar marido. Marido estorbar.

[...]

—Yo conoce un hombre que por cien dólares y un pistola, dice que quitar de en medio al Amadeo.
 —¿Le conoces tú? ¿Es de confianza? Mira no nos meta en un lío.
 —Ser hombre. Le conocer yo en Costa Abajo. Se ha volado más de un docena. Trabajar limpio y largarse de aquí.
 —Siendo así, entonces, háblale.
 —Ya le hablé, mister. Sólo faltar la “monis”.
 Foxtter metió su mano en el bolsillo y sacó los cien dólares poniéndolos en la mesa, de donde los tomó el Capitán con sonrisa de bandolero. (AMAYA, 2019, p. 92)

E assim, sempre no mesmo romance, podemos mencionar também ao Capitão Encarnación Benítez e a violação de Catuca Pardo, filha de Lucio Pardo, um campenho das bananeiras que morava com sua família nos barracões das transnacionais. Combinando uma reunião com ela, já na meia-noite, em segredo, para falar sobre os planos que tinham os comandantes das bananeiras para matar a seu pai e a seu namorado, Marcos. Porém, aconteceu coisa diferente:

—¡Tendrás todo conmigo: sedas, crepes, zapatos finos, pulseras y anillos de oro, criadas; yo ganar los dólares!
 —No me diga eso que me ofende. Si me estima, prométame que no hará nada contra Marcos y mi papa. Yo le agradeceré todo mi vida y, a lo mejor, en el futuro, tal vez pueda quererlo, pero, ¡por favor..!
 La tierra está húmeda de las aguas sucias que allí tiran las cocineras día tras día y un hedor de lejía y lodo impregna el ambiente. La plaga señorea con su tétrico silbido sin fin.
 Se sucede una lucha en silencio. Un arañazo. Un mordisco. Y un bofetón sonoro del puño masculino.
 —¡Animal! ¡Bruto! ¡Te odio!
 [...]
 Las uñas de Catuca Pardo taladran la tierra esponjosa y remueven raíces de yerbas muertas porque las estrellas que sus ojos atisban sobre el hombro de Benítez, se ha pintado de rojo con lápices labiales de sexualidad. Cierra los ojos y oye a lo lejos una canción que, hasta ahora, nunca había escuchado en la noche.
 Hay neblinas y hace frío cuando Catuca Pardo se acuesta en su catre de lona. Tiene húmedos los ojos y desgarrado el camisón. En sus uñas, tierra y sangre de gente. ¡La sangre de su virginidad perdida! Varias horas la ha retenido el seductor. (AMAYA, 2019, p. 114)

Se vemos no início, Encarnación Benítez fala-lhe de riquezas, de uma vida melhor a seu lado: a ilusão de um status superior. Contudo, quando Catuca Pardo negou-se aos desejos do Capitão, este decide estupra-la, exercendo o poder que lhe dava seu status de capitão.

Por uma parte, temos a Catuca Pardo e Justina Jocotán, representando a pureza, o mantimento de uma promessa (Catuca estava apaixonada pelo Marcos e Justina casada com o Ezequiel Jocotán), e por outra, os poderosos, tendo o status a seu favor, aproveitaram-no para se comprazer. Assim, como diz Foucault, o arquétipo de virtude sexual podemos encontra-lo em estas duas mulheres:

Chegará o dia em que o paradigma utilizado mais frequentemente para ilustrar a virtude sexual será o da mulher ou da jovem que se defende contra os avanços daquele que tem todo o poder sobre ela; a salvaguarda da pureza e da virgindade, a fidelidade

aos compromissos e aos votos constituirão, então, a prova típica da virtude. (FOUCAULT, 1984, p. 76)

Mas, também, a virtude podemos encontra-la no Padre Silveira, não como o afastamento do prazer mesmo, senão temperança que se notou nele para satisfazer seu prazer. Isso, explicaria porquê apesar de ter estado com mulheres casadas, estes encontros não terminaram em brigas como sim passou em outros casos: foi, no modo geral, um homem comedido. Assim como conclui Foucault:

Estamos bem longe de uma forma de austeridade que tenda a sujeitar todos os indivíduos da mesma forma, os mais orgulhosos como os mais humildes, sob uma lei universal, da qual apenas a aplicação poderia ser modulada pela instauração de uma casuística. Ao contrário, tudo aqui é questão de ajustamento, de circunstância, de posição pessoal. As poucas grandes leis comuns — da cidade, da religião ou da natureza — permanecem presentes, mas como se elas desenhasses ao longe um círculo bem largo no interior do qual o pensamento prático deve definir o que convém fazer. E para isso ela não tem necessidade de algo como um texto que faça a lei, mas de uma *technē* ou de uma "prática", de um *savoir-faire* que, levando em conta os princípios gerais, guie a ação no seu próprio momento, de acordo com o contexto e em função de seus próprios fins. (FOUCAULT, 1984, p. 58)

Portanto, cada estratégia dos usos do prazer, são flexíveis e não-universais, que só podem ser aplicados nos contextos em que surgem estes "*chrēsis aphrodision*". Não por isso, contudo, quer dizer que não existe um código moral como tal: vemos que todas as estratégias têm intemperanças e temperanças, porém, não serão fixas, mas condicionadas pelo entorno nos quais os relacionamentos humanos surgem. O próprio Padre Silveira fala:

Qual malandragem? Bebida, mulher, rixa? São até válvulas contra maiores males. Temos que escurecer a vista e esquecer certos pecados. O mesmo pecador, em outro ambiente, não os cometeria. Para que a reclusão e a abstinência? Já é uma prova de esforço terem vivido. Sem essas válvulas, praticariam maiores crimes. (MAIA, 2019, p. 54)

E nesse aspecto, o Padre Silveira manteve-se virtuoso, já que não transgrediu nenhuma estratégia, e satisfez seu prazer que, segundo na perspectiva de Foucault, seria moralmente aceitável. Dentro da narrativa podemos vê-lo no sentido de que ninguém brigou com o Padre Silveira e inclusive, com a exceção de Fábio, nenhuma pessoa descobriu as aventuras do sacerdote, já que procurou se satisfazer sem excessos (estratégia da necessidade), aguardar o momento indicado (estratégia do *kairós*) e utilizou seu prestígio de sacerdote (estratégia do status) sem abusar da imagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Honduras e o Brasil são países com uma história, cultura, linguagem e presença diferentes. Algumas dessas diferenças são abismais. Podemos começar exemplificando, com o território, o Brasil, o quinto país mais extenso do mundo, é 76 vezes maior que Honduras. Mas também noutros aspectos: no esporte, o Brasil é o único pentacampeão do futebol mundial (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002); Honduras, pela sua parte, tem participado do Mundial apenas três vezes em toda sua história (1982, 2010 e 2014); e pior ainda, nunca consegue passar da primeira rodada (porém não por isso os hondurenhos não compartilham com os brasileiros essa paixão pelo esporte, nisso, não somos tão diferentes). Na cultura, o Brasil goza de uma cultura diversa e complexa: há diferentes *Braseis* no Brasil; e aquela teoria de Ángel Rama dos “territórios culturais” encaixa perfeitamente no Brasil, país multicultural que nos mostra uma riqueza maravilhosa de costumes, línguas, tradições e povos. Em Honduras, podemos falar de dez grupos étnicos (se considerarmos aos mestiços como um povo étnico), dos quais três deles já tem perdido sua língua ancestral e outros estão próximos a perde-la. Na gastronomia, cada região do Brasil tem seu próprio prato típico, em Honduras não há hondurenho que não tome café da manhã, almoce ou jante com “*baleadas*”, prato que pode encontrar em qualquer parte do país e que sua origem, interessantemente, vem da época das Bananeiras⁵⁸. Brasil é um país popular no mundo, seja pela sua música, sua cultura, por ser o único país latino que fala português, seu Amazonas (pessoalmente, eu, desde criança, assistia documentários sobre este paraíso tropical no qual tive a fortuna de morar) é demais. Honduras é um país *cinco estelas*⁵⁹ que ainda não tem muita presença a nível mundial, às vezes o hondurenho deve levar consigo um mapa para localizar ao estrangeiro onde fica seu país, os smartphones, nesse sentido, tem nos facilitado essa tarefa.

Estas diferenças, porém, não limitam a conversa, tudo ao contrário, exaltam-na como um desafio excitante e enriquecedor, para o leitor e para quem pesquisa. E, além das diferenças, temos algumas similitudes. O desenvolvimento das transnacionais bananeiras e a extração da borracha, foram resultado do comércio internacional ao qual o Brasil e Honduras (e todos os

⁵⁸ O historiador Julio César Zepeda rastreia as origens da Baleada na mistura gastronômica dos chefs asiáticos que as transnacionais trouxeram para cozinhar aos donos das Bananeiras; e que, com eles, trouxeram a tortilha de trigo, fundamental para a *Baleada*. Devemos esta tradição hondurenha a Teresa de Jesús Montaña, quem em 1964, perto das ferrovias da Standard Fruit Company, começaria a vender as baleadas aos jornaleros das bananeiras, barraca de comida que ainda hoje segue funcionando na cidade de La Ceiba, com o nome de “Baleadas Doña Tere”.

⁵⁹ A bandeira de Honduras tem cinco estelas, representando os países que conformaram a República Federal Centro-Americana (Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Costa Rica).

países latinos) se inseriram como produtores. Honduras produzia banana, mas, como explicam Laínez e Meza (1973), a finalidade da plantação de bananas era ornamental e não produtiva, isto mudou ao final do Século XIX e, especialmente, com a monopolização da produção bananeira. Por outro lado, o Amazonas brasileiro, com a revolução automobilística, o látex, originário desta região, tornou-se fundamental no comércio internacional. Porém aquele título de “época áurea” da Borracha, à luz de agora, seria mais um título irônico que uma realidade. Assim, como também aconteceu em Honduras com as Bananeiras, a Borracha não trouxe à região e a seus povoadores as riquezas que achavam que daria.

O sistema de aviamento, que consiste numa dívida contínua e impossível de saldar, foi um sistema utilizado tanto nas Bananeiras quanto na Borracha. Talvez a diferença não seja de estrutura, e sim de posicionamento dos trabalhadores. Como explica Teixeira e como vemos no *Beiradão* de Maia quando acontece a fuga dos primos, os seringueiros achavam que o sistema de aviamento os favorecia para poder se enriquecer e manter alguma liberdade trabalhista com os barracões; na verdade não foi assim. Este sistema de aviamento não favorecia aos seringueiros, já que os coronéis aproveitavam para manter essa dívida, porquanto eram eles quem gerenciavam o saldo e o “pagamento” dela. Como explica Caio Prado Jr., o sistema de aviamento é um sistema complexo e que pode se dar de formas diversas. Na Borracha deu-se a subordinação pessoal através da retenção por dívidas, nas Bananeiras teve dois momentos. Num primeiro momento através do pagamento em vales que eram descontáveis apenas nos barracões da empresa; e num segundo momento, quando depois das primeiras greves os jornaleiros conseguiram o pagamento em papel moeda, com o monopólio do comércio de produtos a mãos dos barracões das transnacionais. Este último tentaria se resolver na Grande Greve do 1954, uma das exigências dos trabalhadores era a desmonopolização do comércio de produtos de consumo.

Em termos gerais as Transnacionais e os Barões da Borracha agiram, política e economicamente de formas diferentes. A *United Fruit Company*, dedicou-se, além do comércio de banana, a monopolizar o transporte da Costa Norte do país; e a *Standard Fruit Company* dedicou-se a expandir seu comércio em outras áreas. Ainda hoje no país seguem funcionando empresas que eram subsidiárias da SFCo, como a *Cervecería Hondureña* ou o Banco *Atlántida*. Este agir econômico foi um pouco parecido aos Barões do Café do Sul de Brasil, que também expandiram seus comércios além do café. Os Barões da Borracha, pela sua parte, dedicaram-se apenas à Borracha, e talvez esse foi um dos múltiplos fatores da queda da Borracha, ademais dos já mencionados, como a carência de um comércio local de borracha que pudesse amortecer

as consequências da crise econômica de inícios do Século XX e a chegada dos seringais asiáticos ao mercado internacional.

Dos aspectos políticos e econômicos, passamos às características estéticas. Como já explica Ángel Rama, a autonomia das Américas não foi um projeto apenas político, senão também cultural e inclusive literário. Como vimos o romanticismo e o neoclassicismo, ambos elitistas, no sentido de representação dos povos, não conseguiram totalmente essa autonomia. O Realismo Social Hondurenho e o Modernismo Brasileiro surgem, talvez, como consequência da inserção dos países latinos ao comércio internacional e a presença do estrangeiro no agir local, essa autonomia pesquisada desde que começaram as independências das repúblicas americanas. O romanticismo procurou representar ao povo na literatura, porém, antes do Século XX, apenas o 30% estava alfabetizado, e estes românticos, que eram herdeiros da tradição neoclassicista, formavam parte de uma elite. Se nós indagarmos nas obras de Rubén Darío ou Neruda, veremos essas diferenças posicionais do escritor do Século XIX e o Século XX. As mudanças socioeconômicas, como uma educação mais acessível ao povo, permitiram que a literatura fosse praticada e consumida por um público maior. A literatura, diferente da música, o cinema ou a pintura, necessita, no mínimo, que o consumidor seja alfabetizado. Isto possibilitou que os escritores não ficassem apenas como uma elite social e cultural, como aconteceu com os românticos e os neoclassicistas. Agora a escritura era feita e consumida pelo povo e aquele solipsismo que ainda olhávamos no Modernismo Hispano-americano, vai desaparecendo pouco a pouco. Isto vemos nas biografias de Álvaro Maia e Ramón Amaya Amador, ambos pertencentes a uma classe social média.

Se falamos de Álvaro Maia e Ramón Amaya Amador, também as similitudes são chamativas. Ambos eram do interior do país, Maia de Humaitá, que para a época da Borracha seria elevada a cidade (1894); e Amaya de Olanchito, cidade que, para a época das Bananeiras, seria um dos centros políticos e econômicos mais importantes do norte de Honduras. Ambos foram jornalistas e romancistas; e também incursionaram na política. Maia como governador e Amaya como crítico do governo. Estas similitudes deram-me a ideia, num início, de nomear à pesquisa *“Os gêmeos dos cárceres verdes”*, primeiro aludindo a Maia e Amaya, e segundo, a Honduras e Brasil. Em ambos vemos a intenção humanista de representar as vivências e mudanças de seus povos, resultado dessa inserção comercial de Honduras e o Amazonas. Nas suas obras vemos uma intencionalidade de retratar o regional.

O realismo na literatura e em outras artes, não é a carência de posicionamentos políticos, mas, a capacidade de trazer à obra esses aspectos “extraliterários” e torna-los literários. A frase *“a razão que não é estética não é razão; a razão que é estética deixa de sê-lo”* de Bohdan

Dziemidok (2001), resume aquele Princípio da realidade do qual falavam Engels e Sartre e que autores latinos do Século XX, como Amaya Amador e Álvaro Maia conseguiram de forma magistral em suas obras. Quando este princípio da realidade é cumprido, é possível uma das formas da experiência estética, aquela que se relaciona à consciência de classe. A experiência estética, que é uma dialética entre a obra e o leitor, tornasse possível já que o leitor contrasta sua realidade com a realidade apresentada na obra; e isto, em aspectos políticos e sociais, permite também o desenvolvimento da consciência de classe. À consciência de classe pode se chegar de muitas formas; e neste estudo, por suas dimensões, nos enfocamos apenas nessa relação peculiar entre experiência estética e consciência de classe. A consciência de classe é um questionamento da realidade, do posicionamento do sujeito e seu coletivo na estrutura social, questionamento que, como explica Eagleton (1978), dá-se na literatura, porque, embora a arte pertença à superestrutura, a literatura, por ser um discurso, uma apresentação de ideias e representação da realidade, pode também criticar a superestrutura -à qual pertence- e também, com isto, criticar a ideologia vigente no momento em que foi escrita. O princípio da realidade se cumpre, neste sentido, porque apresenta-nos as vivências e situações de uma classe, seja esta média ou baixa, desde o olhar da mesma classe da qual se está escrevendo. Do mesmo modo se cumpre ao contrastar as obras literárias com o conhecimento de outras áreas, como a economia, a história, ou a sociologia. Inclusive, esta capacidade de dialogar com outras áreas de conhecimento, permite comprovar a qualidade do *realismo* destas obras.

Para concluir, pecarei com um “jogo de palavras”, tentando resumir a complexidade do comparativo econômico, literário, histórico e político das Bananeiras e a Borracha, posso dizer que: *nossas diferenças não são tão diferentes, nem nossas similitudes tão similares*; e talvez isso, como diria Gilbert Chaitin, se arraiga o interessantíssimo dos estudos comparados.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Napoleón. *La clase obrera hondureña: su papel histórico*. Tegucigalpa, Honduras: Guaymuras, 2017.

AGUADO VÁZQUEZ, José Carlos. *Identidad, corporeidad y cultura. Una propuesta conceptual desde la antropología*. IN: GIMENEZ, Gilberto; GUTIÉRREZ, Natividad (comp.). *Las culturas de hoy*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales, 2019.

ALBUQUERQUE, Durval Muniz. *Palavras que calcinam palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste*. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, vol. 15, n.º 28, 1995, p. 111-120.

AMAYA A., Ramón. *Biografía de un machete*. Tegucigalpa, Honduras: Guaymuras, 2003.

_____. *Las violetas del hambre, 2ª edição*. Honduras: ERAA, 2017.

_____. *Destacamento Rojo, 5ª. Edição*. Tegucigalpa, Honduras: Editorial Ramón Amaya Amador, 2018.

_____. *Prisión Verde, 27.a edição*. Tegucigalpa, Honduras: Editorial Ramón Amaya Amador, 2019.

ÁNGEL, Raquel. *Rebeldes y Domesticados: los intelectuales ante el poder*. Buenos Aires, Argentina: Ediciones El Cielo por Asalto, 1992.

AUERBACH, Erich. *Mímesis: Representación de la realidad en la Literatura Occidental*. 6 eds. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

BAJTIN, Mijail. *Teoría y Estética de la novela*. Madrid, Espanha: Taurus, 1989.

BARTHES, Roland. *Mitologías*, 12ª edição. México: Siglo XXI Editores, 1999.

CARBONELL, N.; VEGA, M. J. *Literatura Comparada, principios y métodos*. Madri, Espanha: Editorial Greidos, 1998.

BARAHONA, Marvin. *El silencio quedó atrás: Testimonios de la huelga bananera de 1954*. Tegucigalpa, Honduras: Editorial Guaymuras, 2004.

BOMENY, Helena. *Quando os números confirmam impressões: desafios na educação brasileira*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003. [Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1354.pdf].

BULMER, Víctor. *La historia económica de América Latina desde la independencia*. Trad. Mónica Utrilla de Neira. Cidade de México: Fondo de Cultura Económica, 2017.

CÁCERES, Miguel; ZELAYA, Sucelinda. *Honduras. seguridad productiva y crecimiento económico: la Función económica del cariato*. Anuario de Estudios Centroamericanos, Universidad de Costa Rica, 31, pp. 49-91, 2005.

CALLEJAS, José Jorge. *Miseria y despojo en Centroamérica*. México: Editorial Jus., 1954.

CARGNELUTTI, C. M.; ALÓS, Anselmo P. *Do universal ao plural: transformações teóricas no campo da Literatura Comparada*. Sociopoética, Brasil, Vol. 1, no. 21, 114-126, jan.-jun. 2019.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira, Vol. I e II. 9ª Eds.* Rio de Janeiro, Brasil: Editora Itatiaia Limitada, 2000.

_____. *Literatura e Sociedade*. 9ª Edição. Rio de Janeiro, Brasil: Ouro sobre Azul, 2006.

CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, J.;

DELGADO, L. *O Brasil Republicano, vol. 2: o tempo do nacional-estadismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÁRDENAS. Galel. *Hacia una guía metodológica generacional de la literatura hondureña*. Honduras: Editorial Argos, 2011.

CÁRDENAS, G.; GAITÁN, N. *Manual de literatura hondureña: estudios y antología*. Honduras: Galel Cárdenas Ferrera, 2018.

CARDOSO, Ciro; PÉREZ, Héctor. *Historia económica de América Latina, Tomo II: economías de exportación y desarrollo capitalista*. Barcelona, Espanha: Editorial Crítica, 1979.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada. 4ª edição*. São Paulo, Brasil: Editora Ática, 2007.

CATELLI, Nora. *Traducción y Literatura comparada*. 2011. 32f. Dissertação de Mestrado - Universidad Pompeu Fabra (UPF).

CEREDA, Ambrogia. Visibilidad y cultura visual. ¿Condiciones para una práctica de divulgación? IN: BARAIBAR, Álvaro (Ed.). *Humanidades Digitales: una aproximación transdisciplinar*. Espanha: SIELAE-JANUS, 2014.

CHAITIN, Gilbert. Otredad. La literatura comparada y la diferencia. IN: VEGA, María José; CARBONELL, Neus. *Literatura Comparada: Métodos y principios*. Madri, Espanha: Editorial Greidós, S. A., 1998.

DARÍO, Rubén. *Prosas Profanas y otros poemas*. México: Librería de la Vda de C. Bouret, 1915.

DEAN, Warren. *A Luta pela Borracha no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.

DZIEMIDOK, Bohdan. W. Tatarkiewicz y su estética. IN: TATARKIEWICZ, Wladyslaw. *Historia de seis ideas: arte, beleza, forma, criatividade, mimesis y experiencia estética, 6ª edição*. Tradução de Francisco Rodríguez Martín. Madri, Espanha: Tecnos, 2001.

EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 1978.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A Vontade de Saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Brasil: Edições Graal, 1988.

_____. *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Brasil: Edições Graal, 1984.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão, 20ª. Edição*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

_____. *Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo, Brasil: Companhia Editora Nacional, 1974.

GADAMER, Georg-Hans. *Verdade e Método, Vol. I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica, 3ª edição*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Vozes, 1997.

_____. *Verdade e Método, Vol. II: complementos e índice*. Trad. Ênio Paulo Giachini. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Vozes, 2002.

GNISCI, Armando. La literatura comparada como disciplina de descolonización. Trad. Pilar Álvaro. IN: CARBONELL, N.; VEGA, M. J. (org.) *Literatura Comparada: Principios y métodos*. Madrid, Espanha: Editorial Greidós, S. A., 1998.

GOMES, Angela Maria de Castro. *A invenção do trabalhismo, 3ª edição, 6ª reimpressão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

GONDIM, Neide. *Simá, Beiradão e Galvez, imperador do Acre (ficção e história)*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1996.

GRANDIN, Greg. *Fordlandia: The Rise and fall of Henry Ford's Forgotten Jungle City*. Estados Unidos: Metropolitan Books, 2009.

GRONDIN, Jean. *Hermenêutica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

HAUSER, Arnold. *Historia Social de la Literatura y el arte, 22ª. Edição, Tomo III*. Tradução: A. Tovar y F. P. Varas-Reyes. Espanha: Editorial Labor, S. A., 1993.

HERRERA, José Iván. Caracterización del enclave bananero. IN: *Historia de General de Honduras*. Tegucigalpa, Honduras: Universidad Nacional Autónoma de Honduras, 2010.

HUNT, Shane. América Latina en el Siglo XX. IN: GONZALES, E.; UGUÍÑIZ, J. Desarrollo económico y bienestar. Lima, Peru: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2009.

JAUSS, Hans Robert. *Pequena apologia a la experiencia estética*. Tradução: Daniel Innerarity. Barcelona, Espanha: Ediciones Paidós Ibérica, S.A., 2002.

JIMÉNEZ, Juan Ramón. *Guerra en España*. Sevilha, Espanha, Editorial Point de Lunettes, 2009.

KONDER, Leandro. *Os Marxistas e a arte*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Civilização Brasileira S. A., 1967.

LAÍNEZ, Vilma; MEZA, Víctor. *El enclave bananero en la historia de Honduras*. Nueva Sociedad. Honduras. Volume 6, 187-225p, maio-junho, 1973.

LESSA, Sergio. *A Centralidade ontológica do trabalho em Lukács*. Serviço Social e Sociedade, v. 52, pp. 7-23, Ed. Cortez, S. Paulo, 1996.

LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. *Soldados da borracha: das vivências do passado às lutas contemporâneas*. Manaus: Editora Valer e Fapeam, 2014.

LUKÁCS, Georg. *Problemas del realismo*. Tradução: Carlos Gerhard. México: Fondo de Cultura, 1966.

_____. *História e Consciência de Classe*. Tradução: Rodnei Nascimento. São Paulo, Brasil: Martins Fontes, 2003.

_____. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Civilização Brasileira, S. A., 1965.

_____. *Introdução a uma Estética Marxista*. 2ª eds. Brasil: Editora Civilização Brasileira, S. A., 1970.

MAIA, Álvaro. *Defumadores e porongas*. Manaus, Brasil: Edições do Governo do Estado do Amazonas, 1966.

_____. *Gente dos seringais, 2ª edição*. Brasília: Senado Federal Centro Gráfico, 1987.

_____. *Banco de Canoa (Cenas de rios e seringais do Amazonas, 2. Ed.* Manaus, Brasil: Editora da Universidade do Amazonas, 1997.

_____. *Beiradão, 3ª edição*. Manaus, Brasil: Editora Valer, 2019.

MARTINELLO, Pedro. *A Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial*. Rio Branco: Edufac, 2004.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel. 1979.

NERUDA, Pablo. *Odas Elementales, 2ª edição*. Chile: Pehuén Editores, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Vontade de poder, 1ª reimpressão*. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro, Brasil: Contraponto Editora, 2011.

OVEJERO, Félix. *El compromiso del Creador: Ética de la estética*. Espanha: Galaxia Gutenberg, S.L., 2014.

PÉCAUT, Daniel. A geração dos anos 1920-40. Tradução de Maria Júlia Goldwasser In: *Intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

PERDICES, L.; REDONDO, M. S. *Economía y Literatura*. Madri, Espanha: Editorial del Economista, 2006.

PRADO JUNIOR, Caio. *História econômica do Brasil, 26ª edição*. São Paulo, Brasil: Editora Brasiliense, 1981.

RAMA, Ángel. *Diez problemas para el novelista latinoamericano*. Colômbia: Universidad de los Andes, 1972.

_____. *La modernización literaria latinoamericana (1870-1910)*. Hispamérica. Argentina, Vol. 12, No. 36, pp. 3-19, Dez., 1983.

_____. *La crítica de la cultura en América Latina*. Barcelona, Espanha: Biblioteca Ayacucho, 1985.

_____. *Transculturalización Narrativa en América Latina, 2ª edição*. Buenos Aires, Argentina: Ediciones El Andariego, 2008.

RAMOS, Paula Mirana de Sousa, *Ressonâncias da Política na Literatura Amazonense, 2016, 250f.* Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

REMAK, Henry. Literatura comparada: definição e função. IN: COUTINHO, E.; CARVALHAL, T. (org.) *Literatura comparada: Textos fundadores*. Brasil: Editora Rocco, 1994.

ROBLEDA, Agapito. *La verdad de la huelga de 1954 y de la formación del SITRATERCO, 2ª edición*. San Pedro Sula: Impresora Litográfica San Felipe de Jesús S. de R.L., 2008.

SÁNCHEZ V., Adolfo. *Cuestiones estéticas y artísticas contemporáneas, 2ª edição*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

_____. *Antología de textos de estética y teoría del arte, reimpressão*. México: Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), 1978.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é literatura? 3ª edição*. Tradução: Carlos Felipe Moisés. São Paulo, Brasil: Editora Ática, 2004.

SECRETO, María Verónica. *A ocupação dos “espaços vazios” no governo Vargas: do “Discurso do rio Amazonas” à sagados soldados da borracha*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 40, pp. 115-135, julho-dezembro, 2007.

SKIDMORE, Thomas E. *Brazil: Five Centuries of Change*, 2ª edição. Nova York: Oxford University Press, 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da burguesia brasileira*. Rio de Janeiro, Brasil: Civilização Brasileira, 1976.

SCHWARTZ, Pedro. Oliver Twist vítima de las leyes de pobres. IN: PERDICES, Luis; REDONDO, Manuel. *Economía y Literatura*, 2ª Edição. Madri, Espanha: Editorial del Economista, 2006.

STROBER, Myra H. *Interdisciplinary conversations challenging habits of thought*. Estados Unidos: Standford University Press, 2010.

TATARKIEWICZ, Wladyslaw. *Historia de seis ideas: arte, belleza, forma, creatividad, mimesis y experiencia estética*, 6ª edição. Tradução de Francisco Rodríguez Martín. Madri, Espanha: Tecnos, 2001.

TEIXEIRA, Carlos Corrêa. *Servidão Humana na selva*, 2ª edição. Manaus, Brasil: Editora Valer, 2019.

THOMPSON KLEIN, Julie. *Interdisciplinarity: History. Theory, and Practice*. Detroit, Estados Unidos: Wayne Sute UP, 1990.

VILLEGAS, I; REYES, D.; ROJAS, C. *¿Qué es literatura comparada? Impresiones actuales*. México: Universidad Veracruzana, 2014.

WALLACE, Arturo. *¿Cómo se convirtió Honduras en la “república bananera” por excelencia?*. BBC Mundo, mayo 2017. Disponível em: < <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-39693332> > Acesso: 05 de abril de 2020.

WELLEK, René. A crise da literatura comparada. IN: COUTINHO, E.; CARVALHAL, T. *Literatura comparada: Textos fundadores*. Brasil: Editora Rocco, 1994.

WOLFE, Joel. Cambio y continuidad: Brasil de 1930 a 1945. IN: DRINOT, Paulo;

KNIGHT, Alan. *La Gran Depresión en América Latina*. Trad. Alejandro Pérez-Sáez. México: Fondo de Cultura Económica, 2015.

ZEPETNEK, Steven Tötösy de. *Comparative Literature: Theory, Method, Application*. Amsterdam, Países Baixos: Editions Rodopi, 1998a.

_____. *La literatura comparada y la aproximación sistémica a la literatura y a la cultura*. Trad. N. Carbonell e M. J. Vega. IN: CARBONELL, N.; VEGA, M. J. *Literatura Comparada: Principios y métodos*. Madri, Espanha: Editorial Greidós, S. A., 1998b.